



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

JOÃO VICTOR BATISTA DE ALBUQUERQUE

**AGRICULTURA FAMILIAR E DIGITALIZAÇÃO DO MUNDO  
RURAL:  
O CASO DO MUNICÍPIO DE SÃO PEDRO DO TURVO – SP**

---

Londrina-PR  
2024

JOÃO VICTOR BATISTA DE ALBUQUERQUE

**AGRICULTURA FAMILIAR E DIGITALIZAÇÃO DO MUNDO  
RURAL:**

**O CASO DO MUNICÍPIO DE SÃO PEDRO DO TURVO – SP**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina - UEL como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Rafael Braz da Silva

Londrina-PR  
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Albuquerque, João Victor Batista de.

Agricultura familiar e digitalização do mundo rural : o caso do município de São Pedro do Turvo - SP / João Victor Batista de Albuquerque. - Londrina, 2024.  
152 f.

Orientador: Rafael Braz da Silva.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2024.

Inclui bibliografia.

1. Agricultura familiar - Tese. 2. Tecnologia da informação e comunicação - Tese. 3. Habitus - Tese. I. Braz da Silva, Rafael . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. III. Título.

CDU 316

JOÃO VICTOR BATISTA DE ALBUQUERQUE

**AGRICULTURA FAMILIAR E DIGITALIZAÇÃO DO MUNDO  
RURAL:**

O caso do município de São Pedro do Turvo – SP

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina - UEL como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Orientador Dr. Rafael Braz da Silva  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof. Dr. Paulo Bassani  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Rosivaldo Pellegrini  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 25 de março de 2024.

## AGRADECIMENTOS

Não parece plausível que o autor seja capaz de fazer justiça a todos aqueles que de maneira direta ou indireta ajudaram na construção desta pesquisa. Portanto, limito-me a uma missão mais modesta de apontar somente os imprescindíveis, dos quais não posso me furtar à menção.

Agradeço, primeiramente, a duas mulheres das mais importantes: Minha mãe, Kelly Regina Batista de Oliveira, e minha noiva, Layane Caroline Bonsegno de Oliveira. Sem o auxílio delas, dos mais variados e cotidianos, certamente não encontraria condições e ânimo para cruzar por dois anos consecutivos os 170 quilômetros de distância que separam Santa Cruz do Rio Pardo de Londrina.

Laura, minha enteada, e Paulo Augusto, meu irmão, são outros personagens importantes desta trajetória. Mas não somente por ocasião da pesquisa, já que fortalecem em mim a via da afetividade que compõe o sentido profundo que enche de significado os desafios enfrentados no dia a dia.

A respeito dos colegas de trabalho e estudantes (além dos familiares) da E. E. Professor Homero Calvoso, agradeço especialmente à professora Vanessa Andrade Paulino, dona de exuberante generosidade, que ainda enquanto vice-diretora da instituição, em 2021, me acolheu enquanto professor recém-chegado no município e, nessa pesquisa, se colocou sempre à disposição.

Também à estudante Thayane Mendonça, que acabou cumprindo papel inesperado, mas bastante relevante ao contribuir no registro fotográfico da Festa da Bandeira. Outra figura que não pode deixar de ser citada é José Prado, primeiro informante que deu início ao desenrolar da investigação. Capaz de concreta perspectiva crítica, me contou sobre a situação das famílias que eu iria entrevistar e, assim, foi o primeiro colega de trabalho a reconhecer não somente o professor recém-ingresso na escola, mas também como de pesquisador que estava começando a cumprir.

Por fim, mas não menos importante, lembro-me de quão animado tomava a estrada de retorno para Santa Cruz depois de acompanhar as aulas do PPGSOC/UDEL, ou logo depois de uma conversa otimista com o orientador, Drº Rafael Braz da Silva. A beleza do campus e o bom humor das pessoas que tive contato na Universidade Estadual de Londrina contribuíram, certamente, para encontrar contentamento de permeio ao esforço empregado.

ALBUQUERQUE, João Victor Batista de. **Agricultura familiar e digitalização do mundo rural**: o caso do município de São Pedro do Turvo – SP. 152 fls. Trabalho de Dissertação do Mestrado em Sociologia – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

## RESUMO

Durante o ano de 2021, no contexto de pandemia gerado pela propagação da Covid-19, o pesquisador cumpriu a função de Professor de Apoio à Tecnologia (PROATEC) em uma escola estadual do município de São Pedro do Turvo, São Paulo. No cumprimento das tarefas designadas, foram observadas situações que apontavam para um recente processo de digitalização do público escolar, influenciado pela forte demanda por adequação às tecnologias recém-implementadas que, apesar de impactar todas as famílias, parecia exercer um papel ainda mais transformador entre famílias residentes na área rural do município.

A hipótese de que a demanda por adaptação às novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) atingia de maneira particular as famílias de pequenos agricultores levou ao interesse de investigar a realidade dessas famílias e, especificamente, como essas faziam uso das TIC na esfera doméstica.

As indagações iniciais foram formuladas em um projeto de pesquisa aprovado em 2022 no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina (PPGSOC/UEL), e o que se tem aqui é uma apresentação final dos resultados obtidos pela pesquisa que foi desenvolvida há quase dois anos em âmbito acadêmico.

À vista disso, o texto está estruturado em três partes. Na primeira, apresentamos uma revisão teórica que tem como foco o agricultor familiar como sujeito social frente às transformações do mundo rural. Na segunda parte, trabalhamos com dados estatísticos de fontes secundárias, assim como dados primários produzidos por meio de entrevistas do tipo semiestruturada realizadas com o total de seis famílias.

Finalmente, na terceira parte, assumimos o desafio de lançar mão do conceito de *habitus*, do sociólogo francês Pierre Bourdieu, para analisar os dados qualitativos da pesquisa, a saber, os relatos das famílias de pequenos agricultores obtidos por meio de entrevistas.

Como resultados alcançados, verificamos que o período em que o Estado exerceu maior esforço contra a propagação do vírus, entre 2020 e 2021, coincidiu com o aumento significativo de TIC nas áreas rurais do Brasil e, especificamente, em São Pedro do Turvo.

Além disso, encontraram-se justificativas para propor que o modo de utilização das TIC pelas famílias tem em comum o uso qualificado da tecnologia, ou seja, um notável equilíbrio em que os dispositivos são tomados como ferramentas para interesses e necessidades reais ou situações não inéditas, maneira de utilização aparentemente pouco impulsiva e mais cadenciada das tecnologias em mãos. Também foi possível registrar aspectos culturais das famílias que

participaram da pesquisa e, sempre que possível, comparar a contribuição da literatura clássica da Sociologia Rural às práticas e eventos tradicionais das famílias são-pedrenses.

**Palavras-chave:** Agricultura Familiar; Tecnologia da Informação e Comunicação; Habitus.

ALBUQUERQUE, João Victor Batista de. **Family farming and digitization of the rural world**: the case of the municipality of são pedro do turvo - sp. 152 fls. Trabalho de Dissertação do Mestrado em Sociologia – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024

### ABSTRACT

During the year 2021, in the context of the pandemic generated by the spread of Covid-19, the researcher served as a Technology Support Teacher (in portuguese: Professor de Apoio à Tecnologia - PROATEC) at a state school in the municipality of São Pedro do Turvo, São Paulo. In the fulfillment of the assigned tasks, situations were observed that pointed to a recent process of digitization of the school population, influenced by the strong demand for adaptation to newly implemented technologies that, despite impacting all families, seemed to play an even more transformative role among families residing in the rural area of the municipality.

The hypothesis that the demand for adaptation to new information and communication technologies (ICT) particularly affected the families of small farmers led to an interest in investigating the reality of these families and, specifically, how they used ICT in the domestic sphere.

The initial inquiries were formulated in a research project approved in 2022 in the Graduate Program in Sociology at the State University of Londrina (in portuguese: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Londrina - PPGSOC/UEL), and what we have here is a final presentation of the results obtained from the research that was developed almost two years ago in an academic context.

In view of this, the text is structured in three parts. In the first, we present a theoretical review focusing on the family farmer as a social subject facing the transformations of the rural world. In the second part, we work with statistical data from secondary sources, as well as primary data produced through semi-structured interviews conducted with a total of six families.

Finally, in the third part, we take on the challenge of using the concept of habitus, by the French sociologist Pierre Bourdieu, to analyze the qualitative data from the research, namely, the reports of small farmer families obtained through interviews.

As for the results achieved, it was found that the period in which the State made the greatest effort against the spread of the virus, between 2020 and 2021, coincided with a significant increase in ICT in rural areas of Brazil and, specifically, in São Pedro do Turvo.

In addition, justifications were found to propose that the mode of use of ICT by families has in common the qualified use of technology, that is, a remarkable balance in which the devices are taken as tools for real interests and needs or non-unprecedented situations, apparently less impulsive and more paced use of the technologies at hand. It was also possible to record cultural aspects of the families that participated in the research and, whenever possible, to compare the

contribution of classic literature in Rural Sociology to the traditional practices and events of the families from São Pedro do Turvo.

**Keywords:** Family Farming; Information and communication technology; Habitus.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 - Estufa de chão construída por mutirão no sítio dos Sousa .....</b>	<b>45</b>
<b>Figura 2 - Centro Comunitário do bairro Palmital 2 .....</b>	<b>47</b>
<b>Figura 3 - Residência de Joaquim e Benedita Moraes .....</b>	<b>49</b>
<b>Figura 4 - Preparo do porco por Joaquim e Benedita de Moraes .....</b>	<b>51</b>
<b>Figura 5 - Cozimento no tacho de ferro.....</b>	<b>51</b>
<b>Figura 6 - Estufa hidropônica de Vá e Rô Andrade .....</b>	<b>899</b>
<b>Figura 7 - Abertura da festa no Centro Comunitário do Palmital 2 .....</b>	<b>1255</b>
<b>Figura 8 - Capela do Centro Comunitário.....</b>	<b>1266</b>
<b>Figura 9 - Altar do capitão .....</b>	<b>1277</b>
<b>Figura 10 - Panfleto ilustrado com Emoticon .....</b>	<b>1288</b>
<b>Figura 11 - Banquete .....</b>	<b>1288</b>
<b>Figura 12 - Recepção da bandeira pelo casal festeiro .....</b>	<b>12929</b>
<b>Figura 13 - Vá e Rô com a bandeira de São João .....</b>	<b>13030</b>
<b>Figura 14 - Altar do festeiro .....</b>	<b>13131</b>
<b>Figura 15 - Terço.....</b>	<b>1311</b>
<b>Figura 16 - Música litúrgica no violão .....</b>	<b>1322</b>
<b>Figura 17 - Hasteamento da bandeira de São João.....</b>	<b>1333</b>
<b>Figura 18 - Registros e rojões, inicia-se mais uma festa de São João .....</b>	<b>1333</b>

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1 – Evolução de acessos/densidade de Telefonia Móvel .....</b>	<b>566</b>
<b>Gráfico 2 – Evolução de acessos/densidade de Banda Larga Fixa .....</b>	<b>56</b>
<b>Gráfico 3 – Evolução de acessos/densidade de TV por assinatura (até abril de 2023).....</b>	<b>577</b>
<b>Gráfico 4 – Quantidade de municípios que decretaram isolamento social..</b>	<b>588</b>
<b>Gráfico 5 - Dinâmica complementar das festas de São João e São Pedro</b>	<b>1233</b>

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Família A – Sítio dos Mendonça .....	31
Quadro 2 - Família B – Sítio dos Moraes .....	31
Quadro 3 - Família C – Sítio dos Antunes .....	31
Quadro 4 - Família D – Sítio dos Souza .....	32
Quadro 5 - Família E – Sítio dos Andrade .....	32
Quadro 6 - Família F – Sítio dos Gomes na Gleba dos “sem-terra” .....	32
Quadro 7 - Família A: Tamanho relatado da propriedade, cultivo para subsistência, cultivo para venda, criação, origem da propriedade e pluriatividade.....	33
Quadro 8 - Família B: Tamanho relatado da propriedade, cultivo para subsistência, cultivo para venda, criação, origem da propriedade e pluriatividade.....	34
Quadro 9 - Família C: Tamanho relatado da propriedade, cultivo para subsistência, cultivo para venda, criação, origem da propriedade e pluriatividade.....	35
Quadro 10 - Família D: Tamanho relatado da propriedade, cultivo para subsistência, cultivo para venda, criação, origem da propriedade e pluriatividade.....	36
Quadro 11 - Família E: Tamanho relatado da propriedade, cultivo para subsistência, cultivo para venda, criação, origem da propriedade e pluriatividade.....	37
Quadro 12 - Família F: Tamanho relatado da propriedade, cultivo para subsistência, cultivo para venda, criação, origem da propriedade e pluriatividade.....	38
Quadro 13 – Dados agropecuários de São Pedro do Turvo-SP .....	41
Quadro 14 - USUÁRIOS DE INTERNET (POR DISPOSITIVO UTILIZADO).....	54
Quadro 15 - INDIVÍDUOS QUE NUNCA UTILIZARAM INTERNET (POR MOTIVO DECLARADO PARA NUNCA TER UTILIZADO A INTERNET) .....	54
Quadro 16 - Tipo de TIC, conectada ou não à internet, e quantidade (entre abril e junho de 2023).....	62
Quadro 17 - Tipo de internet em uso no período da pesquisa (entre abril e junho de 2023) .....	63
Quadro 18 - Equipamentos e TIC utilizados diretamente em atividade de produção, compra de insumo ou venda de produto (especificado o uso do aplicativo WhatsApp) (entre abril e junho de 2023) .....	63
Quadro 19 - Condição familiar de permanência na propriedade .....	90

## LISTA DE MAPAS

<b>Mapa 1 - Microrregião de Ourinhos – SP / Áreas Urbanizadas – 2019.....</b>	<b>41</b>
<b>Mapa 2 - Geolocalização das famílias e antenas de telecomunicação / setores / rodovias.....</b>	<b>611</b>
<b>Mapa 3 - Localização das propriedades pesquisadas / São Pedro do Turvo – SP .....</b>	<b>622</b>
<b>Mapa 4 - População dos municípios de São Paulo – 2022 .....</b>	<b>1366</b>
<b>Mapa 5 - Área dos municípios de São Paulo – 2022 .....</b>	<b>1366</b>

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CMSP – Centro de Mídias São Paulo

DERO – Diretoria de Ensino de Ourinhos

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EFAPE – Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação do Estado de São Paulo

MEC – Ministério da Educação e Cultura

NEM – Novo Ensino Médio

TIC – Tecnologia de Informação e Comunicação

TDIC – Tecnologia Digital de Informação e Comunicação

PROATEC – Professor de Apoio à Tecnologia e Inovação

SED – Secretaria Escolar Digital

SEDUC-SP – Secretaria de Educação do Estado de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	<b>5</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>6</b>
<b>LISTA DE FIGURAS</b> .....	<b>10</b>
<b>LISTA DE GRÁFICOS</b> .....	<b>11</b>
<b>LISTA DE QUADROS</b> .....	<b>12</b>
<b>LISTA DE MAPAS</b> .....	<b>13</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS</b> .....	<b>14</b>
<b>SUMÁRIO</b> .....	<b>15</b>
<b>1 APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>1</b>
1.1 OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	4
1.1.1 Objetivos Específicos.....	4
1.1.2 Corpus empírico.....	5
1.1.3 Entrevista Qualitativa de tipo semiestruturada .....	6
<b>PARTE I</b> .....	<b>8</b>
<b>2 AGRICULTURA FAMILIAR COMO CONCEITO GENÉRICO</b> .....	<b>9</b>
<b>3 RUPTURAS E CONTINUIDADE NA OBRA “OS PARCEIROS DO RIO BONITO”</b> .....	<b>13</b>
<b>4 COMO O TRABALHO CAMPONÊS DE ALGUMA MANEIRA SE TORNOU O OPOSTO À VIDA?</b> .....	<b>22</b>
<b>PARTE II</b> .....	<b>29</b>
<b>5 INFORMAÇÕES PRELIMINARES</b> .....	<b>30</b>
5.1 PADRÕES FAMILIARES .....	30
5.2 PERFIL DA PRODUÇÃO E ORIGEM DA PROPRIEDADE .....	33
5.3 O MUNICÍPIO.....	40
<b>6 MANIFESTAÇÕES DA CULTURA CAMPONESA</b> .....	<b>44</b>
6.1 O MUTIRÃO .....	44
6.2 FESTA DA BANDEIRA DE SÃO JOÃO E DE SÃO PEDRO.....	48
5.3 CULTURA RÚSTICA E COZIMENTO NO TACHO DE FERRO.....	49
<b>7 VARIAÇÃO DE ESCALAS: EVOLUÇÃO DAS TIC NO BRASIL E EM SÃO PEDRO DO TURVO</b> .....	<b>52</b>
7.1 QUADRO GERAL SOBRE USO DE TIC NO BRASIL.....	52
7.2 EVOLUÇÃO DE ACESSO À INTERNET EM SÃO PEDRO DO TURVO – SP .....	55
7.3 TIC DAS FAMÍLIAS E MOTIVO DE AQUISIÇÃO .....	60
7.4 REALIDADE DIGITAL NA AGRICULTURA EM NÍVEL LOCAL.....	69

7.5 O <i>HABITUS</i> COMO LIMITE DO CÁLCULO ESTRATÉGICO NA ADAPTAÇÃO A UM RURAL DIGITALIZADO .....	74
<b>PARTE III .....</b>	<b>78</b>
<b>8 ANALISANDO PARTICULARIDADES NA AMOSTRA .....</b>	<b>79</b>
8.1 O “SÍTIO” COMO CAPITAL HERDADO .....	79
8.2 AS PREFERÊNCIAS NO USO DA INTERNET .....	91
<b>9 O LUGAR DAS TIC EM SITUAÇÕES COTIDIANAS .....</b>	<b>105</b>
9.1 COMUNICAÇÃO COM A CLIENTELA .....	105
9.2 ESTRATÉGIAS PARA LIDAR COM MOMENTOS CRÍTICOS .....	106
9.3 O ACESSO A POLÍTICAS PÚBLICAS COM AUXÍLIO DE TIC.....	108
9.4 PERSPECTIVAS GERACIONAIS: EDUCAÇÃO E PROFISSÃO .....	110
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>116</b>
<b>ANEXO I.....</b>	<b>121</b>
<b>ANEXO III.....</b>	<b>136</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>137</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

Como introdução a esta pesquisa optou-se por relatar o processo acelerado de adoção de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC)<sup>1</sup> no espaço escolar da E. E. Professor Homero Calvoso, onde estudam jovens da agricultura familiar que vivem nos “sítios”<sup>2</sup> da área rural do município de São Pedro do Turvo - SP.

Em 2021, como professor do Projeto de Apoio à Tecnologia e Inovação (PROATEC)<sup>3</sup> da E. E. Professor Homero Calvoso, tinha como função realizar o acompanhamento do manuseio das plataformas digitais implementadas pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (Seduc-SP) e dos equipamentos de tecnologia da escola, além de elaborar formações para professores e alunos das principais mudanças que ocorrem periodicamente nestas plataformas.

O Centro de Mídias de São Paulo (CMSP)<sup>4</sup> é uma destas plataformas implementadas massivamente por toda Rede Estadual de Ensino desde que a Pandemia de Covid-19 se tornou uma dura realidade a ser enfrentada, sendo uma iniciativa inovadora que visa contribuir com a formação de professores e alunos para uma educação mais tecnológica e criar uma estrutura oficial para a oferta de aulas remotas. Assim, encontram-se na plataforma salas de aula virtuais em que os conteúdos do Ensino Fundamental, Médio e EJA são diariamente transmitidos por professores da Escola de Formação dos Profissionais da Educação (EFAPE), além disso, a plataforma também oferece ferramentas necessárias para que os professores que compõem o quadro escolar da Rede possam reunir os estudantes e ministrar suas aulas de modo remoto.

Em minha experiência prática, o CMSP se tornou uma plataforma digital de planificação do conteúdo curricular do Novo Ensino Médio (NEM)<sup>5</sup>, pois à medida

---

<sup>1</sup> Adotamos o termo TIC em seu sentido ampliado como equipamento que pode ou não estar conectado à internet, ou seja, abarcando também o sentido dado ao termo TDIC (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação). Assim, além das TIC tradicionais, como televisão, rádio e telefone, consideramos sob a mesma nomenclatura também as tecnologias estritamente digitais, como: internet fixa, wi-fi ou móvel, computador, notebook, aparelho celular (smartphone), tablet, redes sociais, aplicativos, softwares e outros.

<sup>2</sup> Nesta dissertação, a palavra sítio será utilizada com aspas por se tratar de uma expressão nativa da própria comunidade escolar para designar a área rural onde reside boa parte dos alunos e funcionários da escola.

<sup>3</sup> Instituído pela Resolução Seduc-7, 11-01-2021.

<sup>4</sup> Instituído pelo Decreto Estadual 64.982 de 20-05-2020.

<sup>5</sup> Até agora, o Estado de São Paulo é o único a ter finalizado a implementação do Novo Ensino Médio entre todas as redes estaduais. Em 2021, as turmas dos primeiros anos do ensino médio foram pioneiras na adoção da nova estrutura. Um dos principais pontos da mudança foi a concretização do

que a pandemia forçou meses seguidos de aulas remotas, algo que ainda hoje é uma possibilidade plausível de retornar, as aulas dos professores da EFAPPE foram se tornando a principal via de transmissão desses objetos do conhecimento, já que o CMSP consegue registrar a frequência e a participação dos estudantes e professores em atividades nessa plataforma e, assim, “avaliá-los”.

Concomitantemente aos períodos de implementação do isolamento social, tornaram-se rotina os encontros semanais nas salas de aulas virtuais do CMSP ou mesmo em conversas privadas pelo WhatsApp com o propósito de sanar possíveis dúvidas dos estudantes. Por outro lado, uma estratégia da coordenação pedagógica foi propor aos professores a construção de atividades semanais ou quinzenais que poderiam ser impressas e entregues aos alunos que se dispusessem a retirar o material na escola – ação que acabou alcançando um resultado perceptível e, em alguns casos, se tornou o único meio de avaliação do estudante pelo professor.

Ainda nessa fase, houve a expectativa de que os estudantes que receberam chips com 3 GB de internet pelo programa de distribuição de chips da Seduc-SP fossem capazes de acompanhar as aulas virtuais de cada disciplina. Porém, longe do programa alcançar o objetivo proposto<sup>6</sup>, a disponibilização dos chips para o público do Homero Calvoso não resultou em uma maior presença nas salas de aula virtuais e, além disso, tornaram-se realmente comuns aulas virtuais sem nem mesmo um único aluno conectado.

Logo, em 2021, ficou evidente que havia uma necessidade de adaptação à tecnologia ligada às novas atividades escolares. Participar das aulas e atividades do CMSP se tornou a principal via de educação escolar para os alunos da E. E. Professor Homero Calvoso, principalmente para aqueles que residiam longe do colégio e, por isso, estavam impossibilitados de ter acesso às atividades quinzenais impressas pela escola. Nesse processo acelerado de aquisição de TIC pautado pela demanda do ensino remoto, computadores, celulares e internet se tornaram-se

---

Currículo em Ação como principal material didático. Trata-se de um livro estruturado como um roteiro que conta com considerável presença de links de internet e QR Codes, normalmente acompanhados por enunciados, textos enxutos ou, simplesmente, imagens. O Currículo em Ação é o material obrigatório que representa a reestruturação do Currículo Paulista sob as diretrizes do NEM.

<sup>6</sup>Em 2022 houve a ampliação do programa de distribuição de chips. Em declaração de Renilda Peres, da Secretária Estadual da Educação: “A inclusão tecnológica dos estudantes é fundamental para reduzir as desigualdades. Neste sentido, nosso objetivo com a distribuição dos chips é apoiar os estudantes a acessarem o Centro de Mídias e demais canais de educação, combater a evasão escolar e atuar diretamente na recuperação de aprendizagem.” Acesso em: <https://www.educacao.sp.gov.br/educacao-sp-amplia-distribuicao-de-chips-para-estudantes-da-rede-estadual/>.

instrumentos sem precedentes para estudantes de famílias de agricultores, que se viram sob o risco de ficar à margem do processo de aprendizado, uma realidade que observei diariamente ao cumprir a função de PROATEC nessa escola.

No ano de 2023, a SEDUC abriu um leque ainda maior de plataformas digitais que estão sendo implementadas e passaram a fazer parte da realidade de professores e estudantes da Rede Estadual de Ensino.

Dentre estas plataformas, podemos citar: O aplicativo Sou.sp.gov, que é uma plataforma cuja função mais inovadora é a de centralizar o encaminhamento de atestado médico e justificativas de faltas em geral, tarefa antes exercida pelo secretário da unidade escolar; O Khan Academy e o Me Salva!, duas plataformas baseadas no conceito de *gameficação* e visam complementar as aulas consideradas convencionais; Por fim, há a digitalização do material didático – a recente decisão do Governador Tarcísio de Freitas em dispensar os livros didáticos do Ministério da Educação e Cultura (MEC) em favor de um material totalmente digital produzido pela própria Secretaria e disponibilizado no Repositório do CMSP, em formato PDF ou Powerpoint. A decisão pela mudança acabou gerando grande repercussão negativa entre profissionais e especialistas da área da educação.

As novas decisões da Secretaria sob a gestão de Renato Feder aprofundam ainda mais esse processo de digitalização do espaço escolar, além de indicar para o interesse da total *plataformização* da educação e do trabalho docente. Na prática, estão sendo exigidas novas habilidades e obrigatoriedades no exercício do trabalho docente sem que haja uma consideração do conhecimento prévio do profissional e uma formação adequada que considere essa condição inicial. No caso do estudante, a aprendizagem através de TIC exige uma postura procedimental com relação ao material digitalizado, plataformas e equipamentos, que muitas vezes não está naturalizada naqueles que vivem em áreas menos urbanizadas. E se existe por parte do jovem estudante uma maior afinidade no uso de aplicativos e plataformas, isso não obrigatoriamente se manifesta como interesse pelas “inovações” da educação.

Logo, essa diferença entre o que é propagandeado pelo Governo de São Paulo e o que é vivido no “chão da escola” levanta problemas para uma agenda de pesquisa que visa compreender os modos de uso das TIC por diferentes agentes sociais que se deparam com a necessidade de “reconversão do capital” – para usar

uma expressão de Pierre Bourdieu (2011) – em um momento em que o “saber digital” ganha rápida relevância.

E é sobre esse contexto de transformação da realidade rural causada pela obrigatoriedade de aquisição e adaptação às TIC por parte de alunos pertencentes à agricultura familiar que justificamos a importância de uma pesquisa sociológica que considere o modo de uso destas tecnologias nas propriedades dos agricultores familiares do município.

Assim, nosso objetivo está em compreender a lógica das estratégias aplicadas pelos agricultores familiares que residem nos “sítios” e que desde 2020 fazem parte da comunidade escolar da E. E. Professor Homero Calvoso, em São Pedro do Turvo- SP, no que diz respeito à maneira que se apropriam e utilizam as TIC na vida cotidiana.

Por fim, o *habitus* será nosso principal instrumento de análise na pesquisa. Seguindo as orientações do próprio Bourdieu (1999), podemos dizer que inevitavelmente essa escolha teórica determinará nosso olhar para o grupo social a ser estudado, conduzirá perguntas e possibilitará hipóteses prévias a serem testadas. Portanto, podemos afirmar também que não almejamos responder absolutamente tudo sobre o objeto, mas apenas aquilo que a decisiva escolha teórica nos possibilitou interrogar.

## 1.1 OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Compreender a lógica das estratégias aplicadas pelos agricultores familiares que residem nos “sítios” e que, desde 2020, fazem parte da comunidade escolar da E. E. Professor Homero Calvoso, em São Pedro do Turvo- SP, no que diz respeito à maneira que se apropriam e utilizam as TIC na vida cotidiana.

### 1.1.1 Objetivos Específicos

1. Aferir teoricamente as particularidades das diferentes famílias de agricultores na maneira de utilizar as TIC e, assim, propor explicações que ajudem na compreensão da lógica que conduz decisões de agricultores familiares em um contexto de progressiva incorporação de TIC.

2. Tendo como foco o período de maior enfrentamento contra a propagação da Covid-19 no Estado de São Paulo, apresentar dados acerca da

evolução de acesso de TIC no Brasil, em São Pedro do Turvo - SP e entre os agricultores familiares que compõem o corpus empírico da pesquisa.

3. Registrar e analisar sociologicamente aspectos da cultura dos agricultores familiares que compõem nosso *corpus empírico*.

#### 1.1.2 Corpus empírico

Um primeiro ponto fundamental dessa pesquisa é a definição da amostra, pois a necessidade primeira é a de não permitir enganos a respeito do real interesse da investigação aqui empregada. Nossa amostragem não incorpora somente jovens estudantes agricultores, mas, sim, famílias de pequenos agricultores que necessariamente possuíam vínculo com uma determinada escola pública em um momento crítico dessa instituição.

Na presente etapa da pesquisa nossa unidade/universo de análise é composta por seis famílias que vivem na área rural, nos chamados “sítios” do município de São Pedro do Turvo - SP, sendo que todas as famílias estão vinculadas à escola Homero Calvoso desde o ano letivo de 2020.

Um segundo ponto que deve ficar claro ao leitor é justamente o da escolha do recorte temporal. Estabelecemos como data de início o ano de 2020, pois em março desse ano ocorreram oficialmente as primeiras iniciativas de suspensão da “normalidade” com medidas que reconheciam o desafio sanitário de combater a propagação de um vírus até então desconhecido. No decorrer dos meses, sucessivas iniciativas de intensificação e afrouxamento da situação de excepcionalidade andaram em paralelo com o aumento da importância das TIC, que passaram a ser meios seguros de manutenção de laços sociais e profissionais. Até que, em 17 de agosto de 2021, o então Governador de São Paulo, João Doria, decretou o fim da obrigatoriedade do uso de máscara em espaços públicos, simbolizando a pretensa vitória sobre a propagação da doença Covid-19.

Um terceiro ponto a ser esclarecido sobre a característica da amostra é o da relevância da situação de enfrentamento à propagação do vírus como fator que produz perguntas a respeito da relação entre o local e o global. E isso quer dizer que, ao produzirmos dados qualitativos e quantitativos sobre uma realidade local (do município e dos “sítios”), esses dados podem ser comparados a tendências mais globais expostas por dados estatísticos derivados de outras fontes e que tratam do mesmo período.

Por isso, a nosso ver, alguns temas mais gerais estão inevitavelmente vinculados a nossa amostra, como os temas da “digitalização da sociedade”, “digitalização do mundo rural”, “digitalização do espaço escolar”, “evolução do acesso à dispositivos no Brasil durante a pandemia” entre outros.

E é nesse sentido que a amostra representa um *corpus empírico*, uma seleção lógica da realidade que representa um objeto teórico específico (agricultura familiar) e que, sob a análise empregada nessa pesquisa, deverá retornar ao *universo geral* da literatura sobre tal objeto teórico. E, quem sabe, avance no que se sabe ou confirme hipóteses já lançadas:

O objetivo da amostra (no sentido amplo) consiste, portanto, em dar base a um conhecimento ou um questionamento, que ultrapassa os limites das unidades, e mesmo do universo de análise, servindo para produzi-la. A bem dizer, não é porque se deve selecionar que se extrai uma amostra; e, inversamente, também não é porque se considera um conjunto completo localizado que não se faz uma amostragem; é, antes, porque se fala mais que se transforma, de qualquer modo, em amostra, aquilo sobre o que se baseia para se falar a respeito. A observação sistemática visa fundamentar ou “documentar” alguns aspectos da realidade, que são, por sua vez, passíveis de se descolar. A observação traz, portanto, em si mesma, os germes da amostragem; ou seja, a capacidade de ultrapassar a si mesma. (PIRES, 2012, p.163).

### 1.1.3 Entrevista Qualitativa de tipo semiestruturada

Para cumprirmos com o objetivo de construir uma resposta apropriada para a questão central, chegamos à conclusão da importância da entrevista como o principal procedimento metodológico a ser utilizado na pesquisa.

As entrevistas ocorreram nas residências (nos “sítios”) das famílias voluntárias, todas localizadas na área rural do município e relativamente distantes da localização da residência do pesquisador, que fica na área urbana do município de Santa Cruz do Rio Pardo. O deslocamento até as propriedades foi sempre realizado com automóvel particular, com gastos sanados por financiamento próprio, e ocorreram entre os meses de abril e junho de 2023, sempre nos finais de semana, seguindo a preferência unânime das famílias.

O roteiro aplicado foi do tipo semiestruturada (ver **Anexo III**), privilegiando assim a não interrupção dos interlocutores na elaboração das próprias respostas. E, quando pareceu oportuno ao pesquisador, buscou-se retornar a perguntas já realizadas, mas que ainda poderiam ser mais bem exploradas, fazendo com que novas perguntas fossem construídas no momento mesmo em que a entrevista acontecia.

As primeiras questões do roteiro pretendiam captar informações a respeito da condição material familiar, ou seja: quantas pessoas viviam na propriedade, nível de parentesco, quais atividades exerciam etc., encaminhando posteriormente para perguntas diretas sobre o uso de tecnologia na propriedade, se tinham ou não aparelho celular, computador, Smart TV, com ou sem acesso à internet, sendo que no caso de resposta positiva, foi perguntado qual o ano da aquisição. As questões que trataram propriamente do uso de tecnologia foram pensadas a partir de estudos acerca do tema da agricultura familiar no Brasil (ver debate exposto na Parte I). Dessa maneira, procuramos abordar tópicos como: tipo de produção, o uso de tecnologia no trabalho agrícola, forma de consumo, educação e perspectiva geracional.

Por fim, não renunciamos às orientações apresentadas em “Compreender” de Pierre Bourdieu (2008) e em “A entrevista de tipo qualitativo” de Jean Poupart (2012) a respeito das precauções que devem ser consideradas na relação pesquisador-pesquisado e entrevistador-entrevistado.

**PARTE I**

**BREVE DESENVOLVIMENTO TEÓRICO SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO RURAL**

## 2 AGRICULTURA FAMILIAR COMO CONCEITO GENÉRICO

No artigo *Raízes históricas do campesinato brasileiro* apresentado no XX Encontro Anual da Anpocs em 1996, Maria de Nazareth Baudel Wanderley, intelectual expoente da sociologia rural no Brasil, conduziu uma discussão necessária naquela época sobre a agricultura familiar como categoria social a ser repensada em seu real significado. A necessidade conjuntural que justificava sua apresentação, segundo a autora, era exatamente o tratamento que o conceito de agricultura familiar vinha recebendo no Brasil, com ares de novidade e renovação, assumindo significados que expunham a abrangência do conceito e a consequente necessidade de redefinição conceitual.

No artigo citado (1996, 2009), mas também em outros trabalhos publicados pela socióloga (2004), Wanderley desenvolve hipóteses sobre o tema em questão, mais especificamente, sobre este tipo específico que é o campesinato como conceito histórico. Selecionamos duas dessas hipóteses como ponto de partida no desenvolvimento de um argumento que contribua para o estudo de “novos atores rurais” que considere o contexto de um rural cada vez mais digitalizado. Portanto, partimos das seguintes hipóteses propostas pela autora:

- c) a agricultura familiar que se reproduz nas sociedades modernas deve adaptar-se a um contexto socioeconômico próprio destas sociedades, que a obriga a realizar modificações importantes em sua forma de produzir e em sua vida social tradicionais;
- d) estas transformações do chamado agricultor familiar moderno, no entanto, não produzem uma ruptura total e definitiva com as formas “anteriores”, gestando, antes, um agricultor portador de uma tradição camponesa, que lhe permite, precisamente, adaptar-se às novas exigências da sociedade. (WANDERLEY, 1996, 2009, p.156).

Percebemos que as duas hipóteses se inter-relacionam como partes complementares de um mesmo movimento, sendo que o contexto de acelerada modernização é assumido como relevante na definição de categorias como campesinato e ruralidades, aceita-se, assim, o *particularismo histórico* das manifestações sociais enquanto critério na formulação da categoria “agricultura familiar”: o conceito é, portanto, gestado pela história.

Assim sendo, cabe retomarmos a esta perspectiva que considera o valor histórico na definição do chamado campesinato tradicional pontuando os atributos desta conceitualização como elencados por Maria de N. B. Wanderley (2009). O camponês tradicional, associado a um rural ainda de pouco dinamismo, representa o

ponto de partida dos estudos sociais a respeito do campesinato como uma forma particular de manifestação da agricultura familiar.

Desta maneira, é definido como núcleo produtivo que associa *família*, *produção* e *trabalho*, que tende a implicar em consequências particulares no tratamento do ambiente rural, tanto em nível econômico quanto no que diz respeito à reprodução social e cultural.

Para a autora (2009, p.159), o sistema tradicional de produção camponesa se caracterizaria na sua bem-sucedida combinação entre diferentes técnicas de plantio, pecuária e artesanato, congregado em um sistema de produção sustentável que relaciona produtos e subprodutos na manutenção das necessidades familiares; enquanto o excedente produzido é encaminhado para relações de trocas informais ou comercialização. Como núcleo familiar produtivo, se opõe à monocultura que responde à interesses da indústria exportadora ao manter-se econômica e socialmente direcionada na espacialidade local de vilas, bairros e cidades, de acordo com interesses de sua própria independência e interconectividade perante os iguais socialmente.

Por ser um sistema predominantemente autocentrado, a manutenção e reprodução da tradição familiar é considerada uma questão estratégica. A maneira com que cada família irá alocar seus membros no estabelecimento, a intensidade do trabalho e a associação de parentesco e vizinhança são questões que sucedem a cada geração na busca por gerir as conquistas materiais e a sobrevivência da própria cultura (2009, p.160).

Para Wanderley (2000, 2004), ao tratar do mundo rural do camponês, a modernização deve ser compreendida em seu potencial transformador de relações com a natureza que são reavaliadas na vida cotidiana do agricultor familiar. Na esteira desse pensamento, podemos pensar nas transformações globais que culminaram em inovações na produção, como o uso massivo de agrotóxicos, sementes geneticamente modificadas, insumos químicos e uso massivo de maquinários em substituição da força de trabalho humana, modificando desigualmente a paisagem rural de países desenvolvidos e subdesenvolvidos.

Podemos refletir também, no que diz respeito às transformações na comunicação, sobre a implementação de novas tecnologias de informação e comunicação que ampliaram a conectividade do mundo, como o rádio, telefone,

televisão, computadores e aparelhos celulares em comunicação direta com satélites, tornando o consumo de bens e entretenimento uma prática cotidiana, modificando radicalmente a relação entre rural e urbano, local e global, agricultura familiar e agroindústria etc.<sup>7</sup>

Ademais, Maria de N. B. Wanderley (1996, 2000, 2001, 2004) ainda nos aponta que, como consequência da aproximação cada vez maior entre rural e urbano por meio de novas tecnologias, a agricultura familiar passa a ser observada sob lentes teóricas que refletem duas perspectivas distintas: uma baseada numa visão modernizante e outra que considera a importância da tradição para a definição do conceito. Dito de outro maneira, a agricultura familiar seria ou resultado de ações definidoras advindas do Estado, por exemplo, em sua caracterização legal na formulação de leis, como a nº 9.064, assim como sujeitos de políticas públicas; ou, por outro lado, seria um modo de produção que possui raiz histórica camponesa que relaciona família-produção-trabalho no ambiente rural, portador de um saber específico de gestão da propriedade, costumes, valores e estratégias familiares.

Não cedendo a essas duas perspectivas que se opõem, a autora propõe uma resposta possívelsem renunciar completamente nenhuma delas, em que considera o espaço local como um lugar de encontro entre dois “mundos” que não se anulam mutuamente nem decreta o fim do rural, pelo contrário, mas que mantém as particularidades em integração e cooperação, resultando na “configuração de uma rede de relações recíprocas, em múltiplos planos que, sob muitos aspectos, reitera e viabiliza as particularidades” (WANDERLEY, 2004, p.34).

Em nossa pesquisa, tomamos, como grande contribuição de Maria de N. B. Wanderley, a ideia de que, ao invés de uma desintegração das singularidades do rural e do urbano, sua proposta encaminha a reflexão para uma incorporação do urbano ao nível local, trazendo a ideia de *rupturas* e *continuidade* no processo de modernização do modo de vida camponês<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup>Indubitavelmente, este breve resumo que condensa os traços históricos da formulação teórica da agricultura familiar serve como prólogo para reflexões que sucederam-se sobre um rural mais dinâmico e reinventado, que resulta de um processo de colonização no sentido que Alfio Brandenburg utiliza o termo (p. 175, 2012), ou seja, um rural que se manifesta como reação às investidas da racionalidade industrial-tecnológica de mercado e de Estado crescente no mundo pós a Segunda Guerra Mundial e que lança outras questões a respeito de quais atores rurais e quais ruralidades estamos nos referindo no estudo social sobre o tema.

<sup>8</sup> Fazendo referência a Bruno Jean: “Finalmente, o autor questiona o que considera ‘uma homogeneização cultural duvidosa’, referindo-se especialmente a duas dimensões centrais desta cultura: por um lado, o fato de que, para ele, ‘o consumo rural ostentatório não tem as mesmas

Essa perspectiva sociológica nos parece bastante promissora para o estudo das maneiras de apropriação e utilização de TIC na vida cotidiana do agricultor familiar, por isso, trataremos mais detidamente disso no capítulo a seguir.

---

características do consumo urbano'; por outro lado, o acesso à mídia, hoje incontestável entre os "rurais", não significa, necessariamente, uma homogeneização, mas, frequentemente, a reiteração das diferenças. Isto acontece, por exemplo, quando o espectador rural assiste a programas da televisão "para saber o que se passa na cidade, colocando-se como se estivesse diante de um espetáculo".

### 3 RUPTURAS E CONTINUIDADE NA OBRA “OS PARCEIROS DO RIO BONITO”

No interesse de melhor compreender a ideia de *rupturas* e *continuidade* em um contexto rural cada vez mais tecnológico, propomos uma breve releitura de “Os parceiros do Rio Bonito”, obra clássica de Antônio Candido de Mello e Souza (2003), que resultou de pesquisa empírica realizada no município de Bofete - SP, entre 1948 e 1954, como um estudo que remonta as permanências do passado e as mudanças que a modernização implicou irremediavelmente nos costumes do trabalhador rural típico do interior paulista: o caipira.

Nessa importante obra, Antônio Candido propõe o termo *rústico* para se referir aos costumes observados neste trabalhador rural, pois, em sua definição, entende que essa *cultura rústica* do caipira paulista se baseia em uma relação precária com a natureza, em que se garantiria apenas as condições mínimas de manutenção da vida.

A sociedade caipira tradicional elaborou técnicas que permitiram estabilizar as relações do grupo com o meio (embora em nível que reputávamos hoje precário), mediante o conhecimento satisfatório dos recursos naturais, a sua exploração sistemática e o estabelecimento de uma dieta compatível com o mínimo vital - tudo relacionado a uma vida social de tipo fechado, com base na economia de subsistência (CANDIDO, 2003, p.46)

Sua origem histórica retoma o bandeirante caboclo que, deixando o empreendimento expansionista iniciado ainda no século XVIII, foi assumindo um estado de relativa fixação na terra, em uma acomodação que permitiu que se formassem os primeiros conjuntos de moradias, e com isso fazendo surgir os primeiros povoamentos em fazendas, sítios e, por ocasião de fixação que acarretou maior interdependência entre famílias, os primeiros bairros:

O bairro, [...], é, pois, o agrupamento básico, a unidade por excelência da sociabilidade caipira. Aquém dele, não há vida social estável, e sim o fenômeno ocasional do morador isolado, que tende a superar este estágio, ou cair em anomia; além dele, há agrupamentos complexos, relações mais seguidas com o mundo exterior, características duma sociabilidade mais rica. Ele é a unidade em que se ordenam as relações básicas da vida caipira, rudimentares como ele. É um *mínimo social*, equivalente no plano das relações ao *mínimo vital* representado pela dieta [...]. (CANDIDO, 2003, p.98).

Já em fase posterior, se aproximando do século XX, outro aspecto histórico importante do processo de assentamento à terra ocorreu dentro das fazendas baseadas no latifúndio agroexportador em que por séculos imperou a mão de obra escrava. A demanda por outros tipos de divisão social do trabalho – devido à recém-condição do escravo liberto, do estrangeiro oriental e do europeu recém

desembarcado<sup>9</sup> – motivou a ligação comunitária entre os novos trabalhadores rurais e a propriedade, já que o sistema da grande fazenda só continuou rentável na medida em que as enormes propriedades passaram a ser cultivadas por essas famílias de agricultores numa relação de parceria<sup>10</sup>(ou de arrendamento). Condição que acabou promovendo a base para a constituição de relações comunitárias, como as relações de vizinhança, os mutirões, os festejos, as missas, os casamentos e os comércios.

Para ilustrar o que está sendo dito, servimo-nos do seguinte trecho de obra de autoria de Carlos Rodrigues Brandão:

Entre a casa e o quintal, pessoas da cultura camponesa tradicional vivem quase toda a sua vida pública. Não eram raras as famílias de caipiras cujas mulheres e filhos menores viajavam do sítio ou do bairro — na verdade não mais do que um lugar de casas rústicas próximas, às vezes com alguma capelinha e uma “venda”, mas com uma intensa vida social — a um povoado mia uma cidade uma só vez ao ano, por ocasião da festa da padroeira. (BRANDÃO, 1983, p. 34).

Vale salientar, em oposição ao que uma leitura descuidada pode fazer acreditar, que o termo *rústico*, ao se referir à cultura do trabalhador rural transitório ou pequeno proprietário paulista, não aponta para a ausência de técnicas frente ao trato da terra ou a um desinteresse com relação ao meio ambiente ao redor. Segundo Candido, o ajuste ecológico dos grupos caipiras se dava em relação a um *meio total*, ou seja, em uma ausência de descontinuidades com relação às tarefas, pois estas, apesar de executadas em diferentes momentos, estavam encadeadas em um mesmo processo de utilização imediata do meio, em que:

A roça, as águas, os matos e campos encerravam-se numa continuidade geográfica, delimitando esse complexo de atividades solidárias – de tal forma que as atividades do grupo e o meio em que elas se inseriam formavam por sua vez uma continuidade geossocial um interajuste ecológico, onde cultura e natureza apareciam, a bem dizer, como dois polos de uma só realidade. (CANDIDO, 2003, p. 218).

Assim, se podemos tomar como componente da *cultura rústica* características como a precariedade da subsistência e de sociabilização no processo de constituição da morfologia (entendido como acomodação espacial no ambiente) do trabalhador rural paulista em seu desenvolvimento histórico de relação com a natureza e a coletividade, também devemos ressaltar que o termo se refere a um

---

<sup>9</sup>A primeira imigração italiana a São Paulo ocorreu em 1885 e contou com incentivo dos fazendeiros de café que desejavam substituir a força de trabalho de pessoas negras em situação de escravidão por outro tipo de mão de obra de baixo custo.

<sup>10</sup> “Essencialmente, a parceria é uma sociedade, pela qual alguém fornece a terra, ficando com o direito sobre parte dos produtos obtidos pelos outros”. (CANDIDO, p.136).

modo de vida totalizante, não caracterizado por uma excessiva fragmentação das funções, mas perto dos costumes advindos das culturas indígenas brasileiras – por exemplo, ao tratarmos da caça e da pesca, atividades normalmente consideradas em parte recreativas, devemos considerar que para o *caipira* paulista tal prática fazia parte de um ciclo cotidiano junto ao penoso labor agrícola, ambas atividades voltadas para a manutenção da dieta caipira:

Seria o caso de afrontar o paradoxo e dizer que caipiras como o que serviu de guia para Saint-Hilaire na região de Ibitipoca, em Minas, e saía a caça com o filho, enquanto a mulher cuidava da casa, complementando com carne de fato ou porco-do-mato a dieta de farinha, queijo ou banana – que tais caipiras estão porventura mais próximos do índio caçador que do agricultor moderno. (CANDIDO, 2003, p.218).

Neste outro trecho, podemos verificar na exposição de Antônio Candido a naturalidade na execução das diferentes tarefas cotidianas, distante de uma noção mais modernizada de “divisão de trabalho”:

Desejo aqui sugerir que o caipira-básico – por assim dizer – passava normalmente da enxada e do machado para o anzol ou a espingarda; da foice para o visgo, a arapuca, a zagaia, o mundéu, como quem circula na mesma atmosfera contínua de luta pela vida. (CANDIDO, 2003, p. 120)

E, de modo mais geral, sobre uma cosmologia caipira,

Magia, medicina simpática, inovação divina, exploração da fauna e da flora, conhecimento agrícolas fundem-se deste modo num sistema que abrange, na mesma continuidade, o campo, a mata, a semente, o ar, o bicho, a água e o próprio céu. Dobrado sobre si mesmo pela economia de subsistência, encerrado no quadro dos agrupamentos vicinais, o homem aparece ele próprio como segmento de um vasto meio, ao mesmo tempo natural, social e sobrenatural. (CANDIDO, 2003, p. 120).

O sociólogo também recupera a noção de *comensalismo*, citado por Sergio Buarque de Holanda em seus ensaios sobre a influência da herança indígena no processo colonizador da terra do Novo Mundo, e nos remete à relação que penetra a fundo a natureza:

Veja-se, a este propósito, um exemplo realmente simbólico no livro de Hércules Florence: ‘O ajudante do guia [...] matou dois veados brancos [...]. Quando o caçador via um veado, tirava logo a roupa e, nu em pelo, marchava quase de ratos quando possível, até dar alcance à espingarda’. (CANDIDO, 2003, p. 121.).

Assim, parece-nos razoável articular alguns termos-chave presentes na obra “Os parceiros do Rio Bonito” dentro da abrangência conceitual do conceito *cultura rústica* que tradicionalmente se refere ao modo de vida típico do histórico camponês paulista. A saber, entendemos o termo *rústico*, dentro da obra, articulado necessariamente com a noção de *meio total* e *comensalismo*, duas palavras que

estão longe de demarcar o sentido de uma espécie de mediocridade técnica deste tipo de campesino, mas sim, aponta para uma estratégia de acomodação geográfica de grupos sociais nômades, que constituíram uma relação adaptativa através das possibilidades de um modo de vida da cultura indígena, pelo menos enquanto a modernização não exerceu influência necessária para causar desequilíbrio.

E essa situação de desequilíbrio gerado pela modernização, quando geradora de tensões não resolvidas imediatamente, tende a originar alterações estruturais, e é tomada por Candido como uma situação de crise:

A situação de crise define-se, do seu lado, por tensões ainda não resolvidas, ou solvidas parcialmente, entre os fatores de persistência e os de alteração, podendo originar reorganização ou desorganização mais ou menos profundas e estruturais. (CANDIDO, 2003, p. 204).

Portanto, retomando nosso interesse particular pela questão sobre *rupturas e continuidade*, podemos corroborar que, ao analisar Bofete, a antiga “Freguesia do Rio Bonito” instituída em 1880, da primeira metade do século XX, Antônio Candido pôde contribuir para a compreensão desta região paulista em seu processo de urbanização e as implicações deste processo nas transformações ocorridas na *cultura rústica* dos trabalhadores rurais.

De maneira mais objetiva, consideramos que o pesquisador realizou um trabalho de observação empírica em um município onde valores, costumes e técnicas tradicionais permaneciam ainda conservadas entre aqueles que pertenciam à camada social menos abastada do sistema produtivo, ou seja, entre trabalhadores de pequenas propriedades que ainda mantinham pouca relação com os “modismos” da vida urbana, em oposição aos grandes fazendeiros que pertenciam à camada social mais alta da região de Botucatu, onde costumes urbanos eram mais comumente aceitos.

O recorte socioeconômico que pode ser identificado na análise que constitui *Os parceiros* estabelece a condição para o grau de intimidade que fazendeiros, pequenos proprietários e trabalhadores tinham com valores e produtos de uma indústria urbana ainda recente no Brasil. Assim, se distinguirmos esses grupos pelo papel que cumpriam na produção agrícola, podemos dizer que, como classes sociais, a distinção se operava na proximidade que cada uma tinha com um determinado tipo de tradição: entre os menos abastados, a manutenção da *cultura rústica* tradicional do lavrador característico da região paulista; e no outro extremo, o

grande proprietário cada vez mais distante da tradição caipira, de espírito urbanizado quando não “estrangeirista”.

Ademais, a influência da estratificação social como abordada por Antônio Candido (2003, p. 288) pode ser observada na sua análise sobre a vida familiar do caipira. Sobre o tema “família”, Candido notou que, como unidade social básica, mantinha-se o tipo de relação patriarcal das famílias de classe dominante, mas que deveriam ser consideradas as diferenças nítidas causadas pela condição de pertencerem a níveis distintos da escala social. O pequeno proprietário e o simples trabalhador, ainda dependentes da técnica tradicional de manutenção da vida, ou seja, dependentes exclusivamente da força física empregada no trabalho cotidiano, permaneciam como representantes de um modo de vida pouco transformado pelo plano econômico e técnico emergente, portanto, implicados em um patriarcalismo de maior “conservantismo”.

Neste ponto, a palavra “conservantismo”, utilizada pelo autor para descrever a situação do patriarcalismo entre as famílias de trabalhadores rurais, pode ser mais bem compreendida em seu significado sociológico se retomarmos o sentido dado ao termo pelo clássico trabalho do sociólogo alemão Karl Mannheim, especificamente em seu texto “O significado do conservantismo”, publicado originalmente em 1953.

Diferente do termo “tradicionalismo”, definido por Max Weber (2002) como um tipo de ação que tende à automaticidade e que conduz à manutenção de costumes<sup>11</sup>, o “conservantismo” para Mannheim (1982) seria determinado por um conjunto de circunstâncias históricas concretas, recorrente em contextos em que há uma ameaça progressista, que exigiria a elaboração de uma reação que, entre outras formas, pode se realizar por meio do engajamento na arena política.

O tradicionalismo é, essencialmente, uma daquelas tendências virtuais que cada indivíduo inconscientemente abriga em si mesmo. O conservantismo, por outro lado, é consciente e reflexivo desde o início, pois surge como um movimento consciente de oposição ao movimento “progressista” sistemático e coerente, dotado de uma organização extremamente desenvolvida. (MANNHEIM, 1982, p.112).

---

<sup>11</sup> Na obra Conceitos básicos de sociologia: “A ação estritamente tradicional – exatamente como o tipo que reage por imitação e descuido – fica inteiramente no limite do que se pode chamar de uma ação com sentido e às vezes até o ultrapassa. Frequentemente é simplesmente uma reação amortecida – quase automática – a estímulos costumeiros que têm conduzido a ação, repetidamente, ao longo de um curso rotineiro.” (WEBER, 2002, p.42).

Algumas características do conceito são sistematizadas por Mannheim (1982) na sua categorização, a saber: o modo conservador de vida e pensamento está ancorado em uma predileção pelo concreto, imediato e real; e o horizonte de eventos nunca ultrapassa o ambiente particular em que se vive, sendo que a origem da explicação de todos os acontecimentos remontará sempre o tempo passado, tendo a família como gênese causal, assim, o momento presente será entendido como resultado linear da história de gerações anteriores. Portanto, o pensamento conservador se opõe à tendência pela universalização e à preferência por justificativas futuras, como fazem aqueles que conduzem iniciativas modernizantes.

E dessa maneira, observa-se como tal sentido de “conservantismo” pode ser associado à formulação do modo de vida tradicional do camponês que encontramos ao recorrer à formulação de Maria de N. B. Wanderley nos trabalhos a que fizemos referência no capítulo anterior.

No caso específico do *caipira* como representante do campesinato paulista, são diversos os aspectos em que a categoria “conservantismo” pode ser pensada através da contribuição teórica do Karl Mannheim. Como exemplo dessa possibilidade de conexão intelectual entre os dois sociólogos, apresentamos aquilo que chamaremos nesta reflexão de “o folclore da avaliação do pretendente”, retomando o episódio de formação do casamento como analisado por Antônio Candido em sua segunda visita ao município de Bofete, que aconteceu em 1954.

Ora, na terceira parte da obra “Os parceiros do Rio Bonito” (2003, p.294), o autor apresenta uma análise sobre as transformações na dinâmica da formação do casal caipira. Nela, Candido observa como era persistente no grupo o exercício de manter na memória dos envolvidos os valores simbólicos que serviam de referência para avaliação da situação presente, por meio de histórias populares e lendas constantemente recontadas e que, portanto, se mantinham na tradição caipira mesmo no contexto de inevitável dissolução dos antigos valores. Observou-se, assim, que na vida cotidiana os antigos valores reapareciam quando se queria reafirmar a antiga rigidez e intolerância dos pais na época em que estes regulavam o casamento dos filhos, em um exercício coletivo que fazia ressurgir histórias em que se contava como o pretendente a esposa deveria ser avaliada em sua capacidade de realizar tarefas básicas como, cortar com machado, produzir cabo de enxada,

saber pescar com armadilha ou mostrar que sabe se defender na prova de jogar pau.<sup>12</sup>

Por certo, ao seguir o caminho sociológico apontado por Karl Mannheim, a persistência desses antigos valores que falam de uma realidade cada vez mais apagada só pode ter uma função organizadora, no sentido de manter a ordem hierárquica baseada no patriarcalismo que tradicionalmente imperou entre os antepassados dos caipiras de Bofete e que, em suas visitas, Antônio Candido pôde observar na forma de folclore entre os pertencentes das classes de trabalhadores rurais:

“Não é difícil ao pesquisador verificar desde logo que a tradição relativa às condições impostas ao noivo no tempo antigo corresponde menos à realidade do que a certos motivos folclóricos universais: as provas e proações a que se deve submeter o candidato para tornar-se digno da mão de sua desejada e que, segundo um autor recente, se religiam a vestígios de regulamentação exogâmicas”. (CANDIDO, 2003, p. 292).

A “avaliação do pretendente” pode ser mais diretamente interpretada como sendo um exemplo de ajuste a uma situação de crise social<sup>13</sup>, como um relato, se preferirmos, da possibilidade de que aspectos da cultura tradicional campesina sobrevivam e sejam observadas pelo pesquisador que participa no presente, dentro de um contexto social de transformação:

Em toda conjuntura de crise podem-se observar duas categorias principais de fatos: os de persistência e os de alteração. Os primeiros constituem aquela parte do equipamento cultural e das formas sociais que, oriundas do período anterior, perduram no presente, estabelecendo continuidade entre as sucessivas etapas dum processo total de transformação. Os segundos são formações novas, geradas no seio do grupo, ou nele incorporadas por difusão, para reajuste do seu funcionamento. (CANDIDO, 2003, p. 203).

Logo a seguir, outro parágrafo insere a noção de *crise*, que aparece como uma situação de desequilíbrio social entre o que persiste e o que se altera na dinâmica das transformações do campesinato paulista cada vez mais próximo da influência da lógica da vida urbana:

---

<sup>12</sup> “O futuro sogro certificava-se desta última habilidade pelo seguinte modo, segundo os informantes: amarrava um porrete em posição vertical ao meio de uma corda e amarrava um porrete em posição vertical ao meio de uma corda bem distendida, desferindo a seguir na sua extremidade superior um forte golpe, que lhe imprimia movimento rápido no enrolar e desenrolar da corda. O candidato devia manter-se bem ao alcance, sem arredar, executando os movimentos necessários para não ser atingido.” (CANDIDO, 2002, p. 294).

<sup>10</sup>Vale assinalar que, nessa obra, Antônio Candido não demonstra otimismo em relação à sobrevivência da vida tradicional frente à expansão da economia capitalista sobre a região de Botucatu, Itatinga e Bofete, diz ele em certa altura: “parece difícil que possa, daqui por diante, resistir à expansão capitalista, como fórmula de ajustamento do grupo ao meio em função da subsistência, com base no círculo fechado dos agrupamentos de vizinhança, cuja autonomia ecológica é hoje uma sobrevivência.” (CANDIDO, 2002, p.204).

Todo equilíbrio social – essencialmente dinâmico – supõe estes dois aspectos. Diz-se, todavia, que há mudança quando, nas variações de equilíbrio, os fatores de alteração avultam, até motivarem recomposição de estrutura. A situação de crise define-se, do seu lado, por tensões ainda não resolvidas, ou resolvidas parcialmente, entre os fatores de persistência e os de alteração, podendo originar reorganização ou desorganização mais ou menos profundas. (CANDIDO, 2003, p.204).

O ritmo das transformações, aliás, é um elemento importante na análise do sociólogo a respeito das situações de crise. Pois, para ele, o êxito da incorporação dos traços urbanos depende estritamente da capacidade de acomodação do caipira a tais padrões, exigindo dele a reorganização do comportamento, uma substituição dos padrões nativos que será mais ou menos bem sucedida a depender diretamente da velocidade em que se dará o processo. E apenas naqueles casos em que o processo de acomodação ocorre em um “ritmo ótimo” dentro das possibilidades regionais é que o contacto cultural entre valores tradicionais e modernos pode se combinar, dentro de certa pacificidade na atividade da escolha consciente, somente aí que se pode fazer referência ao conceito de *deaculturação* – situação que parece ter sido a do bairro de São Roque Novo, de acordo com Antônio Candido (2003, p.254).

Finalmente, sua análise sobre a crise social representa o fim do caminho da reflexão realizada neste capítulo. Depois de construirmos extensivamente caminhos interpretativos para a questão de *rupturas e permanência* na obra *Os parceiros*, concluímos citando alguns exemplos de formas de persistência ligados aos indivíduos ou grupos que não migraram para as cidades e áreas urbanas, mas que permaneceram vivendo nos bairros na ocasião da segunda estadia, em 1954, do pesquisador.

No capítulo “As formas de persistência”, na terceira parte da obra, dedicado exclusivamente à análise das mudanças, tomamos conhecimento dos seguintes indícios de continuidade apresentado por Antônio Candido (2003):

- A persistência das formas de parceria: aquele que não mais podia ser sitiante, não se apegava diretamente ao trabalho assalariado. Pois este tipo de contrato que considera um empregador representaria também um limite à autonomia do parceiro e, assim, da sua integração aos valores mantidos através da tradição cultural do grupo.

- A mobilidade espacial: a constante mudança de terras é uma das características que evidenciam a insegurança no tipo de ocupação das terras pelo caipira paulista, ligado pela situação de dependência do fazendeiro. Porém a

mobilidade também pode ser vista como preservação da cultura e da autonomia, pois demonstra sua iniciativa de infringência à submissão direta ao fazendeiro e certo compromisso com a continuidade da tradição, muitas vezes já não compactuada pelo grande proprietário.

- A manutenção da vizinhança: nas fazendas, observou-se a manutenção de “blocos familiares”, em que a vizinhança era composta por familiares de certo grau de proximidade.

- A solidariedade de vizinhança: como já citado, a proximidade familiar também gera relações fortes de vizinhança, em que se torna propício a interdependência entre as famílias. A reciprocidade é comum e se manifesta na distribuição da carne de porco ou vaca, observado principalmente na ocasião de festas locais.

- A cooperação interbairros: algumas práticas são mantidas através deste tipo de cooperação, assim, o capelão rezava e participava das festas de diferentes bairros; o melhor cantador, que residia em Morro Grande, era conhecido e aclamado por toda redondeza e era convocado em outros lugares para cantorias e cururus.

#### 4 COMO O TRABALHO CAMPONÊS DE ALGUMA MANEIRA SE TORNOU O OPOSTO À VIDA?

Considerando a proposta do subcapítulo anterior, podemos pensar *rupturas* e *continuidade* em um contexto de mudanças causadas pela digitalização do mundo rural, já que a pesquisa empírica que deu origem à obra clássica “Os parceiros de Rio Bonito” conseguiu captar registros etnográficos de uma cultura que remonta à história de convívio dos bandeirantes paulistas, caboclos, negros, asiáticos e europeus na formação de um modo de vida que não coube nas exigências do latifúndio, por causa da dependência que tal modo de produção veio a ter da solidariedade em todos os níveis sociais, seja o familiar ou o de classe social.

O que o autor veio a nomear como *cultura rústica* felizmente permanecia ainda relativamente conservado entre os pequenos produtores e trabalhadores rurais de Bofete – os *caipiras* –, se reproduzindo em um tipo de pensar, sentir, se comportar e se opor às influências externas de transformações do modo de vida tradicional.

A reflexão teórica desenvolvida até aqui avançou na possibilidade de conservação de algo próximo ao que Candido chamou de *cultura rústica* na vida cotidiana do camponês paulista em um rural contemporâneo digitalizado, em diálogo com a hipótese de que existam *rupturas* e *continuidades* no modo de vida de famílias de pequenos agricultores no ambiente rural contemporâneo, assim como proposto por Wanderley. E também ressaltou a importância do ritmo da transformação para determinar o equilíbrio destes dois aspectos presentes em uma crise e, portanto, sobre a possibilidade de sucesso da *aculturação* – como abordado por Candido (2003) na terceira parte de sua obra *Os Parceiros*.

Neste capítulo, propomos continuar no caminho apresentado por Antônio Candido dando relevância ao elemento “tempo” na análise das mudanças sociais que implicam desafios para a manutenção do modo de vida tradicional do campesinato. Sendo mais direto, trataremos em especial de uma literatura selecionada que nos conduz a uma melhor compreensão da gestão do tempo na execução do trabalho agrícola tradicional, campesino, considerado aqui de maneira um tanto genérica como trabalho sob um ritmo não ditado pela conduta capitalista –

por ainda estar ausente certo "espírito capitalista"<sup>14</sup> como motivação moral para obtenção do lucro.

Assim, quando nos referimos a um modo de vida camponês não podemos deixar de lado o aspecto moral que pode escapar ou não ser apreciado de maneira devida em uma perspectiva economicista. Se até aqui ficou clara a singularidade do conceito agricultura familiar como uma forma de organização do trabalho baseado, lembremos, na mão de obra parental, sob uma lógica que considera a reprodutividade alimentícia e a manutenção da ordem familiar na terra, não podemos deixar de considerar o conteúdo simbólico que sustenta as relações de trabalho e de sociabilidade.

Edward Palmer Thompson (1998), historiador britânico da vertente culturalista do marxismo, em seu livro "Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional", nos dá algumas pistas a respeito da ordem moral da cultura popular britânica do século XVIII e XIX. Neste, o historiador analisa os elementos culturais *plebeus* e como estes se conservam frente às investidas da dominação ideológica dos governantes, a *gentry* inglesa.

Seu interesse pelas fissuras que eclodem da noção de "classe", geralmente naturalizada em narrativas do marxismo, permite uma análise que considera as microrrelações sociais internas à classe trabalhadora no processo de luta por reconhecimento frente à cultura hegemônica. Nos capítulos que compõem a obra como um todo, Thompson recupera o conteúdo simbólico de trabalhadores que, diante de grandes transformações, se implicaram em embates visando o reconhecimento de seus valores morais tradicionais, basilares para a responsabilidade ética reconhecida pela própria comunidade, o que o historiador classifica estritamente como *costumes* (populares).

É notória a perspectiva política presente em sua abordagem acerca dos *costumes* dos trabalhadores. Em última análise, nessa obra, *costumes* são valores e práticas tradicionais defendidas – através da ação – pelos plebeus (trabalhadores do campo na Inglaterra do século XVIII e parte do XIX) diante da iniciativa homogeneizante dos patrões, comerciantes e governantes patrícios. Percebe-se, assim, que os *costumes* são artífices da defesa dos trabalhadores, componentes importantes da cultura popular a serem conservados diante do processo de

---

<sup>14</sup> Em referência à obra "A ética protestante e o espírito capitalista" de Marx Weber (2004).

racionalização, de maneira que, como bem mostra a extensa e reconhecida produção do historiador, a rebeldia tendeu a se tornar prática comum nos episódios de luta no enfrentamento do processo de urbanização gerados pela industrialização da Inglaterra, servindo como instrumento de luta pela manutenção dos valores plebeus frente ao que outro historiador, Karl Polanyi (2000) – igualmente dedicado ao olhar antropológico – se referiu como sendo o ameaçador “moinho satânico”.

Para ilustrar este cenário que abarca nossa perspectiva geral sobre *rupturas e continuidade*, o capítulo “Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial” (1998), representa importante reflexão acerca das transformações geradas pelas mudanças na gestão do tempo do trabalho – indo contra a ordem da dinâmica tradicionalmente operada – como resultado da implementação e constante sofisticação do relógio como instrumento rítmico da recente industrialização. Assim, o artigo trata sobre um processo profundo e não homogêneo de condicionamento tecnológico e mediação do tempo como meio de exploração da mão de obra de trabalhadores acostumados até então em se empenharem em atividades não sucessivas, fragmentadas, em uma situação de trabalho próxima a um ritmo “natural”.

Assim, na tentativa de melhor esclarecer as opiniões dos trabalhadores camponeses contrários à medição do tempo pelo relógio – ambição considerada diabólica entre os camponeses calibas argelinos estudados por Bourdieu – o historiador propõe a seguinte explicação:

Sem dúvida, esse descaso pelo tempo do relógio só é possível numa comunidade de pequenos agricultores e pescadores, cuja estrutura de mercado e administração é mínima, e na qual as tarefas diárias (que podem variar da pesca ao plantio, construção de casas, remendo das redes, feitura dos telhados, de um berço ou de um caixão) parecem se desenrolar pela lógica da necessidade, diante dos olhos do pequeno lavrador. (THOMPSON, 1998, p.271).

Complementando, a passagem que vem logo a seguir esclarece que:

A notação do tempo que surge nesses contextos tem sido descrita como orientação pelas tarefas. Talvez seja a orientação mais eficaz nas sociedades camponesas, e continua a ser importante nas atividades domésticas e dos vilarejos. Não perdeu de modo algum toda a sua importância nas regiões rurais da Grã-Bretanha de hoje. (THOMPSON, 1998, p.27).

Nestas duas passagens encontramos certa consonância com a concepção do “caipira-básico” de Antônio Candido (2003, p. 220), como exposto no capítulo anterior: um trabalhador total, integrado aos elementos naturais que circundam-no,

sejam animais ou vegetais e, assim, tendo seu dia a dia como quem “passava normalmente da enxada e do machado para o anzol ou a espingarda; da foice para o visgo, a arapuca, a zagaia, o mundéu, como quem circula na mesma atmosfera contínua de luta pela vida.”

Diante desta oportunidade de paralelismo entre o trabalho de Thompson e as observações etnográficas realizadas em Bofete em meados do século XX, devemos antes nos antecipar ao risco de generalizações descabidas e apontar as diferenças que marcam irremediavelmente a contribuição dos dois estudiosos a respeito da cultura de grupos populares, em nosso interesse, o campesinato.

Assim, primeiramente, a respeito da integração total do caipira ao meio, como tratada na obra “Os parceiros do Rio Bonito”, lembramos que Antônio Candido faz observações que seguem em direção contrária à de E. P. Thompson e que valem a pena serem pontuadas.

A primeira questão a ser pontuada é que a cultura rústica não necessariamente nos é apresentada como um modo de vida mais necessário ou mais promissor do que as opções apresentadas pela modernização capitalista dos meios e do modo de trabalho. Pelo contrário, Candido parece entender que é a própria “integração total” do caipira ao meio que o impede de passar a fazer parte de “formas associativas mais ricas, abrindo caminho à civilização, que é humanização” (CANDIDO, 2003, p. 221).

Apresentando olhar diferente, Thompson (1998) parece mais comprometido com a crítica ao sistema capitalista, sendo que o texto utilizado neste capítulo para apresentar seu pensamento toma à mão a noção de exploração ao tratar da forma de administração do tempo no modo de produção industrial – ainda em desenvolvimento, dentro do seu recorte temporal –, que fundamentalmente teria como objetivo histórico a disciplinarização do trabalhador.

E no caminho da construção de seu argumento, Thompson não deixa de fazer referências positivas à possibilidade do ressurgimento de um modo de vida em que não haveria uma separação clara entre “trabalho” e “lazer”, ou seja, um modo de vida em que o tempo não seria capturado pela administração capitalista da força de trabalho: “Na sociedade capitalista madura, todo o tempo deve ser consumido, negociado, utilizado. É uma ofensa que a força de trabalho meramente ‘passe o tempo’ sem vivê-lo para si” (THOMPSON, 1998, p.298).

Assim, no caso de Thompson (1998, p.302), uma postura crítica nos é mais bem apresentada, colocando em perspectiva a questão sobre a utilização do tempo no modo de trabalho tradicional e do trabalho industrial, lançando uma pergunta pertinente: como é que o lazer se tornou um problema?

E na tentativa de responder tal pergunta é que encontramos certo paralelismo nos trabalhos de E. P. Thompson e Antônio Candido. Pois, se consideramos o lugar da tecnologia como sendo o da disfunção em relação à concepção de um modo de trabalho tradicional – baseado no ritmo dos eventos naturais e na importância dada à realização periódica dos costumes valorizados pela comunidade, podemos ver nos dois autores o problema do distanciamento em relação à natureza.

Na análise do historiador britânico, esse distanciamento é bem demonstrado pela evolução da eficiência disciplinadora do relógio como instrumento de gestão racional do tempo do trabalho, e sua normalização nos espaços de realização do trabalho.

Em Candido, o distanciamento em relação a uma vida mais integrada à natureza aparece enquanto resultado da aproximação do pequeno agricultor à lógica da “civilização”.

Em *Os parceiros* (2003), a aproximação da “civilização” acontece em duas frentes: 1) como a obrigatoriedade da titulação da terra que tende a evitar a migração tradicional na cultura caipira; 2) como a ascensão de um mercado que motiva o direcionamento do trabalhador para a produção agrícola em detrimento das outras atividades tradicionais (caça, pesca e etc.), atividades que seriam necessárias, na concepção do *caipira-básico*, para a manutenção da dinâmica da vida ajustada à natureza em um equilíbrio ecológico com o meio.

No primeiro caso, o caipira de Candido percebe a “civilização” pela jurisdição da terra pois esta força-o a uma fixação na terra que vai contra sua particularidade cultural de mobilidade. Essa força disruptiva da jurisdição pode ser mais bem compreendida quando recorremos ao trabalho do antropólogo Karl Woortmann (1990) na sua definição da *ética camponesa*, particularmente, e esse é nosso ponto, naquilo que se refere à posse da terra como valor campesino:

[...] é-se dono pelo trabalho, independentemente de haver ou não propriedade jurídica da terra. Sinonimamente, é-se *sitiante* por se ter construído o sítio, espaço por excelência da família, através do trabalho, ou

por tê-lo herdado de um pai para transmiti-lo no futuro a outro pai”.  
(WOORTMANN, 1990, p. 29).

No segundo caso, em que a noção de “civilização” é tomada no sentido de mercado, outro elemento importante da *ética camponesa* é ameaçado: a reciprocidade.

Para Woortmann (1990), este tipo de relação – a reciprocidade –, que é antropológicamente comum em sociedades tradicionais<sup>15</sup>, também seria encontrada na socialização entre os sítios, mas que, quando observa-se dentro da família camponesa, nota-se sua sujeição à hierarquia familiar em que o pai ocupa a posição de maior autoridade e acaba por centralizar as principais decisões. Portanto, a força da reciprocidade no campesinato é notada quando um pai de família tem necessidade da utilização de mão de obra além da disponível pelo núcleo familiar e, para isso, recorre ou recebe de bom grado a *ajuda* de outro pai de família. O termo *ajuda* era tradicionalmente empregado numa relação de trabalho não remunerado, como é padrão na cultura camponesa em que o parentesco é tomado como estando acima da relação de assalariamento (1990, p. 33).

Quando a lógica de mercado atinge essa tradição, por exemplo, quando um trabalhador está na posição de aluguel, a moral camponesa se refere a tal situação como sendo a de *cativeiro*, já que viver de aluguel é o cativeiro, a negação da autonomia no processo de trabalho.

Portanto, em ambos os intelectuais apresentados aqui, E. P. Thompson e Antônio Candido, a relação do homem com a natureza se desfaz frente às investidas globalizantes do capital, que transforma terra e trabalho em mercadoria<sup>16</sup> e assim imprime uma crescente racionalização da relação com o meio ambiente e, definitivamente, em confronto direto ao ritmo “natural” de trabalho do camponês britânico e a “relação total” com o meio típica do caipira no interior paulista.

Olhando sob disciplinas diferentes, momentos históricos distintos e focando em aspectos particulares da transformação do mundo rural, E. P. Thompson e Antônio Candido nos auxiliam na compreensão do trabalho antes dele ser contrário à vida, ou seja, antes do tempo da “natureza” ser consumido pelo “moinho satânico” de Polanyi.

---

<sup>15</sup>Afirmção também encontrada em Karl Polanyi, capítulo 4 e 6 de “A grande transformação” (2000).

<sup>16</sup>Sobre a ficção da terra, trabalho e dinheiro como mercadoria, ver especificamente capítulo 6. de “A grande transformação”, de Karl Polanyi (2000).

O breve desenvolvimento teórico realizado nessa primeira parte da dissertação nos levou ao esclarecimento do debate que permeia a questão das transformações do modo de vida camponês diante da proximidade da lógica do mundo urbano e frente aos desafios da mudança tecnológica gerados pelo capitalismo.

Na próxima parte da dissertação, apresentaremos uma análise inicial dos dados primários obtidos através das entrevistas realizadas com as 6 famílias que compõem o *corpus empírico* da pesquisa, sem perder de vista o debate teórico realizado até aqui.

**PARTE II**  
**UNIDADE DE ANÁLISE E DADOS INICIAIS**

## 5 INFORMAÇÕES PRELIMINARES

O interesse dessa pesquisa se refere às transformações sociais e às estratégias familiares para a apropriação de tecnologia no mundo rural, especificamente acerca do modo em que famílias de agricultores do município de São Pedro do Turvo utilizam as chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).

Logo, a seguinte questão nos guia no percurso de pesquisa: de qual maneira as famílias de agricultores que compõem a comunidade escolar da E. E. Professor Homero Calvoso desde o ano letivo de 2020 utilizam as TIC em suas propriedades?

Já sobre a unidade de análise, ou seja, nosso *corpus empírico*, esclarecemos que, ao serem convidadas para participarem da pesquisa, todas as famílias se autodeclararam como pertencentes à agricultura familiar. E em momento posterior, já na análise inicial dos dados, verificou-se que de fato todas as 6 famílias entrevistadas se enquadravam na definição promulgada pela Lei 11.326, de 24 de julho de 2006:

Art.3 – Considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar [...] atendendo os seguintes requisitos:

I – Não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais [diferenciando-se por Estado]<sup>17</sup>;

II – Utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;

III – Tenha percentual mínimo [pelo menos metade] da renda familiar originado de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;

IV – Dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família [estritamente]. (Lei nº 11.326/2006).

No próximo subcapítulo, é possível conferir dados que, sistematizados, mostram a confluência entre a autodeclaração das famílias e a legislação específica que estabelece as diretrizes que categorizam a agricultura familiar.

### 5.1 PADRÕES FAMILIARES

Os primeiros atributos das famílias pesquisadas estão categorizados nas tabelas dispostas logo abaixo. Importante notar que as tabelas tomam como referência o jovem estudante que esteve matriculado durante o período da pandemia na escola Professor Homero Calvoso, e, para melhor leitura dos dados

---

<sup>17</sup> Em São Pedro do Turvo, 1 módulo fiscal equivale a 20 hectares (ha) e a 8,26 alqueires paulista. Conferir em Embrapa: <<https://www.embrapa.br/codigo-florestal/area-de-reserva-legal-arl/modulo-fiscal>> acesso em 01/10/2023.

sistematizados, optou-se por fazer referência a esses jovens utilizando sinal de til entre parênteses (~). O nome de todos que participaram ou estiveram próximos ao gravador na ocasião da entrevista foram registrados de forma abreviada, com apenas as primeiras letras do nome ou com nomes fictícios. O porta-voz da família – aquele que de maneira evidente foi escolhido pelos familiares como principal representante e articulador das respostas, que por regra foi sempre um adulto, mas nem sempre do gênero masculino – está sinalizado pelo sinal de hashtag entre parênteses (#). É possível que esse sinal se repita dentro de um mesmo quadro, mostrando que na ocasião mais de uma pessoa cumpriu a função de porta-voz familiar (por exemplo, no caso da **Família E**).

**Quadro 1- Família A – Sítio dos Mendonça**

<b>Família A– Sítio dos Mendonça</b> (tendo como referência o aluno matriculado na E. E. Professor Homero Calvoso desde 2020)			
Pais	Filhos jovens	Crianças	Avós
Ed (pai) e Elisa (mãe) (#)	Thay(~)	Kaylani	Mendonça (#) e Edna (#)
Legenda: (#) - Porta-voz da família (~) - Jovem estudante * - Ausência de nome			

Fonte: o autor, 2023

**Quadro 2 - Família B – Sítio dos Moraes**

<b>Família B– Sítio dos Moraes</b> (tendo como referência o aluno matriculado na E. E. Professor Homero Calvoso desde 2020).			
Pais	Filhos jovens	Crianças	Avós
RM (mãe)	Tha (~)	Aurora	Joaquim de Moraes (#) e Benedita de Moraes
Legenda: (#) - Porta-voz da família (~) - Jovem estudante * - Ausência de nome			

Fonte: o autor, 2023

**Quadro 3 - Família C – Sítio dos Antunes**

<b>Família C – Sítio dos Antunes</b> (tendo como referência o aluno matriculado na E. E. Professor Homero Calvoso desde 2020).			
Tios	Filhos jovens	Crianças	Avós
Padilha, 59 anos, (tio-avô) (#) e SR	Clara (~)		Irma Padilha

Legenda:

(#) - Porta-voz da família

(~) - Jovem estudante

\* - Ausência de nome

Fonte: o autor, 2023

#### Quadro 4 - Família D – Sítio dos Souza

**Família D – Sítio dos Souza** (tendo como referência o aluno matriculado na E. E. Professor Homero Calvoso desde 2020).

Pais	Filhos jovens	Crianças	Avós
PT (#) e Fá (mãe)	João (~)	Davi	*

Legenda:

(#) - Porta-voz da família

(~) - Jovem estudante

\* - Ausência de nome

Fonte: o autor, 2023

#### Quadro 5 - Família E – Sítio dos Andrade

**Família E–Sítio dos Andrade**(tendo como referência o aluno matriculado na E. E. Professor Homero Calvoso desde 2020).

Pais	Filhos jovens	Crianças	Avós
Vá (mãe) (#) e Rô (#)	Cadu (~)	Maria	Casal Andrade (São os pais de Vá, moradores originais da propriedade e responsáveis pela produção de milho, soja, sorgo, mandioca, leite e pela pecuária, mas não participam diretamente da atividade com a estufa hidropônica.)

Legenda:

(#) - Porta-voz da família

(~) - Jovem estudante

\* - Ausência de nome

Fonte: o autor, 2023

#### Quadro 6 - Família F – Sítio dos Gomes na Gleba dos “sem-terra”

**Família F – Sítio dos Gomes na Gleba dos “sem-terra”** (tendo como referência o aluno matriculado na E. E. Professor Homero Calvoso desde 2020).

Pais	Filhos jovens	Crianças	Avós
Valdemar Gomes (#) e Maria Gomes	João Pedro	*	*

Legenda:

(#) - Porta-voz da família

(~) - Jovem estudante

\* - Ausência de nome

Fonte: o autor, 2023

## 5.2 PERFIL DA PRODUÇÃO E ORIGEM DA PROPRIEDADE

Este outro conjunto de dados primários mostra o que é produzido e a narrativa contada a respeito da origem da terra habitada pela família.

Esclarecemos que a divisão entre “subsistência” e “produção para venda” não elimina as variações que ocorrem na realidade do cotidiano: já que o que pode ser produzido para comercialização externa é cabível também de ser consumido internamente, e o oposto também é válido.

Assim, por exemplo, pude comprar mel engarrafado da **Família D**, mesmo que este produto não seja formalmente vendido pela família, dada a dificuldade de conseguir a documentação necessária para comercializá-lo, o que, segundo PT, acaba desincentivando a produção com vistas à demanda urbana e mantém o mel como produto de consumo doméstico ou para doação ou vendas esporádicas (através do “boca-a-boca”), como no meu caso.

**Quadro 7 - Família A: Tamanho relatado da propriedade, cultivo para subsistência, cultivo para venda, criação, origem da propriedade e pluriatividade.**

<b>Família A: Tamanho relatado da propriedade, cultivo para subsistência, cultivo para venda, criação, origem da propriedade e pluriatividade.</b>			
<b>Tam. em quantidade de alqueires</b>	<b>Produção para subsistência</b>	<b>Produção para venda</b>	<b>Criação de animais</b>
Como um todo, a propriedade da família Mendonça equivale a 15 alqueires; Sendo que 2,5 alqueires são de responsabilidade e da família Elisa, Ed e as duas filhas.	Horta, excedente do que é produzido na estufa, leite, galinha e ovos.	<u>Elisa e Ed:</u> Na estufa de chão (2): tomate, alface, couve, acelga, brócolis, quiabo. Leite e produtos derivados, como queijo, requeijão e doce de leite.  <u>Mendonça:</u> Soja arrendada.	Aves e gado.
<b>Pluriatividade:</b> Ed, esposo de Elisa e pai das duas meninas, começou a trabalhar em meados de 2021 na empresa Special Dog, sediada em Santa Cruz do Rio Pardo. Três anos antes, trabalhou na colheita de laranja no município de Ubirajara. Mesmo quando a estufa era a principal atividade familiar, envolvendo toda a família, Ed fazia serviços esporádicos em outros sítios para complementar a renda familiar, preocupação corriqueira devido à variação no preço dos produtos cultivados. Hoje a estufa é mantida principalmente por Elisa e as duas filhas como uma iniciativa familiar que			

garante às meninas o aprendizado de um ofício que possibilita a elas “ganhar o próprio dinheirinho”, já que estão se tornando “mocinhas”. Há quase dois anos, Thay, a filha mais velha, pediu à mãe autorização para vender na escola (Professor Homero Calvoso) as verduras produzidas na estufa da família. Durante o ano de 2023, essa iniciativa ficou ainda mais arrojada, além dos legumes, Thay passou a vender na escola as receitas preparadas pela mãe, como doce de leite recheado de frutas, queijo, requeijão duro ou mole e molho de tomate.

**Origem da propriedade:** A **Família A** é uma das famílias do local que possui o sobrenome Mendonça, além de serem vizinhas, todas têm em comum o trabalho com a estufa de chão, produzindo verduras e legumes. Nesta pesquisa, chamamos o pai de Elisa de “Seu Mendonça”, pois a propriedade remonta à sua linhagem parental, visto que ele foi neto de Dominiciano e bisneto de Ponciana, a principal figura na história contada pela própria família ao remontar à origem da propriedade. Segundo Dona Edna, a esposa de Mendonça, a origem da propriedade da família remonta às terras de Ponciana, mulher que precocemente tornou-se viúva e herdou grande extensão de terra – que naquele tempo foram simplesmente apossadas pelas primeiras famílias a chegarem na região –, extensão que ia do Saltinho à Jacutinga até para depois de São Pedro do Turvo. Provavelmente a família de Ponciana tenha vindo de Minas Gerais, junto de José Theodoro de Souza. Primeiro “chegado” na região, ele lidou com os povos nativos que ali habitavam e tomou para si e para o grupo que o acompanhava a faixa territorial que dará origem aos municípios da região.

Fonte: o autor, 2023

**Quadro 8 - Família B: Tamanho relatado da propriedade, cultivo para subsistência, cultivo para venda, criação, origem da propriedade e pluriatividade.**

<b>Família B: Tamanho relatado da propriedade, cultivo para subsistência, cultivo para venda, criação, origem da propriedade e pluriatividade.</b>			
<b>Tam. em quantidade de alqueires</b>	<b>Produção para subsistência</b>	<b>Produção para venda</b>	<b>Criação de animais</b>
2	Horta (mandioca, almeirão e alface), leite e ovos.	O excedente da produção de subsistência é vendido na cidade para clientes que agendam o pedido. Queijo, ovos e galinha.	Gado e aves.

**Pluriatividade:** RM, mãe de Tha, exerceu, nos últimos anos, o trabalho de auxiliar de limpeza nas escolas municipais de São Pedro do Turvo. Na ocasião da entrevista, RM estava trabalhando como diarista em uma casa que fica na área urbana, que é de uma ex empregadora, e vivia naquele momento a expectativa de ser chamada no concurso para trabalhar como monitora do ônibus escolar do município. Já Joca e Bené, ambos aposentados, exercem primordialmente as atividades requeridas no dia a dia do sítio, produzindo, através do trato dos animais e do cultivo da roça, um excedente mínimo que, quando vendidos, são entregues por RM ou Tha aos clientes da cidade.

**Origem da propriedade:** Herança familiar por parte do bisavô de Tha, pai de sua avó, Bene de Moraes. Da família são 2 alqueires, mas nos sítios ao lado vivem outros parentes que herdaram parte da terra original. Somando todas as terras, chegamos ao total de 10 alqueires.

Fonte: o autor, 2023

**Quadro 9 - Família C: Tamanho relatado da propriedade, cultivo para subsistência, cultivo para venda, criação, origem da propriedade e pluriatividade.**

<b>Família C: Tamanho relatado da propriedade, cultivo para subsistência, cultivo para venda, criação, origem da propriedade e pluriatividade.</b>			
<b>Tam. em quantidade de alqueires</b>	<b>Produção para subsistência</b>	<b>Produção para venda</b>	<b>Criação de animais</b>
6	Feijão, milho, horta e frutas (banana e abacate).	Soja e milho.	Gado e porco.
<p><b>Pluriatividade:</b> Padilha e sua esposa são aposentados, ambos residem na área urbana de São Pedro do Turvo, apesar disso, ele passa o maior período do dia trabalhando na manutenção do sítio que é de sua propriedade, e que tem como residentes fixos sua irmã e a neta desta, Clara (sobrinha de segundo grau de Padilha). A renda de Padilha deriva, em primeiro lugar, do plantio de soja e milho, atividade primeira da produção do sítio. Além disso, como um complemento variável da renda familiar, por possuir um caminhão, costuma oferecer o serviço de “puxar safra” em pequenas distâncias, geralmente seus clientes são seus próprios vizinhos. Sua esposa compartilha de similar origem rural, sempre ajudando-o na roça sem carecer de nenhuma dificuldade no tratar das plantas e dos animais da propriedade. Porém, por muitos anos ela cumpriu uma atividade mais “da cidade”, pois trabalhou como auxiliar de dentista no Sindicato Rural, sediado em Ourinhos. Estritamente sobre os residentes do sítio, sua irmã trabalha como faxineira em Ourinhos e São Pedro, enquanto Clara ainda cumpre como única atividade os estudos do nível básico.</p>			

**Origem da propriedade:** Como nos foi contado pelo entrevistado, a propriedade se origina de seu avô, Matias Antunes, que junto de seu irmão (não nomeado e este, sim, natural de Portugal) foram bem-sucedidos no processo de acumulação de terras, que naquele tempo não eram bens tão valiosos, chegando a alcançar uma propriedade contando cerca de 170 alqueires: sendo 70 em São Pedro do Turvo, 40 em Piracanjuba e 30 em Ribeirão Claro, município hoje pertencente ao estado do Paraná. Com o falecimento dos dois irmãos, a herança foi dividida entre 9 herdeiros, incluindo a mãe de Padilha, filha de Matias Antunes. Nesta ocasião em que se deu o recebimento da herança pela mãe, Padilha estava com 7 anos e até então vivia com seus pais e irmãos na propriedade de seu padrinho, no antigo bairro Capelinha, em Santa Cruz do Rio Pardo. Diante do falecimento dos pais, Padilha foi o único filho interessado em permanecer no sítio e, para impedir um novo desmembramento da propriedade, investiu na compra das partes de seus irmãos, mantendo, desse modo, a terra que fora herdada por sua mãe.

Fonte: o autor, 2023

**Quadro 10 - Família D: Tamanho relatado da propriedade, cultivo para subsistência, cultivo para venda, criação, origem da propriedade e pluriatividade.**

<b>Família D: Tamanho relatado da propriedade, cultivo para subsistência, cultivo para venda, criação, origem da propriedade e pluriatividade.</b>			
<b>Tam. em quantidade de alqueires</b>	<b>Produção para subsistência</b>	<b>Produção para venda</b>	<b>Criação de animais</b>
4,5	Mel e horta.	Tomate na estufa de chão (5) e milho.	Gado.
<p><b>Pluriatividade:</b> Todas as atividades de trabalho da família giram em torno do sítio, sendo que o cultivo de legumes – principalmente tomates – nas estufas representa a principal fonte de renda familiar. No Centro Comunitário (ver <b>Figura 2</b>), localizado ali mesmo na propriedade dos Souza, ocorre uma série de atividades gratuitas que nascem de parcerias entre a associação dos agricultores familiares de São Pedro do Turvo (do qual Fá é diretora fiscal) e instituições como Sindicato Rural de Ourinhos, SENAI, FAESP e UNIFIO (Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos). Como exemplo de cursos que já ocorreram no Centro Comunitário, segundo Fá, estão: manuseio da parte elétrica e acionamento de controle para estufa, aquaponia residual (produção que integra peixes e vegetais), produção e processamento de alimentos (curso que possibilitou a Elisa, da Família A, aprender a fazer os doces que passaram a complementar a renda familiar).</p>			

**Origem da propriedade:**A família remonta a origem da propriedade ao avô de PT, que se chamava José Teodoro de Souza. Tendo falecido, a propriedade foi dividida entre os herdeiros, incluindo então o pai de PT. A área do sítio estudado foi resultado de nova fragmentação, dado agora pelo falecimento dos pais de PT, sendo que dessa vez a divisão se deu entre 9 herdeiros, incluindo, obviamente, o entrevistado. Por isso, alguns dos vizinhos são parentes diretos de PT, irmãos e irmãs, porém nem todos continuaram residindo no pedaço de terra herdado, e escolheram ir viver em áreas urbanas de outros municípios, como Americana, Sumaré e Avaré.

Fonte: o autor, 2023

**Quadro 11 - Família E: Tamanho relatado da propriedade, cultivo para subsistência, cultivo para venda, criação, origem da propriedade e pluriatividade.**

<b>Família E:</b> Tamanho relatado da propriedade, cultivo para subsistência, cultivo para venda, criação, origem da propriedade e pluriatividade.			
<b>Tam. em quantidade de alqueires</b>	<b>Produção para subsistência</b>	<b>Produção para venda</b>	<b>Criação de animais</b>
12 (total)	Horta, café, leite, ovo, mel e frango.	<p><u>Vanessa e Rô:</u> Verduras na estufa de Hidroponia (1).</p> <p><u>Casal Andrade:</u> Pepino em estufa de chão (1); sorgo, milho, soja e mandioca.</p>	Aves, porco e gado.
<p><b>Pluriatividade:</b> Rô e Vá se casaram em 2005. Um ano depois, em 2006, Vá se formou em Português/Inglês na FAFIJA, antiga UENP, de Jacarezinho – PR. No mesmo ano da formação, ingressou como professora do Estado de São Paulo, tornando-se categoria F (Docente Estável) em 2007. Seu trabalho como professora representou a principal renda da família até o ano de 2018, quando o casal recebeu a proposta do pai de Vá para morarem no sítio e ali implantarem uma estufa hidropônica (ver <b>Figura 6</b>). O empreendimento é tocado por Rô com a ajuda do filho Cadu, que auxilia no contraturno das aulas, e hoje representa a principal fonte de renda familiar.</p>			
<p><b>Origem da propriedade:</b> Herança da família paterna de Vá, seu bisavô deixou um sítio em Bernardino – SP para seus 16 filhos. As terras acabaram sendo vendidas e compradas entre eles próprios, até que apenas 4 deles se tornaram donos da propriedade original. Em um acordo entre os 4 irmãos, o pai de Vanessa junto de um dos irmãos, venderam uma boa parte das terras de Bernardino para comprarem o sítio de 24 alqueires em São Pedro do Turvo – SP. Estando legalmente no nome dos dois, a propriedade foi dividida igualmente, 12 alqueires para cada, sob a condição de que cada um cuidasse de sua parte acordada. Foi nesse sítio em que Vá viveu sua infância até o início da vida adulta. Em 2021 ela voltou a morar no sítio, já casada com Rô e mãe de dois filhos. Para ressaltar aspectos da relação parental, vale explicar que os outros dois irmãos continuaram em Bernardino e, curiosamente, tanto</p>			

essa propriedade quanto a que vivem os dois irmãos de São Pedro do Turvo, são consideradas como sendo dos 4 irmãos. Assim, apenas considerando a esfera informal é que entendemos os acordos que definem a maneira de aquisição das propriedades e as repartições derivadas desses acordos.

Fonte: o autor, 2023

**Quadro 12 - Família F: Tamanho relatado da propriedade, cultivo para subsistência, cultivo para venda, criação, origem da propriedade e pluriatividade.**

<b>Família F: Tamanho relatado da propriedade, cultivo para subsistência, cultivo para venda, criação, origem da propriedade e pluriatividade.</b>			
<b>Tam. em quantidade de alqueires</b>	<b>Produção para subsistência</b>	<b>Produção para venda</b>	<b>Criação de animais</b>
4,5	Milho, mandioca, abacate e horta.	O excedente da produção de subsistência é vendido na cidade sem agenda fixa, variando entre a participação na feira e a “venda situacional”. <sup>18</sup>	Gado (25) e aves.

<sup>18</sup>Chamamos de venda situacional a seguinte situação relatada por Valdemar, segue o trecho em questão:

**Pesquisador:** Mas aqui então você produz alguma coisa que você vende?

**Valdemar:** É, tem que sobrar pra você comer, né, porque se não sobrar um frango, um ovo, não vender uma verdura, um abacate, alguma coisa, e não fazer, não levar pra cidade. A minha mulher, quando vai pra cidade e pega o carro, aí ela leva um frango, uns ovo, pra pagar o petróleo de voltar, porque vai na cidade vai gastar, mas lá não tem dinheiro pra trazer, é assim que funciona, porque se você diz “eu vou”, então tá, mas como você abastece?, não tem dinheiro no bolso pra chegar lá e abastecer e voltar pra casa, né, não é fácil não, não e bonito não, o nego pensa que é bonito, mas é duro, é apertado, tinha que ter uma coisa a mais pra ajudar a gente, né?

**Pluriatividade:** A família não apresenta uma dinâmica de trabalho plural, intercalando com momentos fora da propriedade rural, já que o casal residente tem renda composta pelo valor recebido pela situação de aposentadoria dos dois, mais o valor obtido pelo excedente comercializado, que, como visto, não possui regularidade bem definida. Os filhos, João Pedro e Suelen, já não residem mais ali, sendo que João mora na área urbana, onde trabalha em uma oficina, e Suelen casou e vive na capital, em São Paulo, onde trabalha como professora universitária.

**Origem da propriedade:**Valdemar, que é um homem preto, nasceu em 1953 no município de Campos Novos. Com 5 anos de idade, passou a viver em uma grande fazenda de laranja, na parte de Ribeirão Bonito, já que a extensão da fazenda cobria também o município de São Pedro do Turvo. Seu avô, pai de seu pai, teria nascido em Cabeceira Bonita. Nesta fazenda cresceu e viveu por 41 anos até que, no ano 2000, participou junto de mais 9 famílias da compra por financiamento de um conjunto de terras, através dos recursos federais do Banco da Terra, instituído em maio daquele mesmo ano. O formato exigia que a compra fosse feita por uma associação de trabalhadores rurais, e logo a aquisição coletiva resultou na divisão de 4,5 alqueires para cada família. Como participante dessa experiência pioneira, e enquanto representante da associação, Valdemar participou de recorrentes encontros organizados pelos órgãos federais e estaduais, inclusive recebendo convite direto do Ministro da Fazenda do governo Lula, na ocasião, Henrique Meirelles. A proposta que previa uma associação de trabalhadores rurais na aquisição da terra trazia com ela uma série de exigências que encontraram dificuldades de perdurar frente às necessidades da realidade. Assim, as estufas construídas em cada propriedade que geraram a renda necessária para o pagamento do financiamento da terra, assim como a manutenção das famílias, logo se mostraram insuficientes. A colaboração não chegou a se tornar uma realidade entre as famílias, nem no que diz respeito ao trabalho nem às decisões burocráticas que precisavam de certa coesão na participação. E por fim, algumas famílias conseguiram vender suas propriedades para compradores que concordavam com as condições próprias da vivência neste formado associativo. A solução para a fragmentação do grupo foi organizar a individualização dos interesses, mudando a categoria legal das propriedades, e assim optaram por tornarem-se agricultores familiares através do DAP, que, no âmbito legal possibilitou que cada família pudesse trabalhar individualmente e buscar por créditos e financiamentos exclusivos para o agricultor familiar. E esta é a situação atual. (Uma observação se faz importante: durante as entrevistas e em conversas com participantes não formais da pesquisa, o local onde ficam as terras da associação foi recorrentemente referenciado como o local onde vivem os “sem-terra” ou, simplesmente, chamado de “gleba”. Porém, como está claro na breve reconstrução da origem da associação, as famílias dali nunca possuíram relação como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra).

Fonte: o autor, 2023

### 5.3 O MUNICÍPIO

São Pedro do Turvo é um dos municípios que compõem a microrregião de Ourinhos, que está localizada no centro oeste do Estado de São Paulo. Possui uma população de 7.214 hab. (ver **Mapa 4**) e uma considerável área estimada em 731, 221 km<sup>2</sup> (ver **Mapa 5**), o que faz sua extensão geográfica ser a segunda maior entre os municípios dessa microrregião, atrás apenas do município fronteiriço, Santa Cruz do Rio Pardo (1.114 km<sup>2</sup>).

Esse município vizinho foi recorrentemente citado pelas famílias entrevistadas como lugar onde outros familiares residem ou trabalham e como uma cidade que proporciona um comércio que pode absorver a produção familiar assim como proporcionar momentos de lazer mais urbano. Isso se dá pelo maior grau de urbanização de Santa Cruz se comparado ao de São Pedro, assim como em relação à maioria dos outros municípios vizinhos.

Ourinhos, município que apresenta a maior área urbanizada da microrregião, não deixa de representar uma cidade atrativa para as finalidades citadas acima, porém a considerável proximidade entre as áreas urbanas de São Pedro e Santa Cruz parece ser um elemento facilitador para um maior contato entre as duas populações.

Por fim, outro fator a ser considerado é a oferta de postos de trabalho mantidos pelo setor industrial santa-cruzense, que é capaz de empregar mão de obra advinda de outras localidades que compõem a região ao redor, incluindo a população são-pedrense<sup>19</sup>.

A área urbanizada de São Pedro é bastante pequena, sendo de apenas 1,44 km<sup>2</sup>, a terceira menor da microrregião composta por 11 municípios (**Mapa 1**), porém, como é esperado, é na área urbana que reside a maioria da população, 71,56%; enquanto a predominante área rural que compõe quase a totalidade da extensão do município comporta 28,44% da população. De toda a população, 21% estão ocupadas, e a renda média mensal de 2 salários mínimos<sup>20</sup> é a 7º maior considerando todos os onze municípios da microrregião: sendo Chavantes o 1º (2,8

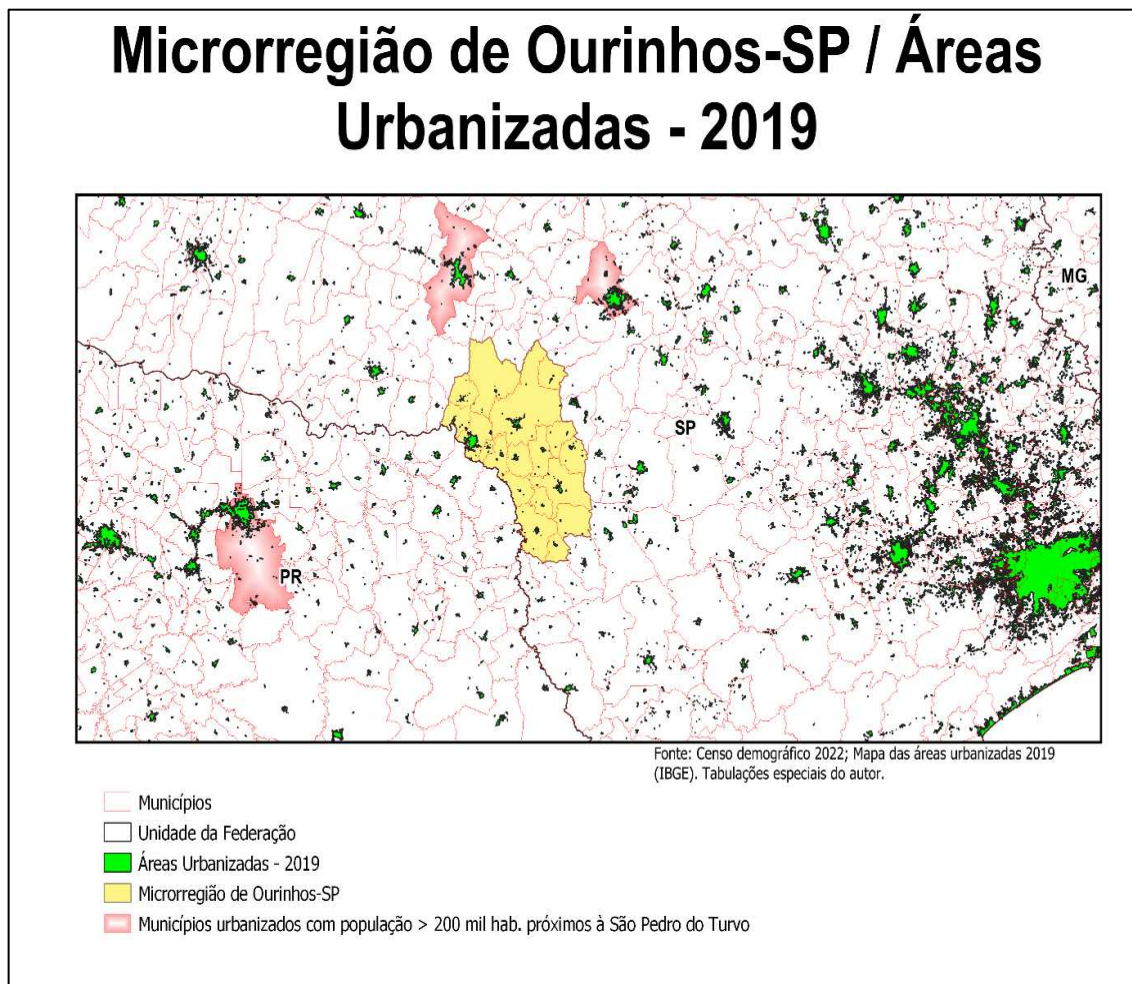
---

<sup>19</sup>Na **Família A**, o esposo de Elisa trabalha em uma dessas indústrias, a Special Dog. Sobre o perfil da empresa, hoje ela conta com 822 funcionários, é a quarta maior no segmento de alimentos para cães e gatos no Brasil, foi eleita a “2º melhor empresa para se trabalhar” pela 21ª edição da lista *GreatPlacetoWork* na categoria “Médias Nacionais”.

<sup>20</sup> IBGE Cidades, 2021.

salários), Santa Cruz do Rio Pardo o 2° (2,4 salários) e Ourinhos o 3° (2,3 salários). (Para conferir a localização exata dos municípios, ver **Mapa 3**).

**Mapa 1 - Microrregião de Ourinhos – SP/Áreas Urbanizadas – 2019**



Fonte: Censo demográfico 2022; Mapa das áreas urbanizadas 2019 (IBGE). Tabulações especiais do autor.

Informações estatísticas disponibilizadas pelo Censo Agro 2017 mostram que estão localizados na área rural de São Pedro do Turvo cerca de 558 estabelecimentos agrícolas, sendo 68,2% desses pertencentes à agricultura familiar. Complementando essa informação, a **Tabela 1** mostra os principais índices que caracterizam a atividade agrícola do município.

**Quadro 13 – Dados agropecuários de São Pedro do Turvo-SP**

Nome	São Pedro do Turvo-SP
Estabelecimento (N)	538
Área Média (ha)	94,80
Pessoal Ocupado/Estabelecimento (Pessoa)	3,93
Área Lavoura/Adubadeira (ha)	124,50

Área Lavoura/Colheitadeira (ha)	457,31
Área Lavoura/Semeadeira (ha)	149,56
Área Lavoura/Trator (ha)	40,31
Ativ. Econ. - Lavoura Temporária (%)	32,53
Ativ. Econ. - Lavoura Permanente (%)	7,62
Ativ. Econ. - Pecuária (%)	47,96
Ativ. Econ. – Horticultura&Floricultura (%)	10,78
Ativ. Econ. - Produção Florestal (%)	1,12
Uso das Terras - Lavoura (%)	46,63
Uso das Terras - Pastagem (%)	36,36
Aves - Corte (%)	3,53
Aves - Ovos (%)	3,72
Bovinos - Corte (%)	41,45
Bovinos - Leite (%)	15,24
Rendimento - Cana (kg/ha)	84670,72
Rendimento - Mandioca (kg/ha)	15984,27
Rendimento - Milho (kg/ha)	4373,42
Rendimento - Soja (kg/ha)	3161,07
Rendimento - Café (kg/ha)	1857,61
Rendimento - Laranja (kg/ha)	28996,04
Carga Bovinos (n/ha)	1,83
Cisterna (%)	0,37
Utilização Agrotóxicos (%)	57,25
Despesa Agrotóxicos (%)	9,31
Uso Irrigação (%)	14,13
Assistência Técnica (%)	54,28
Agricultura Familiar (%)	68,22
Produtor - até Ens. Fundamental (%)	50

Fonte: Censo Agro 2017, IBGE.

Considerando a importância do quadro geral em que estão inseridos os agricultores familiares são-pedrenses, cabe fazermos importantes considerações a respeito da relação entre empreendimento agrícola (pequeno, médio ou grande) presente no município e a dinâmica de oferta e demanda por força de trabalho pouco qualificado.

Juntos, os municípios vizinhos São Pedro do Turvo, 29º maior produtor de laranja do Estado de São Paulo, e Santa Cruz do Rio Pardo, 2º maior produtor, formam uma área de extensa oferta de trabalho sazonal na colheita da laranja. Há décadas o município de São Pedro recebe migrantes de outras regiões do Brasil, sendo os principais vindos do estado da Bahia para trabalhar na colheita à mão do fruto, trabalho pesado que possui riscos de vida, como o de ser atacado por cobra,

mas que aparentemente é compensado pela alta remuneração que oferece – perspectiva que diz algo a respeito da condição socioeconômica de origem do trabalhador migrante.

A tradicional migração do Nordeste para o Sudeste em sua especificidade são-pedrense explica por que é comum que estudantes e professores da E.E. Homero Calvoso tenham ascendência nordestina, filhos de migrantes baianos que permaneceram na cidade, residindo e trabalhando nas lavouras. Por se tratar de um processo de décadas, mas que ainda ocorre e constitui parte da mescla cultural que compõe a dinâmica local, é possível observar no espaço escolar várias gerações de migrantes, muitos já estabelecidos em profissões diferentes das que trouxeram seus pais para São Paulo, como é o caso de alguns professores; já outros, recém-chegados, ocupam as mesmas funções tradicionais de trabalho agrícola; e seus filhos, em idade escolar, ocupam as salas de aula das escolas do município.

Outra consideração acerca da dinâmica do trabalho agrícola pouco qualificado na região é sobre a produção de mandioca, que é bastante presente na microrregião de Ourinhos. Considerando todas as regiões do estado de São Paulo, São Pedro do Turvo é a 8º maior produtora entre as cidades de região imediata: sendo que Ocaçu e Campos Novos Paulista são respectivamente 3º e 2º maior município produtor de mandioca. Em uma de nossas entrevistas, viemos a saber que a propriedade em que reside a **Família E** tem a produção de mandioca como uma das principais fontes de renda e que não é incomum que sua colheita seja realizada pelo contrato de jovens em idade escolar que acompanham seus pais na árdua tarefa de retirar aos montes a mandioca do solo, apesar da boa remuneração que tende a compensar a penosidade do trabalho.

Apontamos, então, que tanto a situação mencionada do trabalhador, que migra para ser contratado na plantação de laranja, quanto a família, que trabalha sob contrato na retirada de mandioca em terra alheia, expõem uma relação de trabalho agrícola que lembra a situação de *cativeiro* como formulada por Woortmann (1990)<sup>21</sup>, pois em ambos os casos o trabalho agrícola é exercido sob a condição de aluguel, condição oposta à do trabalho agrícola na própria terra que é a condição da liberdade camponesa.

---

<sup>21</sup> Ver página 28.

No próximo capítulo, continuaremos expondo alguns tipos de relações sociais próprias da vida rural são-pedrense, mas agora apresentando aspectos da cultura do campesinato paulista que se exprimem em práticas tradicionais dos agricultores familiares que participaram da pesquisa.

## 6 MANIFESTAÇÕES DA CULTURA CAMPONESA

### 6.1 O MUTIRÃO

Algumas das famílias que participaram da pesquisa manifestam práticas tradicionais que possuem equivalência na literatura acerca da cultura camponesa, uma dessas práticas é o mutirão, descrito aqui pela **Família D**, onde a propriedade se localiza no bairro Palmital.

De acordo com Antônio Candido (2002), em *Os parceiros do Rio Bonito*, o mutirão é a manifestação mais importante da sociedade caipira, e consiste essencialmente na reunião de vizinhos que:

convocados por um deles, a fim de ajudá-lo a efetuar determinado trabalho: derrubada, roçado, plantio, limpa, colheita, malhação, construção de casa, fiação etc. Geralmente os vizinhos são convocados e o beneficiário lhes oferece alimento e uma festa, que encerra o trabalho. Mas não há remuneração direta de espécie alguma, a não ser a obrigação moral em que fica o beneficiário de corresponder aos chamados eventuais dos que o auxiliam. Este chamado não falta, porque é praticamente impossível a um lavrador, que só dispõe de mão-de-obra doméstica, dar conta do ano agrícola sem cooperação vacinal. (CANDIDO, 2002, p. 88).

Sendo assim, o mutirão é uma troca voluntária de dias de trabalho entre vizinhos que não envolve monetarização, sendo que dita o costume que uma festança seja servida na conclusão da tarefa. E foi assim que a **Família D** descreveu como o mutirão colaborou na construção da mais nova estufa para legumes da propriedade:

**João:** Aí, a gente faz toda a estrutura, aí sempre que alguém precisa a gente vai, todo mundo voluntário, ninguém cobra nada, tem bastante gente que trabalha nessa área e todo mundo se ajuda voluntariamente.

**PT:** Tipo uma troca de dia, né?... Eu precisei cobrir, vem os vizinho e ajuda, ele vai cobrir uma lá, eu vou lá e ajudo.

Existe, entretanto, uma iniciativa primeira que fica de encargo da família, aqui, no caso, a construção da estrutura, antecedendo o auxílio coletivo que depois veio a cobri-la:

**Figura 1 - Estufa de chão construída por mutirão no sítio dos Sousa**



Fonte: o autor, 2023

**PT:**É, agora pa construir a estrutura, essas coisas é só a gente mesmo.

**Pesquisador:**Entendi, então a estrutura foram vocês e aí no dia para cobrir...

**PT:**Isso, aí precisa de umas seis, sete pessoas, né...

**Pesquisador:**E quem vem?A família, é o chegado?...

**PT:**É, a família, os vizinhos mais próximos, né

**Pesquisador:**E depois tem uma festa...

**PT:**É, geralmente depois faz uma janta, uma confraternizaçãozinha, já é de costume...

A estufa de chão da propriedade da **Família A** também foi construída por mutirão com ajuda dos vizinhos, inclusive contando nessa ocasião com a participação de PT, vizinho de longa data.

No seu relato sobre a construção da estufa da **Família A**, Elisa expôs as mesmas características já apresentadas por PT, como o princípio da retribuição da ajuda e a bonança típica da refeição confraternizada depois de finalizado o trabalho:

**Elisa:** Como diz, eles fazem um mutirão, aí, depois que termina, eles dá a janta, faz um churrasco, come e bebe (risos), porque daí eles não cobram, sabe, não cobra assim, vamos supor, que é 50 reais para cada pessoa, então daí eles não cobram e você dá um almoço quando é mais cedo, ou, quando é depois dessas horas, faz uma janta... daí, na hora que eles terminam, eles ficam lá, bebendo e comendo até (risos)...

O trecho a seguir esclarece a respeito da relação de solidariedade entre vizinhos além da divisão de gênero no trabalho empregado na construção da estufa:

**Pesquisador:**Então o mutirão é comum aqui...

**Elisa:**É sim, quinem, eles estão cobrindo lá (Sítio dos Souza), aí se o vizinho da frente montar outra estufa, aí vai todo mundo lá ajudar...

**Pesquisador:**Mas, quando você fala todo mundo, é o que?

**Elisa:**Assim, umas 5 ou seis pessoas...

**Pesquisador:**Mas envolve quantas famílias lá pra ajudar?...

**Elisa:**Ah, só vai geralmente o homem, se a mulher não está fazendo nada aí ela vai junto pra...(risos)... Essas aqui mesmo, quantas vezes não foram junto?, mas só pra ficar lá brincando... (se referindo às filhas, Thay e Kaylani).

**Thay:** É, na maioria são os homens que trabalham...

**Elisa:**É, porque tem que puxar arame, puxar plástico, aí corta isso e aquilo, e sobe escada... Tem até mulher que ajuda, sim, mas quem eu, fico só na parte da comida mesmo (risos).

Observa-se que, se se trata de um trabalho pesado, árduo e, logo, delegado geralmente aos homens, a fala de Elisa indica para sua participação mais passiva e circunstancial no mutirão. É interessante notar a timidez na fala de Elisa e como seu aparente constrangimento pode ser interpretado como uma denúncia da parcialidade de seu ponto de vista e como um indicativo das expectativas do grupo de trabalho no que diz respeito ao tipo de participação que se espera da esposa que acompanha o marido, já que “tem até mulher que ajuda sim” no trabalho pesado, mas que ela, Elisa, costuma ficar “só na parte da comida mesmo”.

Além das estufas, o Centro Comunitário do bairro Palmital, composto por um barracão e uma capela construídos na propriedade da **Família D**, representa outro exemplo do trabalho colaborativo empregado pelos parceiros de vizinhança.

Construído em 2013, o empreendimento coletivo se originou da necessidade de dividir o bairro Palmital em duas partes, o Santa Monica (onde residem as famílias aqui pesquisadas) e Santa Maria Gorete, ou simplesmente Palmital 1 e 2, estabelecendo em cada parte um Centro Comunitário. A questão que envolveu a divisão do bairro girou em torno da visita médica ofertada pelo município que, prestando atendimento apenas uma vês por mês, não conseguia atender a demanda de todos os pacientes do bairro. Com a mudança, a agenda da visita médica passou a cobrir cada parte do bairro em dias diferentes. Porém, o projeto de atendimento médico durou pouco tempo, e hoje os moradores das duas partes do bairro Palmital precisam ir até o posto de saúde, localizado na cidade, para conseguir atendimento médico.

**Figura 2 - Centro Comunitário do bairro Palmital 2**



Fonte: o autor, 2023.

Entretanto, outras atividades passaram a seguir a mesma lógica, e o primeiro empreendimento do Centro Comunitário do bairro Palmital 2 realizada pelo mutirão foi a capela. Nela, o padre do município (de nacionalidade indiana, chamado Agostine) passou a rezar as missas mensais em dia diferente da missa rezada na outra parte do bairro. Com o tempo, o padre pediu à **Família D** que fosse oferecido um almoço depois de cada missa, e assim surgiu a necessidade do barracão, que foi construído através de reserva familiar, doação e o trabalho organizado como mutirão.

**João:** Uma vez por mês, tem missa aqui, todo mundo do bairro...

**Fá:** É, aí é convidado todo mundo do bairro, e isso aqui a gente construiu, que quando mudou o padre Augustino ele pedia janta, e a gente fazia a janta em casa e depois descia com a janta pra missa, e aí foi nesse período que começou a formar tudo, aí eu falei pro PT que assim nós vamos acabar... um dia Deus, tendo que acudir um caso mais grave deixando eu na mão, né?, porquecê conta com a ajuda de Deus, né?...Aí eu...eu pedi doação e a gente construiu o salão, né?, o barracão aqui.

**Pesquisador:** Tá...

**PT:** E hoje usa, por exemplo, pra igreja, às vezes tem curso aqui mesmo...

**João:** ...Curso do Sindicato Rural de Ourinhos...

**PT:** ...Sindicado, do SENAI...sempre tem curso aqui, né?

**Fá:** Hoje é uma referência pra comunidade inteira, porque, né?, Uma coisa que a gente colocou uma poupança nossa que a gente tinha, porque teve que gastar do bolso nosso pra pôr e com a doação do povo, e agora tá voltando pro povo mesmo, então...

Hoje, além de servir à recepção dos fiéis, é no barracão que ocorrem os cursos ofertados às famílias. Tratam-se de cursos resultantes do sucesso de iniciativas da Associação de Agricultores Familiares de São Pedro do Turvo, do qual Fá é diretora fiscal, em criar alternativas junto a instituições (como o Sindicato Rural de Ourinhos, a SENAI, FAESP, e a UNIFIO, Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos) que ampliem o leque de saberes e técnicas voltadas para o cultivo (por exemplo, a técnica de Aquaponia Residual, que reutiliza o dejetos de peixes como adubo orgânico para o cultivo de folhas, como o alface) ou na produção e processamento de alimentos (curso que permitiu à Elisa, da **Família A**, aprender a fazer os doces que atualmente ajudam-na a complementar a renda familiar) entre outros cursos ofertados durante todo o ano.

## 6.2 FESTA DA BANDEIRA DE SÃO JOÃO E DE SÃO PEDRO

A consideração da importância dos eventos religiosos católicos para a constituição dos bairros, fortalecendo a sociabilidade entre os aglomerados vizinhos, foi igualmente objeto de investigação da sociologia de Antônio Candido na obra *Os Parceiros*. Lembramos, especificamente, da sua análise sobre os festejos de São Roque, no Bairro de São Roque Novo<sup>22</sup>, uma importante descrição que representa um material valioso para pesquisadores posteriores que se dediquem a uma tarefa de registro semelhante.

Em São Pedro do Turvo, pudemos ver essa relação entre festividade religiosa e sociabilidade entre bairros vizinhos ao participarmos da Festa da Bandeira de São João, experiência que constituiu um breve exercício de observação participante, resultando em um esboço de análise social que teve como finalidade descrever as linhas gerais da dinâmica da festa religiosa que envolve anualmente os bairros Palmital, Tarumã e Saltinho (ver **Anexo I**).

---

<sup>22</sup> Para conferir o trecho em que Antônio Candido analisa a festa de São Roque, confira a passagem que tem início na página 95 da edição utilizada nesta dissertação.

### 5.3 CULTURA RÚSTICA E COZIMENTO NO TACHO DE FERRO

Figura 3 - Residência de Joaquim e Benedita Moraes



Fonte: o autor, 2023.

Na parte teórica deste trabalho, tratamos detidamente da contribuição de Antônio Candido a respeito do campesinato de tipo paulista. Por ora, se faz necessário apenas remeter ao conceito de *culturarústica* utilizado por Candido na sua definição do modo de vida do *caipira*:

A cultura do caipira, como a do primitivo, não foi feita para o progresso: a sua mudança é o seu fim, porque está baseada em tipos tão precários de ajustamento ecológico e social, que a alteração destes provoca a derrocada das formas de cultura por eles condicionada. Daí o fato de encontrarmos uma continuidade impressionante, uma sobrevivência das formas essenciais, sob transformações de superfície, que não atingem o cerne senão quando a árvore já foi derrubada – e o caipira deixou de o ser. (CANDIDO, p.107).

Dialogando com o autor, Maria de N. B. Wanderley (1996, p. 8) definiu o *caipira* como um representante do campesinato brasileiro que vive dentro dos patamares mínimos vitais e sociais.

Essa forma estática e precária de pensar a relação com a natureza ao redor, mas também a relação com as exigências do mundo contemporâneo, que é dinâmico, financeirizado e burocrático, pode ser visto no relato de Joca (**Família B**). A maneira de Joca pensar se assimila à mentalidade descrita por Candido ao tratar do *caipira* particularmente no apreço que esse teria em manter-se com o mínimo necessário para autossustentação familiar:

**Pesquisador:** E o senhor...sua ocupação, trabalho...

**Joca:** Era lavrador, mas agora sou aposentado, eu falei pra mulher, agora que nois aposentou vamo largar mão de serviço, porque a vida da gente é tão boa, se a gente souber viver com ela... Cê vê que com tão pouco, com um salário, dá pra viver se você souber se virar... Agora, quer fazer coisa bonita, não adianta né...

**Joca:** É porque, João, é quem eu falo pra turma, a gente não adianta pedir chuva nem sol e nem vento, porque na nossa religião o pai nosso já tem o pão de cada dia, você rezou e pediu, não vai faltar nunca pra comer...

**Pesquisador:** E o que você produz aqui, Seu Joca?

**Joca:** Aqui a gente tá tirando um leitinho pra fazer um queijinho pra vender pra frente, os outros, arrendo pra plantar soja, pra cima, eu disse, bom, vocês fazem o que quiser, quem quiser ajeitar... Eu tenho as vaquinhas aí, ó, são minhas, e assim vai... Então eu, graças a Deus, não dependo de ninguém pra comer, ó, só dependo do médico do posto, porque você sabe que ninguém aguenta mais, você vai comprar qualquer comprimidinho e é aquele preço infeliz.

Outra similaridade com a obra do sociólogo pôde ser observada na maneira tradicional de preparo da refeição, prática que nos remeteu ao modo de vida rústica do camponês de Bofete de meados do século XX.

Registrei as respostas de Joca às perguntas do roteiro de pesquisasentado ao lado do tacho de metal que fervia na fogueira. Enquanto ele mexia na carne para ajudar a soltar os ossos que eram jogados no terreno ao lado, observava o antigo costume de cozimento do porco no tacho. O porco, cortado e preparado em pedaços na cozinha de Bene, sua esposa, iria render um dia inteiro de trabalho devido à grande quantidade de carne que o manuseio correto do corte pôde prover. Assim que prontos, os pedaços eram prontamente retirados da fervura e despejados em latas grandes, junto da mesma banha que se desprende no processo de cozimento. Por isso, geralmente essa antiga prática de armazenamento é comumente chamada de “armazenar o porco na banha”, reconhecido como tão eficaz que a carne de porco poderá ser consumida meses depois, foi o que relatou Joca.

**Figura 4 - Preparo do porco por Joaquim e Benedita de Moraes**



Fonte: o autor, 2023.

**Figura 5 - Cozimento no tacho de ferro**



Fonte: o autor, 2023.

## 7 VARIAÇÃO DE ESCALAS: EVOLUÇÃO DAS TIC NO BRASIL E EM SÃO PEDRO DO TURVO

Realizando uma breve retomada dos últimos resultados da PNAD Contínua, pesquisa trimestral organizada pelo IBGE, podemos visualizar movimentos que aparentam ser tendências que modificam a realidade sobre a presença de TIC nos domicílios brasileiros. Própria dessa dinâmica, da qual o desafio é distinguir o que é estrutural e orgânico do que é pontual e passageiro, algumas informações surgem como comuns ao nível macro e ao nível micro de análise naquilo que diz respeito ao modo de utilização de TIC. É essa variação de escalas que nos interessa explorar nesta etapa.

### 7.1 QUADRO GERAL SOBRE USO DE TIC NO BRASIL

Segundo a PNAD Contínua de 2019, 84% dos domicílios tinham acesso à internet até aquele ano, e, entre os equipamentos utilizados para acessar a internet no domicílio, o telefone celular, presente em 99,5% dos domicílios, mantinha-se na vanguarda, perto de alcançar a totalidade dos domicílios que acessam a rede mundial de computadores no país. Em segundo lugar, mas abaixo da metade dos domicílios em que havia acesso à internet, estava o microcomputador (45,1%), seguido pela televisão (31,7%) e pelo tablet (12,0%) (PNAD, 2019, p.6).

Ainda sobre a preferência pelo telefone celular, era possível verificar que existia um recorte baseado na renda entre os domicílios particulares que sugeria definir a escolha por este equipamento. Utilizam o telefone móvel como equipamento de acesso à internet os domicílios que possuíam renda *per capita* em média de R\$ 1526 reais, enquanto a média de renda para o microcomputador era de R\$ 2339, e, para o tablet, R\$ 3223 reais (PNAD, 2019, p. 7).

A pesquisa realizada após o período pandêmico, PNAD Contínua 2022, apresentou dados que mostram que houve um aumento de 6 pontos percentuais a respeito da contabilização dos domicílios com acesso à internet, chegando agora a 90%. E se considerarmos a proporção da área rural, interesse primeiro de nossa pesquisa, no período de 2019 a 2021, a porcentagem de domicílios com acesso à

internet aumentou de 57,8% a 74,7%, enquanto que na área urbana o crescimento foi de 88,1% para 92,3%<sup>23</sup>.

É importante notar que os estudantes acima de 10 anos de idade formam a categoria que proporcionalmente mais utilizou a internet no período de referência da pesquisa: 90,3%.

E sobre os dispositivos mais utilizados nos domicílios brasileiros para acessar a internet, o resultado de 2022 apresenta alteração a respeito do quesito preferência que vinha desde 2016, e ainda presente no levantamento de 2019 que antecedeu a crise sanitária de Covid-19:

Em 2021, o telefone celular continuou na liderança, sendo o principal equipamento de acesso à internet em 99,5% das casas. Na segunda posição, pela primeira vez, agora aparece a televisão, opção de acesso mais utilizada em 44,4% dos domicílios, alta de 12,1 pontos percentuais frente a 2019 (32,3%). Já o uso dos microcomputadores caiu de 45,2% para 42,2% e se encontra na terceira posição. Completa a lista o tablet, que recuou de 12,1% para 9,9% dos domicílios, no período. (PNAD Contínua 2022).

Além da questão de preferência, vale ressaltar que entre 2019 e 2021, o percentual de domicílios com conexão à internet por banda larga móvel caiu de 81,2% para 79,2%, enquanto o percentual da banda larga fixa aumentou de 78% para 83,5%. Outra alteração que pode ser explicada pela obrigatoriedade do isolamento social que fez com que as pessoas permanecessem mais tempo em casa e, logo, fazendo da internet por banda larga móvel menos necessária.

A respeito da utilização da internet na área rural brasileira, outra pesquisa nos orienta no mesmo sentido apresentado pela PNAD Contínua 2022. O Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), que produz o levantamento TIC Domicílios, apresentou como resultado em 2021 o seguinte cenário: *a proporção de usuários de internet nas áreas rurais cresceu no Brasil em comparação ao período que antecede a pandemia, passando de 53% dos indivíduos de 10 anos ou mais em 2019 para 73% em 2021.*<sup>24</sup>

Em pesquisa mais recente, a TIC Domicílios 2022, em conformidade com a última PNAD, apresentou a predominância do telefone celular como principal dispositivo para acesso à internet em comparação aos outros dispositivos. Na tabela

---

<sup>23</sup>Link: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2022/09/internet-chegou-a-90-dos-domicilios-brasileiros-no-ano-passado>>. Acesso em 03/09/2023.

<sup>24</sup>Link:<<https://www.cgi.br/noticia/releases/uso-da-internet-avanca-em-areas-rurais-durante-a-pandemia-revela-nova-edicao-da-tic-domicilios/>>. Acesso em 03/09/2023.

abaixo, podemos conferir os números totais considerando o recorte entre área urbana e rural do país:

**Quadro 14 - USUÁRIOS DE INTERNET (POR DISPOSITIVO UTILIZADO)**

<b>USUÁRIOS DE INTERNET (POR DISPOSITIVO UTILIZADO)</b>								
<i>Total de usuários de Internet</i>								
Total	Total Computador	Tipo de computador			Telefone celular	Aparelho de videogame	Televisão	Outros dispositivos
		Computador de mesa	Notebook	Tablet				
<b>TOTAL</b>	56.815.957	29.686.665	39.889.699	15.161.590	148.105.320	14.289.741	81.705.694	1.558.087
<b>ÁREA Urbana</b>	52.955.557	28.003.241	37.208.104	13.849.011	130.467.834	13.657.852	74.333.767	1.406.361
<b>ÁREA Rural</b>	3.860.400	1.683.423	2.681.595	1.312.578	17.637.487	631.889	7.371.927	151.726

Fonte: TIC Domicílios 2022, CGI.br.

E ainda pensando a respeito das maneiras distintas de utilização das TIC nos domicílios urbanos e rurais, podemos verificar, na tabela abaixo, que as populações que residem nas duas áreas apresentam os mesmos motivos principais para não utilização da internet: em primeiro lugar, por falta de habilidade com o computador e, em segundo lugar, por falta de interesse.

**Quadro 15 - INDIVÍDUOS QUE NUNCA UTILIZARAM INTERNET (POR MOTIVO DECLARADO PARA NUNCA TER UTILIZADO A INTERNET)**

<b>INDIVÍDUOS QUE NUNCA UTILIZARAM INTERNET (POR MOTIVO DECLARADO PARA NUNCA TER UTILIZADO A INTERNET)</b>								
<i>Total de pessoas que nunca acessaram a Internet</i>								
Total	Por falta de necessidade	Por falta de interesse	Por falta de habilidade com o computador	Por não ter onde usar	Por ser muito caro	Por questões de segurança ou privacidade	Por não ter contato com conteúdo	Por outro motivo
<b>TOTAL</b>	11.666.540	16.825.270	18.432.462	7.340.697	10.437.462	9.432.511	10.311.386	962.150
<b>ÁREA Urbana</b>	9.978.080	14.462.012	14.673.765	5.706.595	8.485.798	8.169.266	8.906.110	674.483
<b>ÁREA Rural</b>	1.688.460	2.363.258	3.758.697	1.634.103	1.951.665	1.263.245	1.405.276	287.667

Fonte: TIC Domicílios 2022, CGI.br.

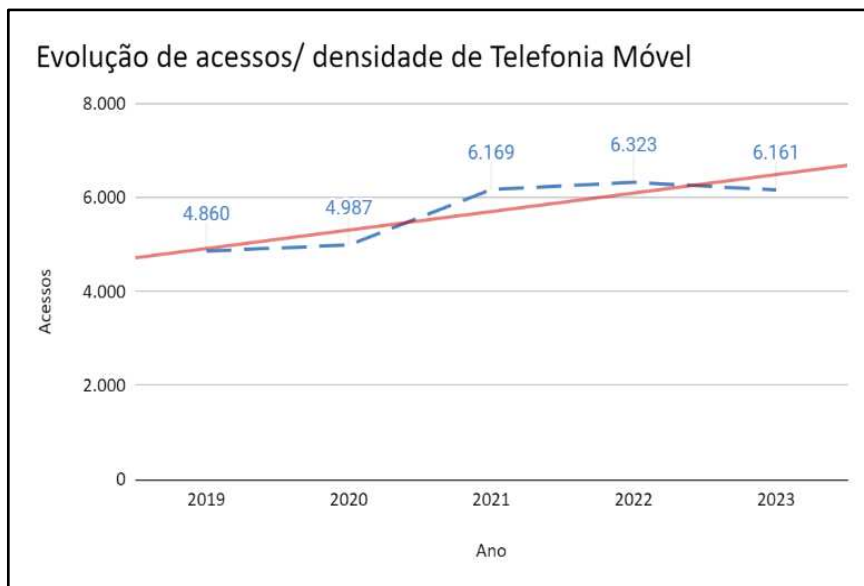
As últimas publicações da PNAD Contínua e da TIC Domicílios mostram um quadro geral semelhante da situação brasileira em que o aparelho celular e a televisão ocupam as primeiras posições como dispositivos mais utilizados para conectar a internet, mas também nos apontam para a influência do período de enfrentamento à pandemia como causa de mudanças importantes no nível macrossocial. Trata-se, portanto, de um período bastante oportuno para comparação entre tais valores do quadro geral e o caso específico do município de São Pedro do Turvo.

## 7.2 EVOLUÇÃO DE ACESSO À INTERNET EM SÃO PEDRO DO TURVO – SP

Como dito ainda na introdução desta pesquisa, partiu-se da experiência pessoal do pesquisador, que, durante o ano de 2021, exerceu a função de PROATEC na E. E. Professor Homero Calvoso, para sugerir a possibilidade de que naquele ano estaria havendo um crescimento significativo no número de pessoas que adquiriram o primeiro aparelho celular. Na ocasião, percebeu-se que havia aumentado o número de alunos e responsáveis à procura de ajuda para mexer nos aparelhos recém adquiridos ou nas plataformas que haviam se tornado obrigatórias para a continuidade das aulas em modo remoto.

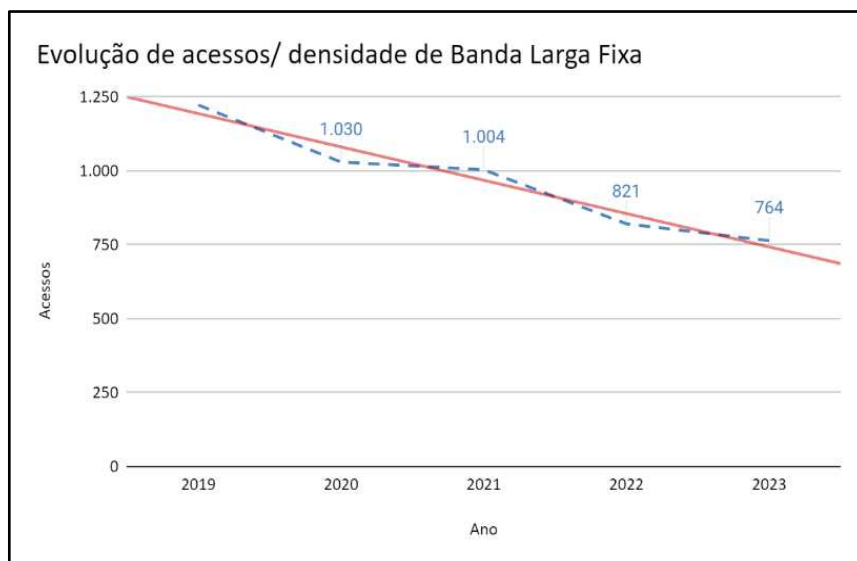
Agora, tendo dados disponibilizados por pesquisas de grande alcance produzidas depois do período crítico de isolamento social no estado de São Paulo, podemos verificar uma forte equivalência entre o que ocorreu em nível nacional e a trajetória dos gráficos que definem a evolução de acessos de diferentes tecnologias disponibilizadas pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel):

**Gráfico 1 – Evolução de acessos/densidade de Telefonia Móvel**



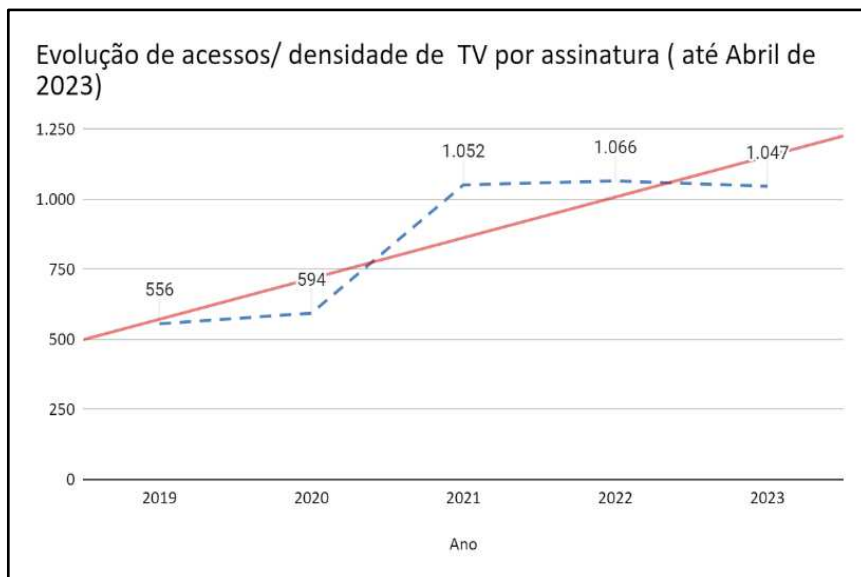
Fonte: Anatel, 2023

**Gráfico 2 – Evolução de acessos/densidade de Banda Larga Fixa**



Fonte: Anatel, 2023

**Gráfico 3 – Evolução de acessos/densidade de TV por assinatura (até abril de 2023)**



Fonte: Anatel, 2023

Acompanhando a linha que liga os pontos de 2020 e 2021 no **Gráfico 1**, fica claro que houve um rápido aumento no número de acessos à telefonia móvel, sendo 1211 novos acessos neste período contra 127 no período entre 2019 e 2020. Para esclarecer a importância desse crescimento (que chegou ao número total de 6.169 acessos), vale ressaltar que a última estimativa do IBGE contabilizou cerca de 7.724 habitantes em São Pedro do Turvo<sup>25</sup>.

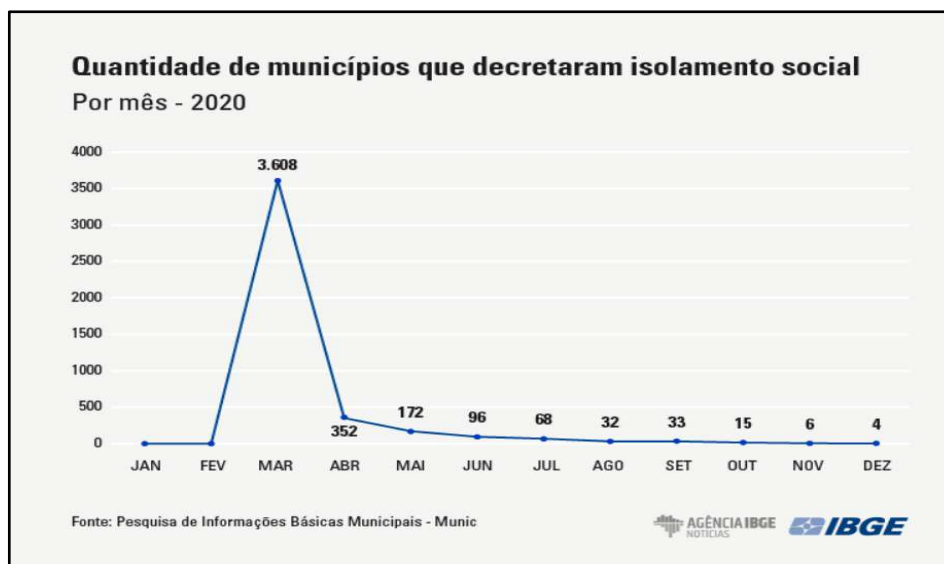
Um aumento ainda mais significativo no período considerado pode ser visto no caso da evolução dos acessos de televisão por assinatura (**Gráfico 1.2**), em que o crescimento de 458 novos acessos (43,5%!), nos leva a considerar razoável a ideia de que existe uma relação entre a obrigatoriedade do isolamento social, que na prática significou uma maior presença das famílias dentro de casa, e a decisão de adquirir dispositivos e serviços tecnológicos que oferecessem entretenimento e conteúdos perfeitamente consumíveis na esfera domiciliar.

No **Gráfico 2**, que mostra a evolução do acesso de banda larga fixa (internet por cabeamento normalmente utilizada em microcomputadores), podemos observar que, entre 2020 e 2021, houve uma desaceleração da tendência de queda no número de acessos, tendência que se mostrou persistente e contínua até o ano de 2023. Igualmente nesse caso poderíamos supor que a aparente desaceleração no

<sup>25</sup> Disponível: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-pedro-do-turvo>> acesso em 03/09/2023.

período pode ter sido resultado da maior necessidade de conexão fixa (propriamente domiciliar) durante o primeiro ano de combate à propagação da COVID-19 – quando o decreto de “ficar em casa” foi fortemente adotado pelos municípios<sup>26</sup>.

**Gráfico 4 – Quantidade de municípios que decretaram isolamento social**



Fonte: Agência de Notícias, IBGE, 2020.

Portanto os três gráficos mostram que o primeiro ano de combate à propagação do vírus foi o mais decisivo no que diz respeito à aquisição ou simplesmente à posse de TIC. E assim a palavra “aceleração”, entendida como uma brusca mudança de velocidade (nº de acessos) em um tempo determinado (mês ou ano), melhor corresponde ao período de pânico geral causado pela incapacidade da população mundial em prever o nível do risco que envolvia a propagação do novo vírus.

Ademais, também é importante assinalar que as informações encontradas na Anatel são insuficientes para criarmos um quadro maior que nos ajude a compreender como as famílias pertencentes à agricultura familiar do município acessaram a internet no período de Março de 2020 até 17 de Agosto de 2021, tanto por não haver um recorte entre urbano e rural nas informações disponíveis pela instituição, quanto por não conseguirmos afirmar que o aumento no número de

<sup>26</sup>Disponível: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/32151-quase-totalidade-das-prefeituras-brasileiras-adotaram-o-isolamento-social-em-2020#:~:text=Medidas%20de%20isolamento%20social%20frente,da%20doen%C3%A7a%20durante%20o%20ano>>. Acesso em 09/09/2023.

acessos à telefonia móvel no município representa diretamente uma preferência por este aparelho como meio de acessar a internet (pontuando que, no aparelho celular, o acesso pode ocorrer através dos tipos de conexão por banda larga móvel, Wi-Fi ou rede de celular).

Além disso, há certo contraste entre os resultados da Anatel e PNAD Contínua 2022 que cobrem os anos de 2019 e 2021. Se o **Gráfico 1** mostra um notável salto no número de acessos de telefonia móvel, a PNAD detectou uma inédita queda no número de acessos por banda larga móvel (de 81,2% para 79,2%) em sua última edição.

Contrastes deste tipo fazem parte do desafio de comparar escalas diferentes de análise, o que nos faz pensar sobre a importância de não perder de vista as particularidades locais no que diz respeito à adequação ao processo de digitalização da vida domiciliar.

Por outro lado, reafirmamos que é cabível propor a existência de convergências entre os diferentes dados e as diferentes escalas. Sendo mais claro, acreditamos que é até mesmo possível propor tendências que podem ser apontadas quando comparadas as três fontes de dados consideradas: PNAD 2022, TIC Domicílios e dados da Anatel a respeito da evolução de acessos em São Pedro do Turvo.

Logo, o resultado da contabilização dos domicílios com acesso à internet, que alcançou 90% dos domicílios na PNAD 2022, representando aumento de 6 pontos percentuais em relação à publicação de 2019, mostra seguramente a preferência do aparelho celular como o principal dispositivo de conexão à rede, resultado que não difere dos publicados pela Anatel e é confirmado pela CGI.br. Ainda mais, outra convergência pode ser identificada quando olhamos para a televisão como segunda opção mais utilizada para acessar a internet, segundo a PNAD 2022, cobrindo 44,4% dos domicílios, uma alta de 12,1 pontos percentuais frente ao resultado de 2019 (32,3%), em conjunção com os dados disponibilizados pela Anatel sobre o acesso à “TV por assinatura”, que quase dobrou em São Pedro do Turvo no mesmo período.

Estes últimos dois casos parecem sólidos e até agora não pode ser observada uma considerável quebra de trajetória: nos próximos anos, dificilmente o celular deixará de ser o dispositivo predileto de acesso à rede; e os televisores, em

suas versões atuais, são adaptáveis às diferentes formas de conexão à rede (inclusive, permitem o emparelhamento com o aparelho celular), e por isso podem estar se consolidando como um dos dispositivos mais utilizados para acessar a rede.

Parece-nos haver motivos para a proposição de confluência entre realidade local e resultados captados na escala nacional – pelo menos no que diz respeito à aquisição de TIC no padrão iniciado a partir de 2020 e considerando particularmente o município de São Pedro do Turvo - SP.

### 7.3 TIC DAS FAMÍLIAS E MOTIVO DE AQUISIÇÃO

Até este ponto, baseamo-nos em pesquisas que diziam algo sobre uma realidade ampla ou macrossocial como uma maneira de construir um quadro em que nossa unidade de análise pudesse ser comparada. Alcançamos, neste caminho, pelo menos duas sugestões acerca de possíveis tendências que conectam a realidade local à realidade global em um contexto de crescente presença da internet em domicílios rurais, que vem diminuindo a desigualdade de acesso em relação aos domicílios urbanos, são essas tendências: o aparelho celular e a televisão (fenômeno mais recentes) como dispositivos preferidos de acesso à internet.

Agora, cabe-nos adentrar no universo particular da pesquisa, apresentando dados coletados no âmbito dos encontros entre pesquisador e as famílias de agricultores familiares que compõem o *corpus empírico* da pesquisa.

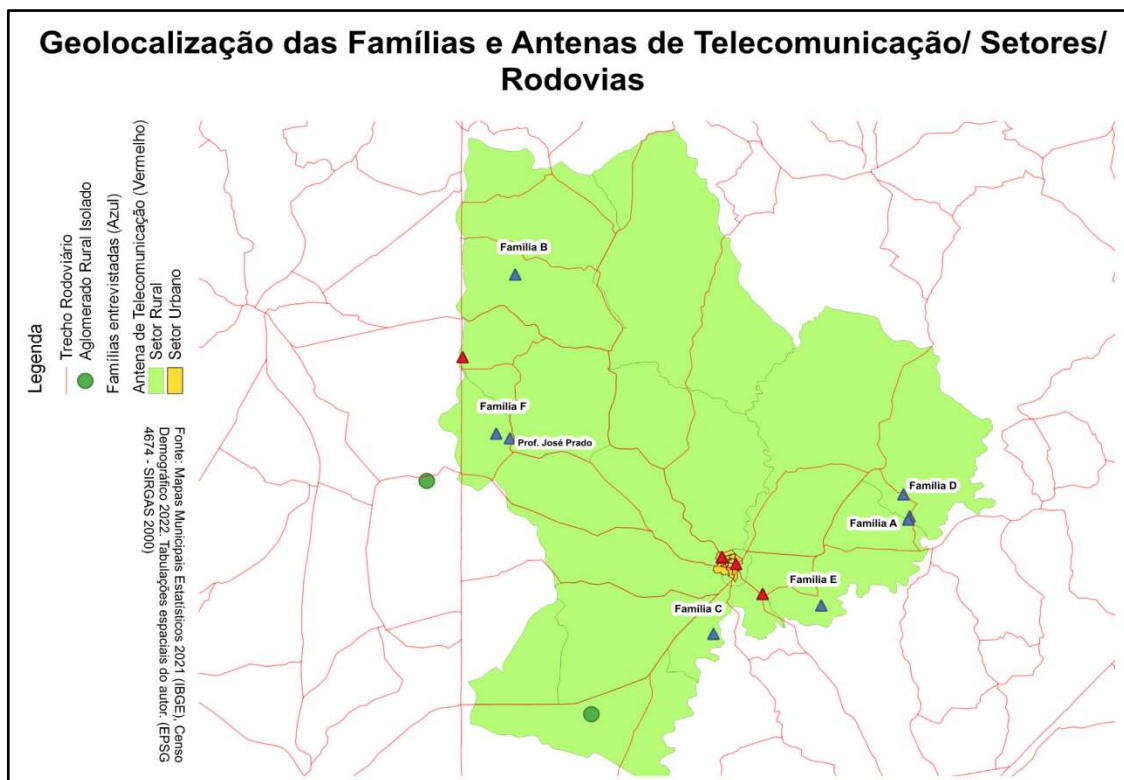
Os dois mapas a seguir mostram a distribuição espacial das famílias dentro do território do município. Algumas observações relevantes podem ser expostas sobre a condição geoespacial que considera a posição dos “sítios” e a posição das antenas de telecomunicação instaladas no território.

No **Mapa 4**, os triângulos de cor azul simbolizam a localização das famílias entrevistadas, e observa-se que todas se encontram nos setores rurais do município, que estão demarcados pelas linhas em vermelho no mapa e que, somados, formam a extensa área rural do município. Vale notar que todas as propriedades se localizam nas margens, perto da fronteira com os municípios vizinhos.

Já no centro do mapa, em cor amarela, é possível ver os setores que compõem a área urbana de São Pedro, onde se localiza a maioria das antenas de

telecomunicação que atendem a população. Em ordem de maior cobertura, são elas: Claro 82,18%, Vivo 73,96% e TIM 73,52%<sup>27</sup>.

**Mapa 2 - Geolocalização das famílias e antenas de telecomunicação / setores/ rodovias**



Fonte: Mapas Municipais Estatísticos 2021; Censo demográfico 2022 (IBGE). Tabulações espaciais do autor (EPSG4674 – SIRGAS 2000)

No que diz respeito à localização limítrofe das propriedades, característica geoespacial comum a todos os casos que compõem a unidade de análise, podemos verificar no **Mapa 5** que tal condição não representa necessariamente proximidade às áreas urbanizadas dos municípios de região imediata:

<sup>27</sup>ANATEL. Dados da Anatel sobre São Pedro do Turvo. Disponível: <<https://informacoes.anatel.gov.br/paineis/meu-municipio/>>. Acesso em: 04/09/2023.

Mapa 3 - Localização das propriedades pesquisadas / São Pedro do Turvo – SP



Fonte: Censo Demográfico 2022. Mapa de áreas urbanizadas 2019 (IBGE). Tabulações espaciais do autor.

Nas três tabelas abaixo, podemos visualizar a disposição das TIC utilizadas pelas famílias no contexto doméstico.

De antemão, vale esclarecer que o **Quadro 6.2** expõe tanto máquinas já tradicionalmente utilizadas no trabalho rural quanto um aplicativo utilizado para a venda do excedente produzido, o WhatsApp. Mesmo que tratores e aplicativos pareçam pertencer a mundos totalmente distintos, e notando que durante a produção agrícola ambos pertencem a etapas diferentes da produção familiar (um maximizando o trabalho e o outro potencializando a circulação/comercialização), trata-se na realidade de dois momentos do mesmo processo de criação de riqueza voltado para o agricultor familiar.

Quadro 16 - Tipo de TIC, conectada ou não à internet, e quantidade (entre abril e junho de 2023)

Tipo de TIC, conectada ou não à internet, e quantidade (entre abril e junho de 2023)							
Família Equipamento	Microcomputador	Notbook	Tablet	Smart TV	Aparelho p/ canais	Celular	Video game
Família A	0	1	0	0	1	4	0

Família B	1	0	0	1	0	3	0
Família C	0	0	0	0	0	4	0
Família D	0	1	0	1	0	3	0
Família E	1	1	0	1	0	3	1
Família F	0	0	0	0	0	2	0

**Legenda:** os aparelhos conectados à internet estão sinalizados pela cor azul.

Fonte: o autor, 2023

**Quadro 17 - Tipo de internet em uso no período da pesquisa (entre abril e junho de 2023)**

Tipo de internet em uso no período da pesquisa (entre abril e junho de 2023)						
Família / Internet	Painel solar	A cabo (banda larga ou fibra ótica)	Wi-Fi	Via rádio	Chip operadora (2G, 3G, 4G)	Chip Seduc-SP
Família A	Não	Não	Sim	Sim (Planalto Net)	Sim, *	Não
Família B	Não	Não	Não	Não	Sim, Claro	Não
Família C	Não	Não	Sim	Não	Sim, Claro	Não
Família D	Sim	Não	Sim	Sim (Planalto Net)	Sim, *	Não
Família E	Não	Não	Sim	Sim	Sim, Vivo	Não
Família F	Não	Não	Não	Não	Sim, Claro	Não

**Legenda:** Os aparelhos conectados à internet estão sinalizados pela cor azul; o sinal de asterisco, \*, representa a ausência de informação.

Fonte: o autor, 2023

**Quadro 18 - Equipamentos e TIC utilizados diretamente em atividade de produção, compra de insumo ou venda de produto (especificado o uso do aplicativo WhatsApp) (entre abril e junho de 2023)**

Equipamentos e TIC utilizados diretamente em atividade de produção, compra de insumo ou venda de produto (especificado o uso do aplicativo WhatsApp) (entre abril e junho de 2023)				
Família Equipamentos	Trator ou caminhão	Colheitadeira	Medidor de adubo	INTERNET para comprar ou vender
Família A	Não	Não	Não	Vender
Família B	Não	Não	Não	Vender
Família C	2	(Terceirizado)	Não	Não;

Família D	Não	Não	Não	Comprar
Família E	Não	Não	Medidor digital p/ hidroponia	Comprar e vender
Família F	Não	Não	Não	Não
<b>Legenda:</b> A cor verde marca a utilização do WhatsApp na compra de insumos ou venda de produtos. Dentro de parênteses, consta a informação sobre o modo de utilização do equipamento que acaba sendo utilizado na produção, mas que não está sob posse do pequeno agricultor.				

Fonte: o autor, 2023

Sobre as TIC declaradas pelas famílias, os relatos a seguir tornam evidente a especificidade da situação econômica de cada uma das famílias, e é possível notar as desigualdades que marcam drasticamente cada caso, interferindo na aquisição ou tentativa frustrada de adquirir um equipamento capaz de acessar a internet na fase em que a pandemia impunha desafios à rotina escolar.

Na **Família E**, um dos celulares foi adquirido, durante o isolamento social, para o filho mais velho, o Cadu, com a finalidade de que ele conseguisse acompanhar as aulas:

**Vá:** A tecnologia... Daí o Cadu até os... se ele vai fazer quinze agora, semana que vem, então, até os treze, ele não tinha celular, ele usava o nosso quando precisava, aí, com a pandemia, precisou comprar, e aí a gente comprou o celular pra ele poder estudar...

**Pesquisador:** E já tinha internet?...

**Vá:** A gente sempre teve...

**Rô:** Isso era... em São Pedro [se referindo à área urbana].

**Vá:** Lá em São Pedro.

**Vá:** A gente tinha lá.

**Rô:** Num morava aqui ainda.

**Vá:** Mas aqui, do jeito que a gente mudou, a internet veio junto, precisa, né?, porque é escola, eu preciso... né?... É grupo, precisa pesquisar, preparar aula, essas coisas todas a gente usa, e eles também pra estudar, porque o Cadu com essa história de ficar só dentro de casa... apesar que a gente ficou dois anos aqui na minha mãe, a gente praticamente morou na mãe, nos primeiros quatro, cinco meses da pandemia eu morava com a minha mãe, o medo era tanto que a gente tinha, né?... E a gente não ia, era só ele [R, seu esposo] que ia pra cidade, os meus pais ficaram quase um ano sem sair do sítio.

E apesar da **Família D** já ter acesso à internet via rádio antes mesmo da pandemia (empresa santa-cruzense Planalto Net) e apresentar mais dispositivos capazes de acessá-la, a experiência não ficou salva de críticas por parte do estudante João:

**Pesquisador:** É... João, durante a pandemia, você precisou muito da internet?...

**João:** Sim.

**Pesquisador:** E usou como?

**João:** Assim, pra assistir as aulas, pra entregar atividade, pesquisar, usei bastante.

**Pesquisador:** E teve alguma dificuldade, João, ou, conseguiu...?

**João:** Consegui...

**Pesquisador:** Você gostou desse processo de estudar... pela internet?

**João:** Ah, pra mim acho que prejudica, porque fica mais... você tá em sala é mais fácil de tirar dúvidas, e a explicação é sempre melhor.

Vizinha da **Família D**, a **Família A** também declarou não ter tido grande dificuldade em acompanhar as demandas escolares no contexto de educação à distância, sendo que um dos investimentos daquele ano de 2021 foi a aquisição de um novo aparelho celular (smartphone) para Thay acompanhar o conteúdo no Centro de Mídia:

**Pesquisador:** E foi importante, durante a pandemia, ter a internet?

**Elisa:** Ah, foi, senão não tinha jeito deles acompanhar aquelas aulas lá.

**Pesquisador:** Como você era do fundamental eu não lembro como foi sua experiência, Thayane.

**Elisa:** Quando entrou a pandemia você estava?

**Thay:** Eu ia começar o 7º ano, acho que fiz 1 mês de 7º ano.

**Elisa:** Você estava em outra escola, né?, depois que você foi lá para cima.

**Pesquisador:** Você teve alguma dificuldade?

**Thay:** Não muito.

**Pesquisador:** Você usava o Centro de Mídia, aquelas coisas?...

**Thay:** Uhum.

Essa situação de maior capacidade de adaptação frente às demandas do ensino remoto se deve, provavelmente, às duas famílias compartilharem da mesma estrutura de antenas que viabilizava a conexão de internet via rádio no mesmo setor rural do município, estrutura essa que é ofertada pela empresa Planalto Net e que foi adquirida pela **Família A** no ano de 2018, quando finalmente a empresa instalou uma antena próxima ao “sítio”:

**Pesquisador:** Você lembra em que ano, mais ou menos, vocês adquiriram essa internet?

**Thay:** Foi quando a gente começou a ir pra escola, pro Homero.

**Elisa:** Quando comprou este telefone aqui já tinha...acho que foi 2018...um pouco de casa já tinha, só que você vê ali que tem um morro, daí um pouco já tinha, mas o resto pra baixo não tinha ainda, daí eles colocaram uma antena em cima lá, daí o resto aqui pra baixo agora tudo tem, só minha mãe que não tem.

**Pesquisador:** Essa antena que você fala, é da empresa?

**Elisa:** É...quando você descer ali dá pra ver.

**Thay:** Ali, na Fátima, tem uma antena, aí o sinal que pega da Fátima joga pra essa antena que joga nessas outras pequenas.

**Pesquisador:** E você lembra quando que colocaram essa antena?

**Elisa:** Aquela ali foi 2018, agora a da Fátima já faz tempo...

**Pesquisador:** Não foi durante a pandemia então?...

**Elisa:** Não, foi antes.

Outro ponto importante de ser ressaltado é que as filhas de Elisa, Thay e Kaylani, ambas estudantes da E. E. Professor Homero Calvoso, tiveram seus celulares comprados, respectivamente, nos anos de 2021 e 2022, período em que o **Gráfico 1** apresenta os dois maiores resultados no histórico de acesso à telefonia móvel (6.169 e 6.323 acessos), marcas que consolidam a ruptura com o quadro anterior, exposto no ano de 2020, em que foi registrado pela Anatel 4.987 acessos. Essa feliz confluência se soma a outras evidências que apontam para o processo de aceleração na aquisição de TIC na área rural do município devido ao advento da pandemia do vírus SARS-CoV-2.

Já a situação gerada pela pandemia, como vivenciada pelas famílias **B** e **F**, ilustra o quão desregulador pode ser para uma família distante do perímetro urbano não possuir a estrutura necessária para acompanhar as demandas do ensino formal quando este se torna – do dia para a noite – um ensino à distância.

Diante da falta de acesso à internet causada pela irregularidade do sinal da operadora (Claro) na região em que vivem, a **Família B** buscou alternativas que se mostraram frustradas, e nenhuma TIC foi adquirida durante o isolamento social, apesar da necessidade de Tha em ter dispositivos com acesso à internet e, assim, acompanhar as tarefas pelo aplicativo implementado pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, o CMSP:

**Pesquisador:** E no período da Pandemia, vocês tiveram que se adaptar de alguma forma ou já estavam adaptados ao que veio ali?

**Tha:** Não.

**Pesquisador:** De qual forma vocês se adaptaram?

**RM:** Assim, a Thais costumava sair, ir pra casa dos amigos, às vezes na casa do pai dela...

**Tha:** Pra estudar ficou muito difícil porque o CMSP não funcionava no meu celular, aí eu tinha que ir em São Pedro imprimir as atividades, fazer e entregar na escola. Aquele trem não funcionava de jeito nenhum.

**Pesquisador:** Entendi. Mas aí trocou de celular na época? Tentou por Wi-Fi?...

**RM:** Ela tentou pelo meu celular, mas também não foi.

**Tha:** Tentei pelo meu, tentei pelo da minha mãe...

**RM:** E aí eu até vi a internet via satélite, mas aí não compensava porque ela só funcionava à noite. Porque minha comadre tinha, era aquela Habibsnet.

**Tha:** E ela era muito cara...

**RM:** Era muito cara e só funcionava no período da madrugada.

**Tha:** Da meia-noite às 6 da manhã, você podia usar à vontade, aí das 6 à meia-noite, tinha um período...um tanto de internet que você podia usar.

**RM:** Aí eu falei, ah, não compensa.

**Tha:** E não tinha certeza se iria pegar aqui. A gente até tentou a internet postal, a internet da Claro, mas nenhuma chega.

**RM:** Nenhuma deu certo.

**Pesquisador:** E teve mais alguma adaptação, assim, comprou algum celular?

**Tha:** Eu troquei de computador porque eu tinha um computador bem antiquinho, mas também não ajudou muita coisa, porque minha impressora deu pau também, aí eu não...

**RM:** Daí estragou.

**Pesquisador:** E sem sinal fica difícil também né...

**Tha:** Muito.

**RM:** Porque tem que ser um computador muito moderno pra você conseguir usar internet do celular, esses computadores mais antigos você não consegue.

**Tha:** E consome muita internet do celular você ter que usar, tentar usar, no computador...

**Pesquisador:** É, tem que rotear né?...

**Tha:** É.

**Pesquisador:** E você tem pacote de internet no celular?

**Tha:** Tenho. É plano da Claro, mensal.

Ainda mais extrema foi a situação vivência pela **Família F**, em que João Pedro, na época, 2021, estudante do terceiro ano do ensino médio, perdeu o ano letivo e quase deixou a escola, mudando de ideia graças à insistência familiar:

**Pesquisador:** A questão da internet, fez falta?

**ValdemarGomes:** Nossa, mas fez demais da conta, o Pedro mesmo perdeu 1 ano de escola porque não tem internet, e ele não queria voltar, e a gente chamou ele no tento: “Não, se você perder, você vai tocar mais uns anos pra frente. Lá na frente, você vai estudar casado. Aí, depois de casado, você vai voltar estudar, se você não quiser ficar no sítio, porque vai ter que ir pra cidade.” E agora ele agradece por ter voltado, mas tinha que ter voltado, né? Tinha que voltar, tinha que voltar e terminar, e não voltar mais, não, porque aí já passou... Mas, se tivesse internet, ele já tinha terminado, ele até começou na internet, mas não teve como, no celular, como que vai fazer coisa aqui dentro de casa, não fazia, não tinha como fazer, se nós têm internet aqui eles tinham feito, né?, tinham como fazer.

Valdemar Gomes, que durante toda a entrevista demonstrou forte noção das reponsabilidades e direitos derivados de sua situação social, costuma expor suas opiniões considerando o interesse coletivo dos moradores da Gleba, parecendo manter ainda consigo o compromisso cooperativo que deu origem à associação no ano 2000<sup>28</sup>. A continuação da sua colocação exemplifica bem isso. Mesmo que nossa pergunta tenha sido direcionada apenas visando sua situação familiar, que

---

<sup>28</sup> Ver item “origem da propriedade” na tabela 6.1.

quase fez seu filho evadir da escola, a continuação da resposta segue para uma solução que considera a necessidade de todos os moradores da Gleba, e pelo tom da voz não deixa de considerar que isso seria um direito:

**Pesquisador:** Mas aí, para usar a internet, o senhor contratava pela operadora (a Claro, única que funciona ali)...

**ValdemarGomes:** Nós comprava a coisa, a coisa pra ele poder fazer...

**Pesquisador:** O crédito de celular...

**ValdemarGomes:** É

**Pesquisador:** E não dava conta?

**ValdemarGomes:** Não dava, como eu falei pra você, caía, ué, o problema é que ela caía, aqui cai e você fica sem, então não adianta nem que você pague lá um pacote, mas não tem, tinha que ter a torre aqui dentro, né?, pra nós aqui, se tivesse uma torre ali perto do Zé, porque é alto lá, aí seria fácil pra todo mundo, né, porque hoje precisa ficar no alto, não sei como faz, aí que você coloca e consegue pôr nas casas, né?...

Em conclusão, as dificuldades encontradas, mas também os sinais de privilégio nos casos bem-sucedidos de adaptação a um rápido processo de digitalização, seja escolar, seja na realidade de transformação do mundo rural de maneira geral, como vimos no capítulo 6, nos levam à questão acerca da capacidade dos agricultores familiares de se adaptarem às grandes transformações históricas. Por isso, parece bastante promissor caminhar na direção deste debate.

Assim, no próximo subcapítulo, propomos retomar trabalhos teóricos e pesquisas empíricas que tratam do mundo rural contemporâneo com ênfase no uso de TIC no âmbito familiar, dando continuidade à reflexão que havíamos iniciado na Parte I da dissertação.

## 7.4 REALIDADE DIGITAL NA AGRICULTURA EM NÍVEL LOCAL

O aspecto fundamental das mais recentes transformações que implicam desafios para a agricultura familiar na contemporaneidade brasileira, exigindo destas famílias estratégias que seguem uma lógica de *rupturas* e *continuidades*, é a da realidade vigente que ultrapassa o limite da teorização sobre a modernização baseada somente na mecanização do mundo rural, isso porque o rural digital começa cada vez mais a fazer parte da vida local e do quadro geral de teorizações sobre “novas” ruralidades e “novos” atores. Neste capítulo, serão expostos exemplos da crescente incorporação de TIC no micro espaço da propriedade do agricultor familiar.

Antes de tudo, vale lembrar que, desde o ano de 2022, foi iniciada no Brasil a implementação da Internet 5G, primeiro passo de um investimento que deverá cobrir todo o território nacional<sup>29</sup>. A expectativa é que a nova tecnologia, que promete tornar o compartilhamento de dados na rede uma experiência simplesmente espontânea, seja tão impactante que modifique as relações sociais em semelhança (ou talvez ainda mais impactante) às produzidas por outras revoluções tecnológicas que ampliaram a velocidade de comunicação em décadas anteriores.

Como já foi dito, a pesquisa produzida pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) em 2021 identificou um crescimento na proporção de usuários de internet nas áreas rurais no Brasil, passando de 53% em 2019 para 73% no ano da pesquisa<sup>30</sup>, apontando para a influência do período pandêmico no acelerado processo de digitalização do mundo rural, mostrando a singularidade desse período.

Indo além das informações disponibilizadas pela CGI.br, que indica a dinâmica de mudanças em grande escala, podemos citar artigos que tratam da realidade local de agricultores familiares, como nos artigos “O perfil, o uso e a apropriação de TIC pela agricultura familiar do Vale do Caí-RS” (2016, 2020) e “Brasil e Desenvolvimento Rural: a importância das TICS e dos controles econômicos e financeiros na visão dos agricultores familiares do Vale do Caí-RS” (2018), ambos trabalhos realizados em oito municípios que compõem a região do

---

<sup>29</sup>Sobre a implementação do 5G no Brasil, ver episódio “O 5G Chegou” com Júlio Wiziack no podcast Café da Manhã:

<[https://open.spotify.com/episode/7uyeZPouGUM1VToTI8x4Z5?si=OOpX72IXShSy6TIHniqWBw&utm\\_source=whatsapp](https://open.spotify.com/episode/7uyeZPouGUM1VToTI8x4Z5?si=OOpX72IXShSy6TIHniqWBw&utm_source=whatsapp)>.

<sup>30</sup>CGI.BR <<https://www.cgi.br/noticia/releases/uso-da-internet-avanca-em-areas-rurais-durante-a-pandemia-revela-nova-edicao-da-tic-domicilios/>>. Acesso em: 02/09/2023.

Vale do Caí, no Rio Grande do Sul, e que igualmente tiveram como foco o acesso, o uso e a apropriação de TIC por agricultores familiares.

Mesmo que a pesquisa publicada em 2018 tenha tomado como referência o resultado da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2005, a observação realizada em campo constatou que em 86% das 375 propriedades analisadas havia uma clara preferência pelo aparelho celular como principal ferramenta tecnológica de acesso à internet, mostrando estreita compatibilidade com o resultado da PNAD Contínua de 2019:

Em 2019, no País, dentre os equipamentos utilizados para acessar a Internet no domicílio, o uso do telefone móvel celular continuou na vanguarda e já próximo de alcançar a totalidade dos domicílios que acessavam a Internet (99,5%). Em segundo lugar, mas abaixo da metade dos domicílios em que havia acesso à Internet, estava o microcomputador (45,1%), seguido pela televisão (31,7%) e pelo tablet (12,0%). (PNAD, p.6. 2019).

No caso da pesquisa “Ruralidade e tecnologias de informação e comunicação” (2017), os pesquisadores realizaram entrevistas para compreender as diversas formas de uso de TIC na microrregião de Santa Cruz do Sul-RS, área em que prevalece a produção de tabaco. A pesquisa traz questões pertinentes sobre os casos estudados, como o recorte de gênero e sua correspondência com diferentes maneiras de utilizar os aparelhos celulares conectados à internet:

No caso das mulheres, inclusive das duas jovens, nas moradias onde há o alcance do sinal, o telefone celular é fundamentalmente utilizado para a integração familiar. Apenas uma idosa não possui telefone celular e, portanto, não o utiliza com essa finalidade. As demais assumem o papel de mantenedoras dos vínculos familiares, atribuindo, em quase sua totalidade, especial importância a esse meio para a comunicação com os familiares. Nesse tipo de uso, o celular é visto como uma ‘tecnologia do coração’:[...] No caso das agricultoras entrevistadas, o telefone celular permite controlar as distâncias e os tempos daqueles que são próximos, mas que se encontram dispersos: ‘eu tenho irmãos morando em Porto Alegre, eu tenho irmãos morando [...] em Gravataí [...] se todos têm telefone eu consigo fala[r]. Eu não posso ir lá [visitá-los], mas posso [falar] com eles... por isso que eu gosto do telefone’ (AP, 45 anos). (ESCOSTEGUY; FELLIPI, 2017).

Já sobre a irregularidade na distribuição de TIC no ambiente rural que considera o convívio entre o modo de trabalho do pequeno agricultor e a agroindústria, Maurício Fernandes (2020), no artigo “Tecnologia e ruralidades”, argumenta que o *agro tech* não é uma realidade geral do campo brasileiro, pelo contrário, a realidade da agricultura nacional é o da desigualdade na transferência de tecnologia, e assim há um confronto permanente entre a tecnologia

rústica do camponês e a tecnologia industrial do agronegócio, que pode ser compreendido sob a perspectiva da tese da colonização de Jürgen Habermas:

O sujeito do campo é portador de uma tecnologia, de uma forma específica de tecnologia arraigada no próprio modo de transformação do mundo, na tessitura própria de sua existencialidade, uma forma de tecnologia que não obedece a lógica de avanço do capitalismo tardio, e nem a lógica da ideia de progresso que sustenta este. O que ocorre atualmente no campo pode ser descrito sob a perspectiva da tese da colonização de Jürgen Habermas. Forças diretivas burocrático-administrativas forçam um avanço tecnocientífico sobre estruturas que não são de sua alçada. Tal é o caso da esterilização das sementes. Esta lógica obedece ao mercado apenas e visa ações exitosas no sentido de expandir o poder econômico e tecnológico das empresas transnacionais. (FERNANDES, 2020, p. 295).

Remetendo-nos ao debate teórico de *rupturas* e *continuidade*, a tecnologia camponesa estaria alinhada com a ampla dinâmica do *mundo-da-vida*, uma reprodução material (econômica e política) que não subjuga e enfraquece a capacidade de reprodução simbólica (tradição, cultura e personalidade) da sociedade. Por outro lado, o advento das sociedades capitalistas tardias colocou em marcha acelerada o avanço do *mundo dos sistemas* em que a reprodução material intervém cada vez mais nas esferas de reprodução simbólica do *mundo-da-vida*:

No âmbito das relações e usos das tecnologias no campo podemos compreender a partir deste prisma. O campo, longe do que foi historicamente construído sobre ele, é marcado por um processo constante de racionalização. O trato com o mundo, com a Natureza, imprime uma exigência de racionalização. É preciso compreender, interpretar e reescrever o mundo e a nós mesmos, e neste processo de racionalização e redescrição chega-se ao horizonte da crise, há um estresse nas constituições epistêmico-cognitivas que constituem as sociedades camponesas, que precisa ser resolvido sob o peso da manutenção das condições de vida. (FERNANDES, 2020, p. 299).

Na esteira dessa questão, podemos pretensiosamente sugerir, tendo como base a reflexão desenvolvida no artigo “Do rural tradicional ao rural socioambiental”, de Alfio Brandenburg (2010), que um possível “rural digital” possa ser pensado como um fenômeno social que não rompe, mas, sim, reconfigura certos aspectos já encontrados na definição do termo “rural moderno”: este rural que incorporou a racionalização industrial da relação com o meio ambiente, seja no modo de produção agrícola, no enraizamento da lógica capitalista de consumo influenciado pelos meios de comunicação, como televisão e rádio, ou na política latifundiária aplicada como política de Estado.

Por exemplo, considerar que o modo de interação em redes sociais digitais é parte do amplo processo de colonização do mundo rural não necessariamente leva à conclusão do fim do modo de vida camponês, pelo contrário, na perspectiva da

teoria de “novos atores”, a internet poderá ser alçada a um campo de pesquisa privilegiado para a observação da tradição reinventada e de racionalidades emergentes<sup>31</sup>:

Novos atores e colonização do mundo rural são dois conceitos complementares que traduzem, de um lado, novas racionalidades emergentes (racionalidade ambiental) e, de outro, a tradição reinventada, base para ação reflexivamente construída que articula dimensões do ambiente social e natural. Novos atores nesse sentido são os personagens emergentes que se contrapõem ao domínio exclusivo da racionalidade ambiental e desenvolvem ações afirmativas no sentido de construir projetos de vida que consideram a relação com a natureza e a interação no interior da sociedade. (BRANDENBURG, 2010, p.191).

Assim, investigar as implicações na esfera social de um mundo rural cada vez mais digitalizado passa necessariamente pela consideração de teorias sobre um novo paradigma de sociedade que tem agora a internet como matriz da sociabilização. Um dos principais autores que poderá auxiliar-nos em compreender esta sociedade é o sociólogo espanhol Manuel Castells, autor de uma obra quase enciclopédica a respeito do paradigma da internet como o principal tecido da vida social no século XXI.

O debate presente no capítulo “Comunidades virtuais ou sociedade em rede” do livro “A galáxia da Internet” (2003) nos é interessante por tratar da reconfiguração das relações comunitárias como compreendidas na teoria clássica. Neste capítulo, o autor aborda a oposição recorrente defendida por pesquisadores entre a pretensa ideia de uma comunidade local harmoniosa de um passado idealizado e a existência alienada e solitária do “cidadão da internet” (CASTELLS, 2003, p.98).

Para Castells (2003), esta maneira polarizada de pensar a influência da internet na vida em sociedade seria fortalecida por pesquisas ainda pouco numerosas na época da publicação do livro que apresentavam resultados aparentemente contraditórios no que diz respeito ao fortalecimento ou enfraquecimento de laços sociais em nível local (familiar, vizinhança, comunidade), já que algumas dessas pesquisas apontavam o fortalecimento de laços já existentes de parentesco e amizade, enquanto outras, ao contrário, traziam resultados opostos, mostrando que o uso corriqueiro da internet influenciaria no enfraquecimento destes

---

<sup>31</sup> Como exemplo de uma racionalidade emergente no rural contemporâneo, Brandenburg faz referência especificamente à chamada racionalidade ambiental, conceito teórico extensivamente abordado pelo sociólogo mexicano Enrique Leff na obra “Racionalidade Ambiental: A reapropriação social da natureza” (2014).

laços, acarretando numa crescente não participação dos indivíduos na dinâmica da vida social em nível local.

Como exemplo de uma pesquisa mais recente, o tema da fragmentação familiar como consequência da adoção cada vez maior das TIC por jovens foi tratado no artigo “*Geração, família e juventude na era virtual*” de Simone Pereira da Costa Dourado e outros pesquisadores da área da Psicologia e das Ciências Sociais (2018).

Neste, foram coletados relatos que evidenciam o abismo geracional entre “nativos” e “imigrantes digitais”, ou seja, entre os filhos naturalmente adaptados ao uso das tecnologias e os pais que se esforçam na tentativa de adaptação às constantes mudanças nessa área. Os jovens mais ajustados nas exigências digitais do mundo atual estariam tomando o lugar dos seus pais como responsáveis pela educação ao se tornarem tutores no uso destas tecnologias no domicílio familiar.

As consequências desta inversão de papéis explicariam as características observáveis nas famílias contemporâneas, como o recuo de alguns pais em assumir a posição de autoridade, criando uma paridade e até uma disparidade ao inverter a lógica da responsabilidade da educação intrafamiliar<sup>32</sup> (DOURADO; et al, 2018, p.433).

Ainda acerca da manutenção das relações sociais e de produções tradicionais no nível da família e da comunidade em um mundo conectado pelas TIC, Anthony Giddens (1991, 2012) contribui ao propor a perspectiva teórica de sociedades pós-tradicionais, em que cabe nos perguntarmos sobre como se mantém o papel da natureza e da tradição na constituição da identidade do agricultor familiar da geração dos *nativos digitais*:

Por isso, a sociedade pós-tradicional é a primeira sociedade global. Até uma época relativamente recente, grande parte do mundo permaneceu em um estado quase segmentário, em que ainda persistiam grandes enclaves do tradicionalismo. Nessas áreas - e também em algumas regiões e contextos dos países mais industrialmente desenvolvidos -, a comunidade local continuou a ser forte. Nas últimas décadas, particularmente influenciadas pelo desenvolvimento da comunicação eletrônica global, instantânea, estas circunstâncias se alteraram de maneira radical. Um mundo que ninguém é o

---

<sup>32</sup> Inversão que, como vimos no início desta exposição ao tratarmos da conceitualização do campesinato como um tipo de agricultura familiar em Maria de N. B. Wanderley, seria impensável numa família rural deste tipo, onde a transmissão do conhecimento necessário para o modo de vida camponês segue a lógica da autoridade do mais velho, salvaguardando a tradição no processo de reprodução da herança cultural familiar. A internet, já se nota, inverte esta lógica ao colocar os integrantes mais jovens da família como portadores, atualizadores e transmissores da linguagem digital.

contato, não somente com os outros - mas também com muitos - modos de vida alternativos. Justamente por isso, é um mundo em que o “outro” não pode mais ser tratado como inerte. A questão não é somente que o “outro” responda, mas que a interrogação mútua seja possível (GIDDENS, 2012. p. 150).

## 7.5 O *HABITUS* COMO LIMITE DO CÁLCULO ESTRATÉGICO NA ADAPTAÇÃO A UM RURAL DIGITALIZADO

Como pretendemos sustentar no capítulo 2, a digitalização do modo de vida do agricultor familiar contemporâneo deve ser visto como um real desafio à hipótese proposta por Maria de N. B. Wanderley (1996, 2009), especificamente à proposta de que: “estas transformações do chamado agricultor familiar moderno não produzem uma ruptura total e definitiva com as formas “anteriores”, gestando, antes, um agricultor portador de uma tradição camponesa, que lhe permite, precisamente, adaptar-se às novas exigências da sociedade”.

Obviamente, a autora não poderia prever, no ano de publicação deste seu artigo, 1996, a revolução que representaria a popularização da internet, e poderíamos ser justamente acusados por conduzir um argumento anacrônico se tentássemos invalidar o argumento proposto em uma década em que a internet não fazia parte da realidade da grande maioria da população rural. Longe deste risco, nossa reflexão propõe pensar em possíveis continuidades da tradição camponesa no contexto de um rural em processo de digitalização, recolocando a questão de *rupturas* e *continuidades* em estratégias assumidas pelos agricultores familiares modernos, mas agora dentro do alcance explicativo da teoria de Pierre Bourdieu.

Pois, se há uma razão sociológica para a escolha e a maneira que esta escolha acontece entre agricultores familiares mais ou menos portadores de uma cultura camponesa tradicional em um contexto de digitalização do ambiente rural, parece ser mais produtivo pensarmos que o horizonte das escolhas familiares não seja uma simples questão de adaptação às mudanças exigidas, nem mesmo um cálculo puramente racional, mas sim “escolhas determinadas” que utilizam de uma certa quantidade de capital econômico e cultural para a aquisição de um “capital digital” mais qualificado e cada vez mais exigido nas relações que conectam as propriedades rurais de agricultores familiares contemporâneos à internet.

Nessa direção, nas conferências que compõem o livro “Esboço de uma teoria da prática” (2003), Bourdieu apresenta as linhas mestras da teoria do que ele denominou por *habitus*, conceito objeto de ampla discussão, mas que pode ser

entendido como a disposição em um agente ou classe à reprodução de certas práticas, gostos, necessidades etc., que resulta relativamente da condição objetiva (situação material de vida) e a relação desta condição com outras posições concorrentes no espaço social estruturado e temporalmente determinado.

Bourdieu buscou ir além do estruturalismo objetivista já consolidado na França, linha teórica que, na sua opinião, cometeria o erro de ser super explicativa e metodologicamente distante do objeto social a ser compreendido, se opondo abertamente à tradição da *linguística saussuriana*, a qual influenciaria o pensamento antropológico de Claude Lévi-Strauss, assim como se opôs ao empirismo das pesquisas norte-americanas desenvolvidas pelos sociólogos da chamada Escola de Chicago, pois ela seria demasiadamente comportamentalista e incapaz de produzir generalizações. O resultado de tal investida intelectual, nos mostra Sérgio Miceli (2015), foi o *habitus* como um: “princípio operador que leva a cabo a interação entre dois sistemas de relações, as estruturas objetivas e práticas. O *habitus* completa o movimento de interiorização de estruturas exteriores, ao passo que as práticas exteriorizam os sistemas de disposições incorporadas” (MICELI, p.61).

Na proposta bourdieusiana do conceito de *habitus*, a maneira de se fazer algo ganha uma importância simbólica, por exemplo, a maneira natural de praticar uma ação, de agir diante de uma entrevista de emprego, de escolher o prato no cardápio de um restaurante, ou de escolher a loja em que “convém” comprar vestuário mesmo que seja exacerbada a oferta em um shopping center etc., são todas práticas que partem do critério de distinção social que é, por sua vez, constituído pelas diferenças associadas às posições desigualmente distribuídas na sociedade em questão.

Portanto, dirá Bourdieu (2011), a distribuição das posições em um espaço social, que determinará a estruturação de tipos de *habitus*, deve ser construído pelo pesquisador considerando a relação entre a distribuição do capital global, que é a soma do capital econômico e cultural, e a posse ou falta desses capitais em particular num sujeito ou classe, produzindo, portanto, um espaço que relaciona posições diferentes, um *campo de relações*, outra noção importante de sua sociologia.

Sua obra, “A Distinção” (2011), mostra a potencialidade de suas formulações teóricas em uma pesquisa aplicada à realidade social francesa da década de 70, em

que se utilizou de variados métodos de pesquisa, como entrevistas e estatística de correlação, para explorar dados como o gosto e a escolha por obras musicais, literaturas, preferências gastronômicas ou por artefatos decorativos. Sua análise desvendou a lógica da distribuição irregular de capital cultural e econômico, apresentando o *habitus* como resultado de um processo que naturaliza diferenças objetivas da sociedade (como o capital herdado, transferido ainda na primeira educação familiar) e que tende a reproduzir-se e reproduzir sua condição de constituição (a depender das chances de que este capital herdado seja legitimado por instituições de ensino responsáveis por cancelar um conhecimento por meio do reconhecimento e certificação de seu valor social), expondo uma crítica social sobre a reprodução material e simbólica da sociedade.

Outra parte importante da contribuição do conceito de *habitus* está no que tal conceito nos auxilia a pensar as diferenças que o processo de socialização, iniciado ainda no berço familiar, pode gerar em relação ao comportamento diante de questões da vida presente.

Assim, em “O camponês e seu corpo” (2006), o sociólogo francês pôde observar a situação embaraçosa quando, no baile de um vilarejo camponês, os homens de meia idade que nunca deixaram seu modo de vida tradicional são confrontados com a maneira urbana das jovens mulheres vindas da cidade: a modernização das músicas do baile, ou seja, a velocidade implicada no ritmo, assim como o temática citadina, intimidam e vão além da capacidade corporal desses homens, diminuindo a chance da dança a dois ocorrer, frustrando as expectativas amorosas depositadas na noite do baile.

Assim, finalmente, ao pensarmos em um rural em processo de digitalização, a perspectiva teórica apresentada por Pierre Bourdieu nos conduz a uma outra proposta, em que se aceita que as estratégias de adaptação da família de agricultores a uma realidade de digitalização poderão seguir a hipótese de *rupturas* e *continuidade* apresentada por Wanderley, mas que dependerão, ao nosso ver, dos limites deste cálculo estratégico que visa à adaptação diante das mudanças estruturais causadas pela acelerada digitalização do ambiente rural. E com isso levanta-se a seguinte questão: Até que ponto não se produz no agricultor familiar de São Pedro do Turvo um embaraço tecnológico semelhante ao embaraço do camponês diante da música urbana no baile?

Indo além das propostas de pesquisa que analisaram a realidade do Vale do Caí ou da região de Santa Cruz do Sul-RS, não somente a questão de quais os aparelhos tecnológicos são preferidos pelos agricultores familiares para acessar a internet, mas também o conhecimento das diferentes funcionalidades do aparelho conectado à rede, seu uso e as maneiras de uso dos aplicativos, assim como quais aplicativos são preferencialmente instalados no aparelho, são questões que poderão ser analisadas sob a noção de *hábitos*, conceito em que se considera a transferência de capital econômico, cultural e, também, “digital”, iniciado ainda sob a influência familiar, e as consequências que esta transferência distintiva causa no modo de uso das TIC.

Portanto, tendo retomado a questão clássica de *rupturas e continuidade* na análise histórica das transformações contextuais do agricultor familiar, tomamos à mão o conceito de *habitus* como principal instrumento analítico para interpretar os dados primários produzidos através das entrevistas semiestruturadas realizadas com as famílias que participaram da pesquisa.

**PARTE III**

**O *HABITUS* NO USO DE TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO**

## 8 ANALISANDO PARTICULARIDADES NA AMOSTRA

Retornando à primeira análise dos dados qualitativos que foi realizada no subcapítulo 6.3, intitulado TIC das Famílias e motivo de aquisição, podemos propor, de modo geral, duas situações distintas que caracterizam as experiências de adaptação ao uso de TIC durante o ensino remoto: aquela que indica um período de tribulação, em que a ausência ou ineficiência da tecnologia no espaço doméstico exigiu respostas alternativas (famílias **B**, **F**); e, por outro lado, a que evidencia relativa adequação, situação em que as famílias que possuíam previamente equipamentos com acesso à internet não encontraram grandes dificuldades para lidar com a realidade de rápida exigência do uso de TIC (famílias **A**, **C**, **D** e **E**).

Com o objetivo de aprofundar a análise, partiremos dessa diferenciação inicial das situações de adaptação para uma abordagem que considera as diferentes formas de obtenção do “sítio”. Portanto, neste capítulo, propomos uma análise da condição material que foi herdada pelas famílias, creditando a importância do “sítio” como capital herdado que promove vantagens no campo econômico, social e cultural.

Através dos relatos obtidos pelas entrevistas, observamos condições específicas de relação com o “sítio” que acabam se desdobrando em diferentes maneiras de lidar com as TIC. Para melhor compreensão das diferentes situações relatadas, optou-se por sistematizar as histórias dentro de 3 condições básicas de relação com o capital herdado, a saber: a condição de herdeiro, não herdeiro e futuro herdeiro.

Tal maneira de racionalizar os dados qualitativos obtidos pretende se justificar pelo maior grau de compreensão das respostas dos entrevistados a respeito de todos os temas que serão tratados a partir daqui, como, neste primeiro momento, os temas da segurança econômica, rede de auxílio, e sobre as possibilidades de investimento.

### 8.1 O “SÍTIO” COMO CAPITAL HERDADO

As histórias relatadas sobre a origem do “sítio” nos mostram quão tranquilo ou desafiador foi o processo de aquisição ou transmissão desse importante capital herdado que é o espaço de condição para a reprodução do modo de vida camponês, assim como também ilustram casos em que o núcleo familiar mais jovem de uma família pode aproximar-se *naturalmente* enquanto, em outra família, o núcleo jovem

pode distanciar-se *estrategicamente* das práticas campestres executadas na propriedade pelos parentes mais velhos, em linha direta, pais, avós, tios.

Logo, a depender do modo de transmissão do “sítio” como capital herdado – capital seguramente transmitido ou capital duramente conquistado –, os dados qualitativos nos permitem esquematizar informações sobre a eficácia da transmissão do capital material, que tende a garantir a própria eficácia das vantagens proporcionadas pelo bem transmitido (vantagens como: *a liberdade de ter a vida campestre como uma escolha, ter acesso a uma rede de auxílio parental mais sólida, dividir despesas e investimentos com outros familiares e, finalmente, residir em uma propriedade que tenha acesso à rede telefônica e serviços de internet*).

Assim, tendo como referência os registros acerca da origem da propriedade de cada família que compõe o *corpus empírico* (ver capítulo 4 da Parte II), observa-se que somente a **Família F** não obteve sua propriedade por meio de um processo de partilha de terra que tem como origem algum ascendente familiar, ou seja, apenas esta não herdou o “sítio”.

Em condição oposta, as outras famílias entrevistadas (**A, B, C, D, E**) possuem uma condição preliminar de “herdeiros”, e todas souberam contar a história que remonta à origem do “sítio” em que vivem. Variando no domínio dos detalhes, cada narrativa trouxe personagens que, lembrados com alguma aura de prestígio, ajudam a dar sentido à trajetória de partilha da terra que foi herdada, e assim nos foi narrado pelos Mendonça, os Souza, os Andrade, os Antunes e os Moares, todos, de alguma maneira, “espiritualmente” vinculados à propriedade (TOENNIES, 1977, p. 109).

Ademais, constatamos também uma certa noção de “comunidade sanguínea”, diria TOENNIES (1977), nas famílias em que o “sítio” resulta dessa transmissão direta da propriedade. Salvo apenas a **Família D**, pois, de todos os agricultores familiares que compartilham dessa condição, apenas esta não possui parentes vivendo na vizinhança, já que os irmãos de **PT** deixaram a região e migraram para outros municípios de São Paulo<sup>33</sup>.

---

<sup>33</sup>O bairro do Palmital, onde vive a **Família D**, é uma região de forte presença de famílias de origem Mendonça. Na subcapítulo “TIC das Famílias e motivo de aquisição”, já havíamos dito que a família é vizinha e muito próxima da **Família A**.

Já em todos os outros casos (famílias **A**, **B**, **C** e **E**) podemos dizer que o processo de partilha da propriedade herdada desembocou na relação de vizinhança entre parentes, formando blocos familiares mais ou menos numerosos.

Retomando o sentido clássico de “bloco familiar”<sup>34</sup>, podemos citar como exemplos ilustrativos as situações das famílias **A** e **C**.

O Palmital, bairro em que vive a **Família A**, é conhecido por ser o local de moradia das várias famílias da linhagem Mendonça que se especializaram no trabalho com estufa de verduras e legumes, formando uma região bastante homogênea no sentido do tipo de trabalho agrícola empregado e na proximidade parental.

Em resposta à questão sobre a origem do “sítio” em que vive a **Família A**, Elisa remontou brevemente ao processo de transmissão da terra herdada:

**Elisa:** Aqui era do meu vô...da mãe e do pai dele que passou para ele, era herança do pai do meu vô.

**Pesquisador:**Então era do pai do seu vô, seu bisavô?

**Elisa:** É, daí depois passou para o meu vô, depois passou para o meu pai e os irmãos, aí eles foram comprando né...

**Pesquisador:**Então a origem da terra é a sua família... E você conheceu seu esposo onde?

**Elisa:**Aqui, a mãe dele mora em São Pedro, né?, eles têm outro sítio, mas é em outro lugar, aqui é herança minha, do meu pai, que é Mendonça.

**Pesquisador:**AThay estava dizendo que aqui tudo é meio familiar, que todo mundo é meio parente, vamos dizer assim... Então são tudo parente do seu vô?

**Elisa:**É, porque o pai dele acho que se casou duas ou três vezes, então tinha filho de uma e filho de outra, e foi repartindo.

**Pesquisador:**E você sabe a origem do seu vô?

**Elisa:**Não, aí é só minha mãe pra saber, ela sabe mais bem do que meu pai (risos).

**Pesquisador:**É interessante, porque a Thay falou mesmo que aqui em volta tem bastante da sua família.

**Elisa:**Uhum, o sítio, desde lá do asfalto, quando você entrou, veio e tudo, até ali pra baixo e um pedaço mais pra frente, dizem que era tudo de uma pessoa só, aí depois ela foi tendo filho e quando ela morreu foi repartindo, né?, mas isso aqui era tudo sempre de uma pessoa só, uma mulher só. [Vim a saber, na conversa com Edna Mendonça, que a mulher se chamava Porciana, a “Viúva Porciana”, possivelmente bisavó de Mendonça, pai de Elisa.]

**Pesquisador:** Mas essa mulher era parente então?

**Elisa:**É, como que diz? Ela que era a matriarca de tudo.

**Thay:**É, ela que era dona de tudo daqui, aí foi dividindo.

**Pesquisador:**AThay estava dizendo que ali na casa do **PT** eles não são Mendonça, mesmo morando bem perto.

---

<sup>34</sup>A formação de “blocos familiares” é outro fenômeno tratado por Antônio Candido em Os Parceiros. Na parte da obra denominada “A análise da mudança”, o autor argumenta sobre a predileção dos sitiantes em ter a própria família como vizinhança imediata, formando um “subgrupo coeso e mais disposto à solidariedade vicinal” (CANDIDO, 2003, p. 257) em detrimento das relações de vizinhança típica da cultura caipira tradicional.

**Elisa:** Não, ali é Souza.

Nos “sítios” vizinhos da **Família C**, no bairro Água Branca, residem outras famílias de mesmo sobrenome, Antunes. Todas as propriedades dali resultam de um mesmo processo de partilha de terra que retoma ascendentes familiares em comum.

**Pesquisador:** E o pessoal que mora aqui do lado, tem algum parentesco com o senhor?

**Padilha:** Tem...ali meu tio, né?, que é irmão da minha mãe, né?, e ali pra cima é tudo parente, né?, a turma dos Antunes.

**Pesquisador:** Essas casinhas que eu vi chegando aqui são tudo de parente?

**Padilha:** É, é tudo parente, é, o Vicente, o Tião, o Zeca, é tudo primo legítimo da minha mãe, né?, que o meu avô é irmão do pai do Vicente que é pai da Elisângela, né?, então é primo legítimo, né?, nós somos já primo de segundo, né?, mas é tudo parente, nesse bairro aqui é tudo parente.

Como visto, com exceção da **Família F**, todas as outras compartilham a condição preliminar de terem herdado a terra. Sugerimos que, apenas neste caso, o “sítio” não pode ser considerado um capital herdado, pois a aquisição da terra se deu por uma iniciativa bastante particular, um investimento coletivo junto à uma política preconizada pelo Banco da Terra na época, anos 2000.

A história do “sítio” da **Família F**, portanto, retoma à iniciativa de 10 famílias que se organizaram em associação para financiar o valor da compra de uma fazenda que, tendo sido adquirida, passou por uma divisão que deu a cada família o direito a trabalhar em uma propriedade de 4,5 alqueires.

Em comum, nenhuma das famílias pertencia a alguma linha sucessória de transmissão de propriedade rural, o que veio a dar à associação a alcunha de “gleba dos sem-terra”.

A condição de “não-herdeiro” que caracteriza cada família que deu início à associação pode ser bem ilustrada pelas situações vividas pelo próprio Valdemar, ex-diretor da Associação e porta-voz da **Família F**. Este, como ele mesmo conta, viveu a maior parte de sua vida como empregado de uma fazenda de laranja, onde trabalhou desde muito criança:

**Pesquisador:** Você nasceu aqui mesmo?

**Valdemar:** Não, eu nasci em 53 no município de Campos Novos e vim com 5 anos pra essa região de São Pedro, morei 41 anos em um lugar só, porque eu vim moleque pra estudar em uma escolinha que tinha na fazenda de laranja, porque meu pai veio com os filhos da minha vó e entrou nessa fazenda e fomos morando, até meus 41 anos, então só morei aqui mesmo em São Pedro, só cheguei a nascer em Campos Novos. Aqui eu conheço Ribeirão Bonito, Taquara, onde eu tive com meu genro agora, Areia Branca, Cabeceira Bonita, que é onde meu vô nasceu, foi na Cabeceira Bonita que o pai do meu pai nasceu.

Portanto, localizado em posição oposta à ocupada pelos herdeiros, a **Família F** junto de outras famílias de condição similar formaram a “Gleba”, uma realização coletiva de aquisição da terra através do financiamento proposto pelo Ministério da Fazenda. Por se tratar de um investimento, o caráter de “risco” esteve inevitavelmente vinculado ao projeto da associação, unindo os grupos participantes sob uma responsabilidade em comum.

Com o tempo, tal arranjo das relações gerou desafios para a consolidação de um sentimento de comunidade, assim como o desenvolvimento de relações sólidas de vizinhança.

Logo, pouco tempo depois de instituída, a associação começou a apresentar dificuldades na organização coletiva do trabalho. As estufas agrícolas, inicialmente instaladas com a finalidade de gerar a renda necessária para o pagamento da terra, foram sendo deixadas de lado à medida em que o custo de manutenção desmotivava a continuidade do projeto.

Assim, logo apareceram as dificuldades em conciliar as expectativas individuais e a proposta coletiva, o que aos poucos foi fragmentando os interesses dentro da associação, e não tardou para que algumas desistências surgissem ainda nos primeiros anos da “Gleba”.

**Pesquisador:** Mas o senhor é o primeiro morador aqui da propriedade ou seus pais moravam aqui já?

**Valdemar:** Não, não, faz 23 anos que a gente mora aqui, mas aqui é só eu e um grupo mesmo, né?, a associação, a gente chegou aqui em 10 famílias, compremos juntos, né?, a gente comprou aqui. A terra não era nossa, a gente comprou pelo Banco da Terra.

**Pesquisador:** Certo...

**Valdemar:** É uma associação, o povo fala sítio, mas não é sítio.

**Pesquisador:** Tá, você pode me explicar um pouco sobre isso?

**Valdemar:** Então, ela é uma associação jurídica, a gente comprou. A associação, você sabe, ela é jurídica, né? Aí, por ser associação, a gente tem que trabalhar junto, daí, como você sabe que não combina mesmo, porque, se é dez, e dois quer mas sete não quer, então não vai trabalhar. Agora, se seis quisesse, mas quatro não quer, aí trabalha.

**Pesquisador:** Então, só pra entender, vocês entraram juntos mas não trabalham juntos.

**Valdemar:** Tem a oportunidade de trabalhar junto, que é muito mais fácil do que sendo individual. Se eu for procurar, com 4,5 alqueire eu pego 200 mil, se a gente que somos em dez pessoas a gente pegaria 2 milhões, né?, então a gente que é velho não entende, mas os filho já podia investir, trabalhar, podia ser uma coisa diferente, mas como tem aqueles que é cabeça dura e não quiseram, disseram que não, que sozinho paga o valor com um ano de serviço, que faz dinheiro com não sei o que e paga em um ano a sua parte, ai com o tempo foram os primeiros a ir embora, antes de nós.

**Pesquisador:** Aí esse pessoal largou mão?

**Valdemar:** Não largou não, passou para outro, que é uma coisa irregular, porque ele não podia vender, né, passou pra outro pegando dinheiro, que a

gente não sabe quanto que é, né? Ninguém proibiu, porque a maioria poderia proibir, né?, se vai embora um, mas tem nove que fica, mas só que tem três ou quatro que já tá pensando que no ano que vem vai poder ir embora também, aí apoia o outro que saiu pra poder ele também sair no ano que vem, né? Se deixaram o fulano, eu vou também atrás. E assim foi, aí o último que entrou foi ela [aponta para uma senhora chamada Maria que estava ajudando a esbugalhar milho no seu quintal].

**Pesquisador:** A ideia era pra ser uma comunidade, então?...

**Valdemar:** É, pra você ver, mas quem eu falo, ela chegou na hora certa, né? Certo era ela vir agora mesmo, né?, tinha que vir agora, então a gente continua trabalhando, só que a gente vai ficando velho, né?, porque os filhos vão saindo, vão indo embora, sozinho aí você não tem aquela ajuda do outro, sozinho fica mais difícil, então vai ficando mais difícil. Se fosse daquele modo [de associação], às vezes até podia ser.

**Pesquisador:** E é difícil os filhos ficarem?

**Valdemar:** Ah, é difícil porque eles não...pra gente ganhar o suficiente, eles acham que o salário eles ganham na cidade, lá eles ganham mais. Aqui, pra tirar o salário, não tira, não consegue tirar, né?, porque começou mal, começou errado, então aí você não consegue pagar a parcela e comer, é difícil.

Já no fim deste processo de dissolução, o desconforto com a falta de flexibilidade do projeto cresceu ao ponto de chegar a decisão de mudar o caráter jurídico da associação, sacramentando a possibilidade de projetos familiares individuais através da regularização da figura jurídica do agricultor familiar, nova configuração estabelecida em 2008 com consentimento das 10 famílias.

A decisão acabou se mostrando um avanço, do ponto de vista de Valdemar, pois abriu um leque maior de possibilidades na administração do “sítio” de cada família:

**Pesquisador:** Ah, então, vocês ainda não eram agricultores familiares?

**Valdemar:** Não era, era associação mesmo, por isso que dava problema a associação, uma associação é duro de você mexer, você tem que cumprir aquele projeto se der dinheiro ou não der, você tem que cumprir, só podia ter porco e vaca e estufa.

**Pesquisador:** Então era um projeto federal que cortou?

**Valdemar:** Não, o projeto não era federal, a compra da terra era federal, a montagem do projeto que mostraram do jeito que quiseram, não foi nós que escolheu, é um projeto que nós só escolheu porque a opção era só aquela, não tinha como sair dela, você aceita ou sai fora, quem teve gente que saiu fora, não aceitou a proposta, deixou o lugar e foi embora, agora quem tinha vontade de ter terra disse “agora vai”, e daí agora mudou pra agricultura familiar porque viu que não funcionou mesmo.

Portanto, parece-nos que somente remontando à história de origem da “Gleba” – de associação à fase atual como agricultura familiar – fica mais fácil compreender a singularidade do ponto de vista de Valdemar, que é bastante característico dentro da amostra da pesquisa, sendo o único representante de “não herdeiro”.

Nota-se que, em suas respostas, Valdemar expressa um forte senso de responsabilidade coletiva, mesmo que esteja ausente o laço parental com seus

companheiros de associação. Inclusive, é possível dizer que existe uma certa “consciência de classe” quando propõe soluções coletivas para problemas que também são coletivos.

No trecho que segue logo abaixo, fica claro que é mais forte na **Família F** do que nas outras famílias entrevistadas a noção de que é necessário que se faça cumprir direitos recém-adquiridos:

**Pesquisador:** Deixa eu te fazer uma pergunta sobre como você chegou aqui e como foi sendo as coisas. Quando você chegou, já tinha eletricidade?

**Valdemar:** Então, já tinha um transformador, só que o homem que vendeu [a fazenda] tinha guardado, daí o que aconteceu, o homem teve que trazer o transformador e pôr pra nós, usa 5 de um lado e 5 de outro lado, no Adriano.

**Pesquisador:** Então já tinha transformador...

**Valdemar:** Aqui já tinha, tem mais de 40 anos, aí fizeram ali e instalou tudo, é de 10, e aí agora nos últimos tempos que a gente vem brigando porque quer que põe um transformador pra cada um, e não colocam, ninguém põe, até esse ano a gente vai correr atrás de novo.

**Pesquisador:** Mas brigando com quem o senhor quer dizer?

**Valdemar:** Com a companhia, porque nós têm o CNPJ de 4,5 alqueires e a comodata deu de direito de contrato pra nós trabalhar. Aí você vê que quem tem 1 alqueire tem transformador na porta, agora você que tem 4,5 alqueire morando aqui, aí tem sete na família e vem o filho morar junto, aí aumenta a casa e aumenta a força, um transformador só não dá. E esses dias, aquele que mora perto do coqueiro lá, vizinho do Prado, o Paulo, foi ver onde que é a companhia pra conversar, chegou lá, puxou não sei no que lá e viu que tem um transformador pro Seu Valdemar e um pro seu Adriano, então a gente tá cedendo força pros outros.

Por fim, o “sítio” para a **Família F** representa uma conquista geracional recente que não está salva de passar por instabilidades, pelo contrário, as situações relatadas contêm aspectos que caracterizam bem o que aqui convencionou-se se referir como uma condição de “não herdeiro”: mudanças organizacionais ocorreram em curto espaço de tempo, relações de vizinhança relativamente instáveis, inexistência de uma rede de proteção familiar e poucas alternativas de investimento.

E a inquietude notável nos comentários de Valdemar pode também ser interpretada como um aspecto da ausência do sentido de continuidade em relação à geração passada, já que a posse da terra representou uma ruptura em relação à vida de “sem-terra” dos seus antepassados. Carece, portanto, na condição do “não herdeiro”, aquele sentido de *permanência* material e simbólica em relação à ascendência familiar, sentido este que está presente nas histórias de origem contadas pelas famílias dos “herdeiros”.

Por outro lado, o “sítio” e os desafios enfrentados em uma vida de recém-proprietário estão mais próximos de serem interpretados como conquistas dignas de

orgulho. Valdemar, homem preto e analfabeto, fala dos filhos e filhas com imenso prazer, a predileta (como disse brincando sua esposa durante a entrevista) é a filha que hoje mora na cidade de São Paulo. Formada em História, trabalha como professora universitária e, no dia anterior à entrevista, ligou para o pai para avisar que acabava de ser aprovada no concurso de uma instituição universitária na capital:

**Pesquisador:**Eu conheço onde ela fez a graduação, em Jacarezinho, né?...

**Valdemar:**É, mas ela está trabalhando na faculdade agora, só que no momento, até semana que vem, ela vai estar em outra faculdade, ela está saindo, ela vai ser professora lá, passou no teste, ela fez três, é duro né, ela foi lá e chamaram ela, daí fez um teste de dar aula, esperou 15 dias pra ver uns negócios dos alunos, dos chefes lá pra ver se aceitam ou não aceitam, e ontem ela recebeu a notícia de que tá empregada.

**Pesquisador:**Que legal...

**Valdemar:** De certo deve ser melhor do que onde ela estava, né?, a gente não pergunta porque eu não pergunto nada sobre a vida particular deles, né? Eu não quero saber se ganha mais ou ganha menos, não pergunto nem pro João Pedro.

**Pesquisador:**Mas ela morou aqui por bastante tempo?

**Valdemar:**Morou, é três filha menina, tudo morou aqui, né? E os dois mais velhos era casado e um morou fora, o outro também, 8 anos, o do meio que não trabalhou fora, o Flávio, ele só trabalhou na cidade, mas veio pra cá e ficou na prefeitura. Essa trabalhou até casar, a Rita que mora na cidade é psicóloga, também, trabalha em São Pedro.

Entre as famílias classificadas preliminarmente como “herdeiros”, um olhar mais criterioso exige um novo agrupamento das particularidades, o que acaba por desembocar na formulação de nova condição, a de “herdeiros-agregados”.

Isso se deve a uma dinâmica de aproximação e distanciamento do “sítio”, que é apresentado pelo núcleo familiar mais jovem das famílias **A, B, C e E**.

Guardando algumas diferenças, todas estas compartilham da condição de manterem sob o amparo familiar um núcleo mais ou menos independente que, tendo a certeza de serem “futuros herdeiros”, chegaram a deslumbrar uma trajetória de vida no meio urbano. As situações relatadas mostram que o insucesso de uma vida na cidade levou o núcleo jovem a um retorno ao “sítio”, mas ocupando uma posição um tanto instável de “agregado”, ou seja, temporariamente sob cuidado do parente direto que é proprietário do “sítio”.

Assim, as famílias **A, B, C, E** estão na condição de “herdeiros-agregados”, pois apresentam um núcleo interno que é relativamente instável, em geral mais jovem e com experiência de ter vivido na cidade. Nos casos estudados, os exemplos são: um casal com filhos que decide voltar a residir na propriedade rural dos pais (**A** e **E**); uma mãe solo que, tendo desfeito o matrimônio, retorna para a casa dos pais

(B); uma vó com a guarda da neta adolescente que, depois de morar um tempo na cidade, pediu ao irmão para residir em sua propriedade, formando uma família com sua neta (C).

#### **Família C**

**Pesquisador:** Então foi herdado desde o seu avô.

**Padilha:** É, isso aqui na verdade era do meu avô, né? A minha mãe que herdou, depois meu pai faleceu, aí eles queriam vender, né? Mas eu não queria vender o pedacinho meu, porque ia dar um pedacinho para cada um, porque nós somos em quatro irmãos, né? Ia dar 1,5 alqueire para cada um, né?, daí eu peguei e comprei a parte deles, né?, daí minha irmã morava em Ourinhos e queria mudar aqui pro sítio e perguntou se eu não arrumava pra ela morar. Aí tinha casa aqui e eu disse que ela podia morar, a Clara acho que tinha...faz uns 15 anos que a Clara com a vó dela mora aí...desde que nasceu, veio menininha, coisinha de colo, né?

Assim, com “herdeiros-agregados” pretendemos ressaltar a existência de dinâmicas próprias e internas a algumas das famílias, as idas e vindas de alguns integrantes, a coabitação de núcleos familiares em uma mesma propriedade – mas em residências diferentes – e os diferentes níveis da autoridade parental, que coexiste em uma mesma família sem chegar a desmanchar o protagonismo simbólico e material do casal mais velho, donos efetivos do “sítio” e portadores das histórias de origem.

**Pesquisador:** Quem é que mora aqui com você?

**Joca:** É só eu e a muié, e afia mora lá, né, com as duas fía dela. [na casa mais ao fundo do “sítio”]

**Pesquisador:** Na outra casinha?

**Joca:** É.

**Pesquisador:** A Tha também no caso.

**Joca:** É, mora lá.

**Pesquisador:** Mas aqui é tudo propriedade do senhor?

**Joca:** É, o que é nosso é 2 alqueires. Porque não adianta falar que tem mais por que eu não gosto de mentira.

**Pesquisador:** Tá. E é aqui e lá atrás é a casa da Thais.

Vale notar que, para o núcleo jovem, formado através do matrimônio, a condição de “agregado” pode ser resultado de uma estratégia combinada com o casal mais velho em uma tentativa de conquistar a segurança financeira que não foi alcançada pelo casal recém-formado que um dia deslumbrou uma vida na área urbana.

Assim, depois de passarem por momentos críticos vivendo na cidade ou em “sítios” de não parentes, os casais recém-formados das famílias A e E puderam retornar às propriedades dos pais e ocupar um espaço propício para a efetivação do modo de vida de pequeno agricultor.

Tanto o casal Mendonça da **Família A** quanto o casal Andrade da **Família E** acolheram a demanda das filhas recém-casadas concedendo moradia e parte do

“sítio” para o exercício efetivo do trabalho rural, permitindo que deixassem a vida urbana e retornassem com genros, netos e netas a viverem no “sítio” da família:

**Vá:**A gente não morava aqui no sítio, no sítio aqui, faz um ano...

**Rô:**Fez um, vai fazer 2 anos agora.

**Vá:**Um ano e meio quase, já.

**Pesquisador:**Essa casa foi construída quando?Ela é mais nova do que a do seu pai?

**Vá:**Foi construída pelo meu irmão, que na época...

**Rô:**É, o irmão dela morou aqui, nessa casa.

**Vanessa:**É, meu irmão morou 6 anos aqui, aí meu irmão construiu em outro lugar, em outro sitiozinho dele.

**Rô:**Aí que a gente veio, reformamos, e... agora a gente mora e trabalha com estufa [hidropônica] aqui, antes a gente morava em São Pedro [na cidade].

**Vá:**É.

**Pesquisador:**Entendi.

**Vá:**A gente ficou uns 2 anos viajando, né, Rô? Toda hora, todo dia, vinha para cá e voltava.

**Rô:**É, quando eu trabalhava na prefeitura e quando eu trabalhei no posto, eu morava em São Pedro.

**Vá:**Sempre em São Pedro.

**Rô:**Aí, depois que casamos, viemos pra cá.

**Vá:**Ó, nesse tempo de 2008 que a gente morava em São Pedro, eu tive uma estabilidade maior no Estado [como professora] até 2018. Então, o salário maior era o meu, digo, o salário aqui de casa, né, Rô? Eu sempre ganhava mais do que o Rogério, então era o que mantinha nós, a gente nunca teve divisão de salário, a gente sempre juntava os salários e vivia dele, mas, como o pai incentivou e ajudou, né?, ele conseguiu levantar um dinheiro pra gente e depois a gente pagava pro pai por ano esse financiamento que ele fez no nome dele. Mas aí a gente tinha uma casinha em Santa Cruz que a gente conseguiu com a ajuda do pai...

**Rô:**E isso foi quando a gente tocou a estufa pela primeira vez, ainda morávamos em São Pedro.

**Vá:**A primeira vez meu pai ajudou a gente...

**R:**E aí, quando a gente casou, eu vim morar e tocar a estufa aqui.

**Figura 6 - Estufa hidropônica de Vá e Rô Andrade**



Fonte: o autor, 2023.

Portanto, a decisão de retornar à vida rural nas condições disponibilizadas pelos pais teve como motivação a perspectiva de melhoria financeira do casal, um pensamento verdadeiramente estratégico em que o modo de vida rural surge como alternativa à decepção da experiência no meio urbano:

**Elisa:** Eu, se for pra morar em uma cidade, acho que eu não acostumo não...aquela barulheira....

**Pesquisador:** Cidade igual à São Pedro?

**Elisa:** É, até São Pedro não dá, a gente vai lá, eu vou lá, não vejo a hora de voltar pra trás.

**Pesquisador:** São Pedro já incomoda?...

**Elisa:** Uhum, nossa, chega de tarde, aquele povo voltando do serviço, aquela barulheira de ônibus, de moto, de caminhão, disso e daquilo.

**Pesquisador:** Mas seu marido morou em São Paulo...

**Elisa:** Ele morou, mas, se for pra voltar pra lá, ele não volta, ele fala que não tem vontade de voltar nem pra passeio [risos].

O trecho a seguir ilustra como a condição de “agregado” do núcleo composto por Vá, seu esposo, Rô, e o filho Cadu, acaba refletindo na própria divisão das responsabilidades do trabalho na propriedade.

O trabalho executado na estufa hidropônica, tocada por Rô, não chega a se misturar às outras responsabilidades do “sítio” que são executadas pelos pais de Vá,

o casal Andrade. Trata-se, porém, de uma situação pouco usual para a **Família E** que, por vezes, é embaralhada pela presença de Cadu no trabalho executado pelo vô, mas que certamente não chega a equivaler ao modo de colaboração do trabalho campesino que tanto marcou a infância de Vá, tempo de infância em que tudo girava em torno do trabalho junto dos parentes no “sítio”:

**Pesquisador:** Você sabe como era a situação do seu avô, se ele tinha terra, se seu pai com os irmãos dele são herdeiros, se seu avô já era herdeiro?...

**Vá:** Então, eu não sei dizer pra você se lá em Bernardino já era do biso, mas eu acho que era, porquê lá em Bernardino era uma fazendinha mesmo, era quase cinquenta alqueires de terra, então era considerado uma fazenda que a gente fala, né?, acima de tipo, assim, cinquenta alqueires, já é fazenda, só que eles trabalhavam que nem a gente na época que eu fui criada aqui. Hoje a gente trabalha naquele pedacinho lá das estufas que meu pai deu pra gente cuidar, então a gente não trabalha com o meu pai nem para o meu pai, a gente cuida pra gente, mas, quando o meu pai era criança, e quando eu era criança, todos da casa trabalhavam no sítio todo.

Por fim, reafirmamos que foram nas famílias **A, B, C e E** que registramos a maioria dos relatos de mudança para a cidade seguido de retorno para o “sítio”.

Em geral, este deslocamento em translação envolve o casal recém-formado que, incapaz de manter-se totalmente longe do auxílio familiar, acaba voltando para o capital material mais estável da família, o “sítio”:

**Pesquisador:** E você vive aqui desde sempre?

**Elisa:** É, essa casa aqui era da minha vô, aqui sempre morou minha vô, e minha mãe sempre morou na outra casa.

**Pesquisador:** Que é aqui perto?

**Elisa:** Aqui pra baixo, descendo.

**Tha:** Depois vou mostrar para o professor onde que é.

**Elisa:** Quando eu casei e tive elas, eu morei no outro sítio do meu marido, aí depois acabou não dando certo lá e aí a gente veio pra cá de novo.

**Pesquisador:** Era aqui em São Pedro mesmo?

**Elisa:** É lá na Água do Bicho, indo pra Ourinhos, em uma das primeiras entradas indo para Ourinhos.

Um resumo das conclusões acerca da relação das famílias com o “sítio” pode ser visualizado logo abaixo na tabela que apresenta os principais pontos característicos das diferentes condições familiares perante a propriedade:

**Quadro 19 - Condição familiar de permanência na propriedade**

Condição familiar de permanência na propriedade						
	Tipo de condição	Nº de residências na mesma propriedade (nº de núcleos)	Divisão do trabalho exercido no "sítio"	Pluriatividade/ ocupação	Registro de deslocamento "sítio" -> cidade -> "sítio"	O "sítio" como investimento de um núcleo agregado/ tipo de investimento

<b>FAMILIA A</b>	Herdeiro-Agregado	2	Sim	Sim (Ed, operário)	Sim	Sim, estufas de chão
<b>FAMILIA B</b>	Herdeiro-Agregado	2	Sim	Sim (RM, diarista)	Sim	Não
<b>FAMILIA C</b>	Herdeiro-Agregado	2	Sim	Sim (Irma, diarista)	Sim	Não
<b>FAMILIA D</b>	Herdeiro	1	Não	Não	Não	*
<b>FAMILIA E</b>	Herdeiro-Agregado	2	Sim	Sim (Vá, professora)	Sim	Sim, estufa hidropônica
<b>FAMILIA F</b>	Não Herdeiro	1	Não	Não	Não	*

Fonte: o autor, 2023

Tendo analisado o “sítio” como capital herdado, possuímos certamente mais peças para compreender a *maneira* que as TIC são utilizadas pelas famílias de agricultores familiares.

## 8.2 AS PREFERÊNCIAS NO USO DA INTERNET

As respostas dos entrevistados às perguntas a respeito do consumo na internet nos aproximam de uma análise do *habitus*, pois traz à tona as particularidades dos julgamentos e práticas, as atitudes em relação às TIC, o nível de familiaridade e o reconhecimento ou não dos sinais distintivos que hierarquizam o “mundo da tecnologia”.

O gosto, como sinal de distinção, aparece nas entrevistas como classificação das preferências por equipamentos, aplicativos ou redes sociais, e sua desnaturalização pelo olhar analítico do pesquisador aponta para a possibilidade da construção de um conhecimento possível sobre o *habitus* das famílias pesquisadas.

Isso, pois, como proposto por Pierre Bourdieu (2011), o *habitus* é

*princípio gerador* de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificação (*principiumdivision*) de tais práticas. Na relação entre as duas capacidades que definem o *habitus*, ou seja, capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), é que se constitui o *mundo social representado*, ou seja, o *espaço dos estilos de vida*. (BOURDIEU, 2011, p.162).

Nesta toada, iniciamos com o caso da **Família B**, pois este representa um contraponto exemplar para uma interpretação apressada que logo poderia associar

uma menor condição econômica (incluindo uma menor presença de TIC na esfera doméstica) a um menor interesse pelo mundo digital, como se houvesse uma equivalência direta entre capital econômico e capital cultural, sem considerar que, no meio do caminho, o acúmulo de um capital específico pode se dar pelo autodidatismo.

Realidade menos óbvia se apresenta e, amparados pelo conteúdo transcrito das entrevistas, observamos que RN e as filhas manifestam uma postura bastante confiante com relação ao uso da internet, redes sociais e aplicativos, mesmo que residam no “sítio” que enfrenta grandes obstáculos com relação ao acesso à rede telefônica.

Portando, dois mundos convivem no “sítio” da **Família B**. Para os integrantes mais velhos da família, Joca e sua esposa, as necessidades tecnológicas são bastante simples:

**Pesquisador:** Ah, tá, o celular não é touch... Então o senhor só usa pra ligar e não usa pra internet?

**Joca:** Não, porque a gente não sabe ler, nego manda uma mensagem e a gente não sabe ler, então não adianta nada. Eu já falo pra turma, ó, se tiver que falar comigo, liga de uma vez e já fala “eu quero isso e aquilo”, e, se deu certo, eu dô ou não dô também.

**Pesquisador:** E sua esposa tem celular, ela usa?

**Joca:** Não, usa o meu também.

**Pesquisador:** E televisão, o senhor assiste?

**Joca:** Um pouco, esporte.

**Tha:** O vô usa mais o rádio do que a TV.

**Pesquisador:** Rádio o senhor escuta mais...

**Tha:** Aqueles rádios antigos mesmo...

**Pesquisador:** Sei, que dá para escutar o jogo também.

**Joca:** É, eu deito na minha cama lá e ligo no meu jogo e boa, é a bandeirantes que roda.

**Pesquisador:** Eu reparei que tem uma parabólica ali na frente, né?

**Joca:** Tem, tem uma televisão aqui, ó.

**Pesquisador:** E funciona na TV tudo certinho?

**Joca:** Funciona.

**Pesquisador:** E a internet, tem aqui?

**Tha:** O Wi-Fi não chega aqui, é só sinal de celular e só pega uma operadora, só pega Claro, pra pegar Vivo só lá pra cima ou antes de entrar na mata.

**Joca:** Eu falo que a Vivo aqui é morta.

No próximo trecho, Joaquim deixa claro – à sua maneira – seu ponto de vista a respeito da internet. Para ele, a internet não é capaz de rivalizar com o seu conhecimento adquirido sobre a natureza, assim como expressa verdadeira preocupação com as novas oportunidades de crimes, um mal real para Joaquim, que chega a ele em notícias de rádio e televisão:

**Joaquim:** É porque, João, é quem eu falo para a turma, a gente não adianta pedir chuva nem sol e nem vento, porque na nossa religião o pai

nosso já tem o pão de cada dia, você rezou e pediu, não vai faltar nunca pra comer...

**Pesquisador:** Tem passagens da Bíblia que falam exatamente isso, né?...

**Joaquim:** Eu assisto pouca televisão, mas só que eu presto sentido no que passa na televisão, o rádio, eu escuto, o rádio tá dando notícia, eu tô seguindo, porque...eu sei dar explicação...mas a mesma coisa, às vezes dá um tempo...tem dia que tá chovendo, aí nego fala assim “Ah, esse véinho tá ficando caduco”, pois a mesma coisa, semana passada eu falei que quinta-feira pode até dar uma chuva, e deu uma chuva que eu vou até falar pra você, eu acompanho muito a estação da lua, eu não acredito em internet, porque cê sabe que a internet vai acabar com o mundo do jeito que vai indo, o cara conhece uma pessoa pela internet, pois lá, às vezes, uma moça linda, mai vai lá os bandidos já tão esperando o cara lá pra matar o cara, tem tudo isso aí, por bem, ela é muito boa, mai por mal ela é também...Cê sabe que tá incrível isso aí, né?

Entretanto, a condição material desprivilegiada da família não determina totalmente os interesses do núcleo mais jovem, composto por RN, sua filha mais velha, Tha, e a mais nova, Aurora.

Nesse sentido, o diálogo a seguir apresenta um horizonte de possibilidades na internet muito mais amplo do que foi exposto por Joaquim e, vale dizer, consideravelmente mais rico do que aqueles apresentados pelas outras famílias entrevistadas:

**Tha:** Desde quando eu tenho celular? [Tha pergunta à sua mãe]

**RM:** Você? Você ganhou no seu aniversário de 11...não, 12.

**Tha:** É, mas eu usava mais pra jogar joguinho e assistir as coisas. Minhas redes sociais mesmo são mais recentes.

**Pesquisador:** E quem melhor sabe usar o celular, a internet aqui na...

**Tha:** Eu e minha mãe.

**RM:** E a Aurora, ela já sabe baixar joguinho, ela sabe se virar bem...

**Pesquisador:** A Aurora? E quantos anos ela tem?

**Tha:** Vai fazer 7.

**RM:** Já sabe pesquisar vídeo que quer...

**Tha:** Ela gosta de assistir Wandinha, e a música da Wandinha ela pesquisa...

**RM:** É, agora umas musiquinhas de funk no tiktok e fica dançando.

**Tha:** Mas, quando eu pego, eu não deixo, porque pra mim funk não é música.

Do ponto de vista de RM, a precocidade de Aurora no contato com o celular possui pontos positivos, por exemplo, uma rápida aquisição da linguagem. Porém, a autonomia que a irmã vem adquirindo com o aparelho celular é criticada por Tha quando ela se depara com o gênero musical que sua irmã está escutando sozinha, o funk.

A crítica de Tha não é um detalhe irrelevante, pelo contrário, é um sinal de distinção, uma opinião que legitima a “boa música” em detrimento do funk como um gênero menor. Certamente, uma demarcação valorativa de quem reconhece um sistema de hierarquização do gênero musical na sociedade em que vive, a

existência de uma cultura legítima que, se nem sempre pode ser conhecida, é certamente reconhecida por ocupantes de classes sociais menos privilegiadas (Bourdieu, 2011, p.298).

No trecho a seguir, fica evidente que a educação e mais especificamente o conhecimento científico são também reconhecidos e valorizados por Tha e sua mãe. Mesmo que o assunto fuja da compreensão de RN, ela não deixa de admirar o interesse da filha por assuntos de alta complexidade:

**Pesquisador:** E pontos positivos referentes ao uso delas, você vê algum? Se é uma coisa que te agrada ver que elas estão...

**RM:** Sim, porque ajuda a aprender bastante coisa, né? Agora nem tanto, mas antes ela [Aurora] escutava bastante coisa de alfabeto, numerais, aí ajudou ela a aprender mais facilmente na escola, porque eu coloquei ela no ano passado só, eu não coloquei ela no Pré-1, eu coloquei ela direto no Pré-2, só que acorda muito cedo aqui e eu ficava com dó de pôr antes, né?, então ela entrou um pouco atrasada do que as outras crianças, mas hoje ela já tá se não igual, até mais avançada do que as outras, aí ela aprende musiquinha com letras, aí ela vai aprendendo... Ea Thais pesquisa bastante coisa, às vezes ela está assistindo uns negócios... O que você estava assistindo estes dias mesmo?...

**Tha:** Ah, é física quântica.

**RM:** É, um negócio de física quântica. E eu: "Oi?" (risos)

**Pesquisador:** A Thais é sabida, a Thais sabe de tudo um pouco, e provavelmente por causa da internet, né?

**Tha:** Sim, porque quando eu estudava, nossa, pra conseguir pesquisar tinha que ir à biblioteca, porque tinha já a sala de informática quando eu estudava, mas pra gente ir lá era raro, e quando a gente ia, os meninos ficavam jogando uns joguinhos lá ou faziam alguma coisa que não devia e logo os professores cortavam, e aí a gente não podia ir mais, então era na biblioteca só, então era mais difícil, agora tem a internet na mão, né?

Retomando as informações contidas na **Figura3** e no **Mapa 4**, podemos considerar que Tha apresenta um interesse cultural que contrasta drasticamente com o isolamento geoespacial do "sítio". A localização da propriedade rural afastada das áreas urbanas é um fator que tende a isolar a **Família B** dos meios tradicionais de transmissão de conhecimento (como sobre física quântica), como escolas, universidades, bibliotecas e museus.

**Pesquisador:** O ônibus da escola passa aqui em que horário?

**Joaquim:** Da escola... passa 5:05 da manhã, chega aqui e já leva.

**Tha:** 5:05, eu sou a primeira a subir no ônibus e a última a descer, ele me deixa aqui 14:10.

**Pesquisador:** Ele começa aqui e vai pegando o pessoal?

**Tha:** É, na verdade ele vem daqui [Tha aponta para o caminho de mata que leva até sua casa] e vai pra lá...

**Pesquisador:** Ele passa por onde eu passei pra chegar aqui, então?

**Tha:** É, é. Ele vem por aqui e aí sai pela estrada de terra até chegar em São Pedro, aí ele vai pegando os alunos.

Neste cenário, a internet surge como o único elemento capaz de encurtar a distância entre a forte curiosidade de Tha e os espaços digitais de compra e de socialização (sites, redes sociais, aplicativos):

**Pesquisador:** O que você costuma comprar na internet?

**RM:** Você [Tha] usa a internet pra comprar livro, né? Comprar roupa, basicamente, ultimamente eu não tenho comprado nada em loja física, sai tipo 20%, 30% mais barato, a Amazon mesmo é muito boa pra comprar.

**Tha:** Minha tv mesmo a gente comprou na Amazon.

**RM:** E saiu bem mais barato do que na loja.

**Pesquisador:** E que ano você comprou?

**Tha:** Ano passado, final do ano passado. [2022]

**RM:** Porque ela queria uma tv que espelhasse a tela do celular.

**Pesquisador:** Hum, igual na escola.

**Tha:** É, porque aí não preciso rotear a minha internet pra tv, eu posso só espelhar.

**RM:** Porque a gente tinha só a de tubo, daí eu comprei essa pra ela.

**Pesquisador:** E você usa bastante essa ferramenta?

**Tha:** Às vezes é melhor pra ler alguma coisa, porque às vezes eu pego artigo e as letras são muito pequenininhas, aí eu joga pra tv, fica mais fácil, ou deixo rodando um podcast enquanto estou fazendo alguma coisa.

**Pesquisador:** Artigo que você fala é?...

**Tha:** É, às vezes eu tenho curiosidade sobre algum assunto, aí eu pesquiso alguns artigos científicos, coisas assim.

**Pesquisador:** E se tivesse internet fixa seria melhor?

**Tha:** É, eu talvez conseguiria fazer um curso online.

**Pesquisador:** E aplicativo, qual você usa mais?

**Tha:** É... mais o Whatsapp, oTiktok, o Spotify e o Google que eu uso bastante para pesquisa e estudar, essas coisas.

**Pesquisador:** E baixar livro, música, você faz essas coisas?

**Tha:** É... eu uso Spotify para ouvir música, pra livro o meu plano de celular me dá acesso ao Suelo, que é um aplicativo para ler. Às vezes, se tem algum livro que eu quero muito ler, às vezes eu consigo o PDF pelo Google.

A condição de classe da **Família B** se configura pela posse de um baixo capital econômico (a maior parte da renda familiar vem da aposentadoria de Joaquim e Benedita, RM trabalha meio período como diarista na cidade e o “sítio” pouco produz para a venda), mas que é contraposto por um esforço do núcleo jovem da família que considera a importância da educação e que se empenha voluntariamente na aquisição de bens tecnológicos e culturais que estão disponíveis na “galáxia da internet” (CASTELLS, 2023).

No trecho a seguir, podemos ver outros aspectos importantes deste voluntarismo com relação ao uso de TIC.

Por um lado, chama atenção o autodidatismo de Tha e os primeiros sinais de precocidade de Aurora, ambos aspectos que recebem o apoio da mãe, que sabe reconhecer, e acabam por legitimar, na esfera doméstica, o conteúdo que é aprendido na escola.

Em outra direção, descobrimos que RN não apenas incentiva as filhas, mas também é incentivada por Cilene, diretora de escola e patroa de RN. Forma-se, assim, no núcleo jovem da **Família B**, uma pequena rede de autoconfirmação da importância da educação. E já no final do trecho fica claro que este caminho possível de acesso tem como aliado prático e imediato as TIC:

**Pesquisa:** E sua mãe tem formação?

**Tha:** E eu tô enchendo o saco dela pra ela fazer Pedagogia.

**RM:** A dona Cilene também.

**Tha:** Eu e a dona Cilene, que é a antiga professora dela.

**RM:** Ela, desde que eu estudei com ela, porque ela foi minha professora, ela falava, você tem cara pra ser professora, você precisa fazer. Aí o ano passado eu fiz a matrícula, eu fiz a inscrição para a prova e tudo, mas eu não consegui ir, nossa, ela ficou brava comigo, aí eu falei, acho que em Julho eu vou fazer, por que aí tem uma no começo do ano e outra no meio, pra fazer online pela Univesp.

**Pesquisador:** Que tem uma sede lá em São Pedro, não tem?

**RM:** É, porque aí é mais fácil, né?...

**Pesquisador:** Aí você faria online?

**RM:** É, online.

Como visto no subcapítulo 6.3, a **Família F** representa outro caso em que não houve uma adaptação feliz às demandas do ensino remoto implementado na escola Professor Homero Calvoso, entre 2020 e 2021.

Pela entrevista realizada com Valdemar, viemos a entender que sua dificuldade em relação ao uso da internet é ainda mais antiga e remonta a tentativas frustradas de adequação às necessidades tecnológicas dos filhos enquanto estudantes.

Podemos dizer que questões mais estruturais continuam afetando e impossibilitando a progressão do “sítio” a uma realidade mais conectada, pois, como alerta Ricardo Antunes retomando análise da socióloga Ursula Huws, para se ter acesso à “imaterialidade da rede”, é necessário que exista a estrutura material que a sustenta, pois “as chamadas atividades “virtuais” são dependentes e têm conexões fortes com o mundo da materialidade” (ANTUNES, 2018, p. 52).

O trecho a seguir esclarece sobre o isolamento “virtual” em que vive a **Família F** e as outras 9 famílias da Gleba, visto que o sinal da única operadora que funciona naquele local não consegue entregar o serviço de internet contratado:

**Pesquisador:** Então computador, ou outras coisas, dá pra ter aqui?

**Valdemar:** É, não mexendo em outras coisas, na hora que vai fazer uma coisa você desliga o outro.

**Pesquisador:** Mas o senhor tem computador?...

**Valdemar:** Chegamos a ter numa época em que as crianças chegaram a pôr aí, mas daquele que você tem que coisar a internet...porque aqui não tem internet, você tem que pagar naquela do celular, mas aquela não presta

também. Você não viu lá no Zé? Ih, não vale nada. Ah, tem vez que a gente fica aqui 3, 4 dias que não tem celular, não, nem internet.

**Pesquisador:** Mas sinal da internet tem?

**Valdemar:** Tem, da Claro tem.

**Pesquisador:** Mas internet, sem chance?

**Valdemar:** Não, tem internet no dia que eles querem, né? Não dá pra eu falar pra você que nós vai conversar por coisa aqui, não é assim, é o dia que quer. Tem dia que não tem internet, ela cai, precisava ter um, que eles explicaram, dentro da associação aqui, que tenha uma internet, porque a gente é Federal, caramba, né?, nós não tem nada com o município, estadual, né?...

Por outro lado, e relembando o que foi dito no parágrafo que inicia este capítulo, as famílias **A**, **C**, **D** e **E** disseram não ter sofrido maiores dificuldades no que se refere ao acesso à internet durante a pandemia. Isso se deve, em maior parte, a uma localização não tão distante dos “sítios” em relação às torres telefônicas instaladas dentro do perímetro urbano (ver **mapa 5**).

É também possível perceber uma diferença considerável no que diz respeito ao volume de capital econômico entre este grupo que viveu uma “relativa adequação” e aquele que viveu o ensino remoto como um “período de tribulação”. Já que, sobre o perfil produtivo das famílias que melhor se adequaram as mudanças, podemos visualizar que: Na **Família A**, encontramos bem desenvolvido o trabalho com estufa de chão e arrendamento de terra para cultivo de soja/milho; Na **Família C**, é tocada a plantação de soja/milho além do complemento que vem através do serviço de transporte de safra; Na **Família D**, a produção de tomate em 5 estufas de chão possui uma comercialização já bastante consolidada, e a produção de verdura na estufa hidropônica se soma à plantação de soja/milho e mandioca, tocada pelo casal Andrade no “sítio” da **Família E** (conferir quadros do subcapítulo 4.2).

Porém, seguindo no mesmo caminho interpretativo que realizamos no caso da **Família B**, novamente não parece promissor criar uma simples equivalência entre condição produtiva e econômica e o interesse pelo uso de TIC. Pois, observa-se que, no grupo das famílias que apresentaram maior condição material, o núcleo mais jovem, pais e filhos estudantes, relataram que algumas das funcionalidades “tradicionais” dos dispositivos ainda são tratados como novidade, o que podemos ver no relato sobre o uso dos aplicativos de celular:

**Família E**

**Pesquisador:** Mas Instagram, Facebook, essas coisas?...

**Rô:** Hmm, não.

**Vá:** Se a gente tem, não.

**Rô:** Eu tenho Facebook, mas não uso.

**Pesquisador:** Não mexe, mas o Cadu mexe.

**Vá:** Cadu, sim.

**Rô:** Eu tenho, mas não mexo.

**Vá:** Instagram eu nem tenho, pra te falar... Eu não sou muito tecnológica, gosto mais da conversa, então acho que hoje foi a primeira vez que mandei uma localização, nunca tinha mandado.

**Pesquisador:** Interessante como funciona, né? Me trouxe aqui.

**Vá:** Passou e chegou aqui.

**Pesquisador:** Pelo caminho mais perto, né?

**Vá:** A gente aprende.

#### **Família A**

**Pesquisador:** E você acha que elas teriam que fazer algum curso voltado para tecnologia, acha que é necessário?

**Elisa:** Sei lá, né... Bom, hoje em dia tudo é no computador, né? No telefone agora, né? Até ela fica brava “A mãe não arruma um pix, não faz...” Ah, eu falo que tenho medo até de mexer com esse negócio.

**Pesquisador:** Como, o pix?!

**Elisa:** Ah, eu falei pra Thay, deixa esse negócio mais pra frente, a hora que falar que não tem mais outro jeito, que é só assim, aí a gente vai pensar.

**Thay:** É, eu passo agora tudo pra Vá os pixs.

**Elisa:** Até a hora que a Vá encher e ela der um basta.

**Thay:** Ah, não, mas agora ela não dá mais.

**Elisa:** Eu falei, é modernidade de mais pra minha cabeça.

#### **Família C**

**Pesquisador:** E a internet te ajuda para alguma coisa?

**Padilha:** Ah, vou até falar a verdade, quando é pra ligar a gente até liga, a internet, às vezes, no caso, quem, eu trabalho com maquinário, às vezes quebra uma peça de um trator ou alguma coisa, você explica pro cara e ele não está entendendo, às vezes você tira uma foto e manda pra ele, né?, então às vezes facilita, né? Nessas partes, então, às vezes, eu trabalho com uma máquina de um rapaz lá de Santa Cruz, uma colhedeira, às vezes, quando acontece qualquer problema, às vezes, veio mandar um moto táxi trazer uma peça, às vezes a gente manda a localização, né?, pra achar a gente mais fácil, porque o cara fala “eu estou em tal lugar”, a gente que está aqui é fácil, né? “Ah não, eu sei onde é”, mas um cara pega e, às vezes, nunca veio aqui, um moto táxi, por exemplo, né? Então, às vezes, a gente manda uma localização e fica mais fácil, né? Facilita, né?, ajuda, né? Nessas partes até que é bom, né?

E na geração mais antiga, a dos avós, pode acontecer que tecnologias já tradicionais, como o aparelho celular, ainda não tenham sido totalmente aceitas e incorporadas no dia a dia dos integrantes familiares mais velhos. Assim vimos no caso anterior de Joaquim e assim também podemos ver agora no caso de Andrade, pai de Vá:

#### **Família E**

**Pesquisador:** E seu pai usa o celular, Vá?

**Vá:**Então...

**Rô:** Ele não sabe mexer, mesmo por ligação no WhatsApp, porque tudo é mesmo por ligação, ele vai ligar um e...um exemplo, quebrou uma peça do trator e ele precisa ligar lá em Santa Cruz, ele vai ligar e não consegue ligar.

**Vá:** Não consegue...

**Pesquisador:** Entendi.

**Rô:** Tendeu?... A pessoa lá não entende ele... Então é mais por isso, e, pra trabalhar, ele usa o celular pra trabalhar.

**Pesquisador:** Certo.

**Rô:** Mesmo não usando a internet, e tem um rio de internet no plano dele.

**Vá:** O plano dele é imenso, ele paga quase cem reais por mês pra ter, e não deixa a gente desligar de jeito nenhum, porque o dele é no débito automático, então, assim, pra não ficar sem o telefone mesmo, porque ele usa muito, porque agora, hoje em dia, não tem como alguém falar que não tem, eu acho, não sei se existe alguém que não tenha celular, mas, que nem aqui, o sítio é grande, se ele tá alino silo e acontece alguma coisa, à noite tá ali, vai lá tratar do lavado, e demora, aí você liga: “Pai, tá tudo bem aí? Já tá vindo embora?” Então ele foi pra Santa Cruz, né? Já tá com sessenta e sete ano e pega estrada, a gente fica preocupado, né?, aí, se passou da hora que era pra ele vir embora, você liga: “Papai, o senhor já tá vindo? Tá tudo certo?...” Aí ele responde: “Não, tô em um lugar com fulano de tal, vou demorar, avisa a mãe que eu vou demorar.” Só que minha mãe não tem celular, só meu pai tem.

**Rô:** E não quer ter também.

**Vá:** É, não quer, mas é um meio de comunicação mesmo.

Tratando especificamente das respostas acerca da maneira de utilização dos aparelhos conectados à internet, as duas falas expostas no trecho a seguir apresentam diferentes situações de uso. Se, por um lado, na **Família A**, a questão geracional aparece como fator importante para a compreensão da maneira de utilização entre pais e filhos jovens, verificamos que, diferentemente, na **Família C**, houve uma apropriação da rede social Tiktok pelo integrante familiar mais velho, a vó de Clara.

#### **Família A**

**Pesquisador:** E Instagram, essas coisas, vocês têm?

**Elisa:** Elas têm, eu não.

**Pesquisador:** E mexem bastante?

**Thay:** Às vezes...

**Pesquisador:** Não mexem tanto?

**Thay:** Mais ou menos...

**Pesquisador:** Você usa pra postar foto, falar sobre sua vida, ou criar algum conteúdo?

**Thay:** Não... Posto minha vida lá.

**Pesquisador:** E WhatsApp? Todo mundo usa?

**Thay:** Sim.

**Pesquisador:** Alguma outra rede, tipo Facebook e TikTok?

**Thay:** Também.

**Elisa:** Só dá isso no telefone das duas (risos).

**Pesquisador:** Usam bastante o Tiktok?

**Thay:** AKaliane usa mais que eu.

**Pesquisador:** E o que tem no Tiktok que vocês gostam lá?

**Thay:** Tem uns negócios lá, nada específico.

**Pesquisador:** Mas vocês criam conteúdo lá?

**Kaliane:** Eu não, eu não gravo, não.

**Pesquisador:** Não gravam dancinha no Tiktok?

**Kaliane:** Não.

#### **Família C**

**Pesquisador:** E quando você ganhou esse celular, Clara?

**Clara:** Eu ganhei...o ano passado.

**Pesquisador:** Mas antes você tinha?

**Clara:** Tinha.

**Pesquisador:** Mas era um pouquinho pior?

**Clara:** Não, na verdade só passou para minha vó.

**Pesquisador:** E sua vó usa?

**Clara:** Minha vó usa.

**Pesquisador:** Mas usa internet?

**Clara:** Usa, às vezes começo a escutar umas músicas, é ela no Tiktok. Ela usa o Tiktok, o **Facebook**, ela é um perigo. Ela fica mais de noite.

Um bom acesso à internet também pode viabilizar o desenvolvimento da formação acadêmica. No caso da **Família E**, uma das famílias de maior condição econômica do grupo, o acesso às TIC proporcionou a possibilidade do ensino à distância, que foi fundamental para efetivar um esforço de reconversão: recém-casada e morando na cidade, Vá se tornou professora cumprindo uma formação que se deu à distância:

**Família E**

**Pesquisador:** Vocês já fizeram algum curso, é, pela internet, por exemplo, pós-graduação, tem colegas nossos que fazem?

**Vá:** Eu fiz faculdade pela internet, tenho faculdade, fiz à distância.

**Pesquisador:** Uhum.

**Vá:** Eu estudava pela internet.

**Pesquisador:** Mas isso lá em São Pedro ainda, né?

**Vá:** São Pedro, é.

Outro exemplo de aprimoramento pessoal possibilitado pelo acesso à internet foi relatado pela **Família A**. Durante o período de isolamento social obrigatório, Thay aproveitou o tempo extra em casa para aprender um pouco mais sobre fotografia. Mesmo podendo aproveitar apenas cursos curtos oferecidos gratuitamente, a jovem gostou tanto da experiência que passou a desejar se tornar fotógrafa como profissão:

**Thay:** Ah, eu quero fazer fotografia.

**Pesquisador:** Você está fazendo a disciplina eletiva com a Sara [professora que oferece disciplina eletiva sobre fotografia no Homero Calvoso]. Porque fotografia?

**Thay:** O que a Sara ensina são coisas que eu já sei, que eu vi no curso que eu fiz pelo celular, são coisas que eu aprendi, coisa de aplicativo, essas coisas.

**Elisa:** É que, de vez em quando, aparece no telefone uns cursos de três dias de alguma coisa, e depois fica querendo que pague pra fazer tudo, né? Mas daí ela viu um dia esse curso de três dias.

**Pesquisador:** E como foi esse curso?

**Thay:** Ah, ele ensinou mais ou menos como que tira a foto, enquadrar a foto.

**Pesquisador:** Aí você fez pelo celular?...

**Thay:** É...vídeo no Youtube, daí ele só libera pra quem tá no grupo.

**Elisa:** É, geralmente é três ou quatro aulas. Três dias que eles dão a aula, aí, se você quiser o coiso inteiro, você tem que pagar, né?

**Pesquisador:** E foi assim, você fez uma parte e o restante teria que pagar?...

**Elisa:** É, daí não pagou, não. Vira e mexe fica aparecendo pra fazer.

**Pesquisador:** Mas você já gostava de fotografia e daí foi atrás de um curso e achou esse?

**Thay:** Aham.

**Pesquisador:** Edaonde vem esse gosto por fotografia, você sabe dizer?

**Thay:** Ah, eu tinha vontade de fazer veterinária, porque minha tia é veterinária, mas, depois que eu fui crescendo mais um pouco, eu fui vendo o que minha tia fazia e daí eu desisti, daí na pandemia eu comecei a me interessar por fotografia.

Foi notado também que sites, aparelho de canais e até serviços de streaming<sup>35</sup> podem ser utilizados como uma maneira nova de acessar mídias já bastante tradicionais. Assim, as TIC mais atuais também prestam ao gosto de entretenimentos bastante populares, como o gosto por notícias, novelas e fofocas, conteúdos já consagrados em programas de televisão e rádio:

#### **Família A**

**Pesquisador:** E como foi durante a pandemia?

**Elisa:** Bom, elas ficaram sem ir pra escola, e a gente só vai pra cidade quando precisa mesmo, né? Mas por aqui continuou do mesmo jeito.

**Pesquisador:** Vocês usam a internet pra quê, Netflix...?

**Thay:** Pra ver vídeo na internet, essas coisas.

**Elisa:** Ver fofoca [risos].

**Pesquisador:** Onde, no site de fofocas?

**Elisa:** É, essa aí fica assistindo novela no celular.

**Pesquisador:** Qual novela?

**Thay:** Da Globo, é pelo site.

**Elisa:** Tem um negócio de filme que elas baixaram também, quando não é novela é filme.

**Pesquisador:** Mas a TV de vocês pega a Globo?

**Elisa:** Pega pela Skygato.

**Pesquisador:** Daí tem a antena?

**Elisa:** Tem, duas antenas, uma aqui e outra ali, só que tem dia que o sinal sai, daí pega pela internet.

**Pesquisador:** Daí tem o aparelhinho aqui que pega vários canais.

**Elisa:** Tem dia que nenhum presta, nada de interessante [risos].

Ou, no caso de Padilha, a internet não parece tão mais interessante do que a televisão, já que o que lhe interessa são apenas as notícias:

#### **Família C**

**Pesquisador:** Aqui tem internet?

**Padilha:** Aqui tem, mas eu não sou de fuçar muito em celular, não, uso mais pra ligar e alguma coisa que interessa, mas ficar fuçando assim eu não sou muito. Eu nunca nem gostei de escola, né?, imagina ficar olhando essas coisas.

**Pesquisador:** E durante a pandemia foi importante ter internet?

**Padilha:** Ah, pra quem mexe, às vezes, né? Pra mim não fez muita diferença, não, às vezes a pessoa fica fuçando essas coisas pra ver como é que tá, né?, o andamento das coisas, mas isso aí a gente vê mais por televisão, né?, vê falar, né?

Sem dúvida, a contribuição da internet que mais está ligada ao interesse comum de quase todas as famílias (excluindo a **Família F**) que compõem o *corpus empírico* da pesquisa é a capacidade de facilitar o consumo de produtos que, antes, só poderiam ser encontrados em lojas físicas em cidades maiores da região, ou apenas na capital.

---

<sup>35</sup>O streaming é o que nos possibilita transmitir e acessar conteúdos pela internet em qualquer dispositivo com conexão e em tempo real, sem a necessidade de download.

Em geral, são comprados, em sites de venda online, roupas, eletrodomésticos e artigos variados de baixo custo (“o que dá na telha”, dirá Elisa). E apesar deste ser o perfil de compra comum à quase totalidade das famílias, vale notar que insumos, serviços e equipamentos que são utilizados na produção ainda são preferencialmente adquiridos através do telefonema a uma loja ou fornecedor já conhecido, quando não por mensagem de WhatsApp (aplicativo de fácil utilização, pois apresenta funções simples como mensagem de texto, mensagem por áudio e ligação telefônica).

#### **Família D**

**Pesquisador:** Hm... e o que que vocês acabam comprando na internet para produção, digo, assim, adubo...?

**PT:** Adubo, defensivo...

**Pesquisador:** Vocês compram pela internet?

**PT:** Não.

**João:** Tipo assim, você liga nas lojas.

**PT:** Não, chega até a comprar também, né? Tem umas loja de longe, às vezes a gente compra e eles mandam pelo correio, né? Tem uns produto biológico mesmo, às vezes vem de fora.

**Pesquisador:** Uhum... Certo... É, mais alguma coisa que vocês usam?

**João:** Bom, acho que não, né?

**PT:** Consultar preço, essas coisas assim que a internet acaba ajudando, né?

**João:** É, tipo, pra mandar mensagem, perguntar o preço de uma loja, de outra, aí... é bem mais eficiente.

**Pesquisador:** Certo.

**João:** Ah, a gente usa também pra fazer compra, de outra coisa, roupa... Mercado Livre eShopee.

**Pesquisador:** E chega certinho aqui?

**João:** É... chega aqui, o Correio vem até aqui.

**Pesquisador:** E a Amazon?

**João:** Amazon... só pra fazê compra.

#### **Família A**

**Pesquisador:** Tá...Estamos na metade...E para comprar coisa, vocês usam internet?

**Elisa:** Hum...no Mercado Livre, Shopee...

**Pesquisador:** Na Shopee... E chega aqui ou lá em São Pedro (cidade)?

**Thay:** Lá em São Pedro.

**Pesquisador:**Na escola?

**Thay:** Não, na casa da minha tia.

**Pesquisador:** E geralmente é o que? Roupa?

**Thay:** Roupa...variado...o que dar na telha da gente comprar, a gente compra (risos).

#### **Família C**

**Pesquisador:** Pra comprar você não usa internet então, né?

**Padilha:** Não, pra comprar mesmo, geralmente, tem muita loja, então sempre os vendedores visita a gente, né?, vem no sítio, né? Então vem um vendedor, como você está vindo aqui hoje e: “Oh, você está precisando de alguma coisa?Um veneno, algum adubo, uma semente...?” Então é mais ou menos desse tipo, né?

**Pesquisador:** Então nunca foi necessário...né?

**Padilha:** Não, assim, no caso, às vezes a gente precisa de um veneno e o vendedor não passou, você até pega e liga pra ele, né?, que nem eu compro lá em Santa Cruz, né?

**Pesquisador:** Mas não pelo Whasapp, né?

**Padilha:** Não, geralmente eu ligo...aí eu já pego e ligo: “Tô precisando de um veneno assim, assim e assim, você vem pra São Pedro hoje?”, “Ah, não, hoje eu já tenho que levar um produto aí...”, “Ah, então aproveita e traz um Roundup, um inseticida, um fungicida pra mim aqui.” Então já aproveita e traz, né? Mas no Zap eu não sou muito de mexer, não.

**Pesquisador:** E o sinal do celular, sempre foi bom aqui?

**Padilha:** Aqui é bom, aqui você pode descer lá na beira do Turvo que pega o celular, a área aqui é boa pro celular, aqui mesmo dentro do sítio não tem nenhum lugar que não... Talvez tenha um lugarzinho que pega e outro que não pega, né? Aqui não, aqui atinge bem, né?

#### **Família A**

**Pesquisador:** Então vocês usam Mercado Livre, Shopee, essas coisas?

**Rô:** Só Mercado Livre.

**Vá:** É, o Rô... Eu não compro.

**Rô:** Vanessa não compra nada.

**Vá:** Eu não compro porque não sei... Eu tenho medo.

Retomando os principais pontos da análise das entrevistas, podemos dizer que, apesar das diferenças no nível de interesse pelas TIC, podemos dizer que existe um aspecto de convergência no que se refere à maneira de utilização, apesar das diferentes condições das famílias.

Obviamente não se trata de defender uma homogeneidade da amostra, isso iria contra o próprio desenho da pesquisa. Fatores de forte diferenciação se mostraram bastante claramente nos dados colhidos, a saber: a diferença geracional, a localização do “sítio”, reconhecimento intrafamiliar do valor de um “saber digital” como capital cultural legítimo, a condição material do “sítio” e a origem da posse do “sítio” como herança ou não.

Mas, dentro das particularidades, um aspecto se mostra convergente e talvez nos permita apontar para algo comum no *habitus* familiar de cada caso estudado. O que realça e mostra-se à compreensão é uma maneira *equilibrada* de utilização das TIC, uma aproximação controlada às diversas possibilidades proporcionadas pelas tecnologias que se tem acesso, um uso que nem sempre mira a novidade e sua instantaneidade, pois às vezes as TIC são utilizadas simplesmente para “tapar um buraco”, solucionar um problema. Reconhece-se seu valor de uso, como ferramenta.

Por vezes, este olhar utilitarista apareceu como um sugestivo “receio” pela novidade, uma falta de pressa, e beirando até um desinteresse. Porém, isso se deve ao fato de que por vezes as “novas TIC” não são vistas como ferramentas úteis, já

que muitos dos problemas do dia a dia já possuem soluções conhecidas, algo que os integrantes mais velhos das famílias expressaram mais recorrentemente.

Tal postura parece se qualificar por uma procura pelo equilíbrio, uma postura de temperança que se mantém distante do culto à tecnologia e do uso obsessivo.

Para ilustrar como a maneira de utilização das TIC está fortemente vinculada à necessidade real do agricultor familiar, inclusive dos mais jovens, citamos algumas observações que justificam a argumentação a favor de um uso qualificado pelas famílias:

I. Nenhuma das famílias associou o uso de TIC ao desenvolvimento de vícios, assim como não houve relato que expressasse a preocupação dos pais com relação ao modo de utilização dos filhos;

II. Pelo contrário, encontramos entre os jovens relatos de uma experiência de uso bastante qualificada, em que o acesso à internet pelo celular geralmente é utilizado com o objetivo de autoaperfeiçoamento (baixar atividades, livros em PDF, curso de fotografia, formação acadêmica);

III. Além disso, a maioria dos integrantes das famílias responderam negativamente a respeito do tempo que passam “alimentando” suas redes sociais, ou seja, produzindo algum conteúdo que gere interação e que acabe por exigir um nível de comprometimento maior com as redes sociais. O único relato de um uso mais ativo que inclui produção de conteúdo em redes sociais foi o de Tha, da **Família B**, mas mesmo neste caso notamos que sua maneira de utilização é bastante qualificada, pois suas postagens em aplicativos como o TikTok são geralmente textos poéticos publicados sob um pseudônimo.

Com a intenção de aprofundar na compreensão do *habitus* das famílias que participaram da pesquisa, no próximo capítulo pretendeu-se mostrar o *lugar* das TIC em aspectos importantes do modo de vida do agricultor familiar: relação com a clientela urbana, estratégias para lidar com a modernização, relação com políticas públicas, dilema da sucessão geracional.

## 9 O LUGAR DAS TIC EM SITUAÇÕES COTIDIANAS

### 9.1 COMUNICAÇÃO COM A CLIENTELA

Quando as perguntas giraram em torno da presença de tecnologia nas relações de venda, as famílias majoritariamente responderam que fazem uso do WhatsApp, sendo o único caso excludente a **Família F**. Considerando essa quase totalidade, abordaremos as diferentes clientelas e o lugar das TIC na comunicação das famílias com os compradores de seus produtos.

Assim, na **Família D**, a internet e, especificamente, o aplicativo WhatsApp auxiliam no contato com as diferentes empresas que trabalham no CEASA. Interessados pelos produtos agrícolas, as empresas enviam seus “freteiros” ao “sítio” para carregar o caminhão com os tomates, que no mesmo dia serão vendidos em cidades de outras regiões do Estado:

#### **Família D**

**Pesquisador:** Vocês já usaram a tecnologia, tipo internet, pra vender o que vocês produzem aqui?

**PT:** Ah, a gente usa pra se comunicar, né? Ver preço, essas coisas.

**Pesquisador:** Vocês vendem pra pessoas ou vocês vendem pra?...

**PT:** Não, tem um caminhão que manda entregar pro CEASA, a maioria vai pro CEASA.

**Pesquisador:** Aí passa aqui?...

**PT:** É, tem o freteiro, né?, que pega e transporta.

**Pesquisador:** A internet vocês usam pra vender?

**João:** É, pra comunicação, pra ver preço, lá tem os diferentes tipos de empresas que você pode vender, aí.

**PT:** No CEASA tem várias empresas, né?, então...

Além da clientela atendida nas feiras dos finais de semana em Santa Cruz do Rio Pardo e Ourinhos, a **Família E** utiliza o WhatsApp como principal meio de comunicação com os comércios compradores de São Pedro do Turvo, aproveitando as novas oportunidades de escoamento da produção familiar criadas pela acessibilidade proporcionada pelo aplicativo:

#### **Família E**

**Pesquisador:** E como vocês usam a internet do celular?

**Vá:** A gente usa o celular pra vender.

**Pesquisador:** Pra vender?

**Vá:** Pra vender.

**Rô:** A tecnologia é pra vender, WhatsApp.

**Pesquisador:** E o WhatsApp ajuda bem?

**Vá:** É, virou o meio de comunicação nosso.

**Pesquisador:** Acaba sendo de graça, né?

**Rô:** É 100%.

**Vá:** A gente... triplicou, nossa, nem sei quantas vezes mais a gente vende.

**Rô:** 100%, só não vende mais porque a gente faz as feiras, duas feiras, no sábado e domingo eu faço feira em Santa Cruz e Ourinhos, né?, e em São

Pedro tem dois pontos de feira, né?, é o ponto de verdura que eu tenho, no sábado de manhã e no domingo de manhã, então não usa internet pra isso, mas durante a semana eu entrego no comércio de São Pedro inteirinho, todas as lanchonetes, todos os mercados... todos os sacolões que tem em São Pedro eu entrego a minha verdura, e entrego tudo aqui em São Pedro, não saio de São Pedro.

**Vá:** É, a gente só fornece em São Pedro.

**Rô:** E é tudo pelo WhatsApp, tudo.

**Pesquisador:** E durante a pandemia deu alguma diferença.

**Vá:** Foi até melhor.

No caso relatado pela **Família B**, fica ainda mais evidente que o WhatsApp permite que o cliente da cidade possa reservar os produtos (queijo e ovo caipira) cultivados pelo pequeno agricultor da área rural. Mesmo que as idas de Elisa e Tha à cidade ocorram todos os dias da semana (a mãe para trabalhar e a filha para estudar), a oferta dos produtos deve ser previamente consultada pelo cliente, já que a produção familiar é bastante reduzida. Assim, o WhatsApp cumpre uma função bastante relevante de permitir janelas para diálogos de longa duração, fixadas em abas do aplicativo, facilitando o agendamento que pode ocorrer durante toda a semana:

#### **Família B**

**Pesquisador:** Ah, então você não vai tanto pra cidade?

**Tha:** Eu até vou mais, e minha mãe vai mais pra trabalhar, só que meio período. Ela vai de manhã com o ônibus da escola e volta à tarde junto comigo, e meu vô vai de vez em quando, minha vó quase nunca, só quando é muito necessário, porque ela não gosta da cidade.

**Joaquim:** O que mais vai é eu, eu vou receber a aposentadoria da muié, vou receber a minha aposentadoria, quando tem que comprar ração, aí eu vou, porque sempre compro ração pro gadinho, né?...

**Pesquisador:** E pra vender as coisas daqui, a internet ajuda?

**Tha:** Ajuda, porque às vezes a pessoa manda uma mensagem pra minha mãe assim: “Ah, tá tendo ovo aí? Se tiver, separa uma dúzia pra mim, duas dúzias.” Às vezes pra pagar no pix, hoje muita gente usa o pix, aí os queijos também, lá pro pessoal lá de São Pedro... Às vezes minha mãe também manda: “Ó, tem tantos queijos.”, aí já deixa meio que encomendado.

**Pesquisador:** E isso é pelo WhatsApp então, né?

**Tha:** É, no Whats.

## 9.2 ESTRATÉGIAS PARA LIDAR COM MOMENTOS CRÍTICOS

Imersa nos desafios de lidar com as políticas recém implementadas pela SEDUC, durante os anos letivos de 2020 e 2021, Tha descreve umas das situações em que o seu plano de internet não sustentou o acesso ao site de aplicação da importantíssima Prova Paulista<sup>36</sup>, exigindo dela buscar suporte na escola, localizada na área urbana do município:

#### **Família B**

---

<sup>36</sup> Avaliação da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (Seduc-SP) que oferece mais uma chance aos alunos da rede pública de ingressarem nas instituições estaduais paulistas de ensino superior.

**Pesquisador:** E quando você faz atividades para a escola, é através dos dados móveis?

**Tha:** Quando funciona, quem, pra fazer aquela bendita Prova Paulista, me deu uma dor de cabeça, porque eu fui tentar fazer em casa e depois não abria, porque a internet não suportava, a internet do celular não suportava, e por fim eu consegui fazer lá na escola.

**Pesquisador:** É... E lá você tem computador, na sua casa?

**Tha:** Tem, mas ele não funciona, eu usava ele mais pra, tipo, eu ia na casa do meu pai, salvava um filme no pen drive e passava para o computador, só pra isso mesmo.

Ainda tomando os exemplos relatados pela **Família B**, soubemos de situações em que decisões ainda mais urgentes foram tomadas em circunstâncias de perigo eminente, e nestes casos as TIC acabaram tendo papel fundamental para comunicar socorro e impedir uma perturbação ainda maior. Na primeira situação, Benedita de Moraes, vó de Tha, foi socorrida pela família que fez uso do aplicativo WhatsApp:

**Pesquisador:** E ter internet no celular já ajudou em alguma situação em que você precisou com urgência? Você lembra?

**Tha:** Ah, quando a cobra picou a perna da minha vó, porque ela já foi picada por cascavel.

**Pesquisador:** A senhora já foi picada por cascavel? Aqui?

**Benedita:** Uhum.

**Tha:** É, ali pra baixo, nos...

**Benedita:** Cascavel é perigoso, né?!

**Tha:** Aí, ó, tem a cicatriz.

**Tha:** E ela foi picada e matou a cobra primeiro, foi jogar em um buraco de tatu, pro cachorro não comer, pra depois ir pedir ajuda.

**Benedita:** Ah, ela já tinha mordido, né?

**Joaquim:** Chegou aqui, já ligou para o vizinho, pegou o carro e ó...

**Tha:** É, aí a gente conseguiu falar com o vizinho.

**Benedita:** Ficou 5 dias internada, né?

**Tha:** Às vezes, quando a Aurora tá meio doente e eu preciso ligar no posto...

**Benedita:** [Mostrando a cicatriz no tornozelo.] Já faz dois anos isso aqui... Peguei infecção lá no hospital.

**Pesquisador:** pegou infecção no hospital?

**Tha:** É, ela pegou infecção hospitalar...

**Pesquisador:** E a internet ajudou em que? Em avisar?

**Tha:** É, pra conseguir...porque daí ligou para meu tio, que é tio de consideração, nosso vizinho, só que, enquanto estava indo de carro pra lá, minha mãe mandou mensagem lá no posto de saúde, e a ambulância já veio de encontro pra ir direto para Ourinhos.

**Pesquisador:** Tudo pelo WhatsApp?

**Tha:** É.

Em outra situação crítica, foi Joaquim de Moraes que foi socorrido pelos parentes, mais uma vez recorreu-se ao aplicativo WhatsApp para chamar rapidamente o socorro:

**Joaquim:** Aí ó, eu estava cortando pau esses tempos atrás, ó, meti o machado na canela.

**Tha:** Cortando lenha. Porque a gente tem fogão a lenha também.

**Pesquisador:** Mas aí o que aconteceu?

**Tha:** Aí foi outra situação que a internet... Porque foi por Whatsapp que minha mãe avisou lá no posto, aí eles mandaram a ambulância.

**Pesquisador:** Entendi.

**Joaquim:** Só que eu não fiquei com dó da perna, fiquei com dó da minha bota de ir pescar por causa de cascavel, corta a bota e não sarou, a perna sarou, porcaria.

**Pesquisador:** Cortou a bota...

**Joaquim:** Cortou a bota, cortou a carça, cortou tudo.

Em algumas ocasiões, o auxílio dependeu drasticamente do familiar que melhor sabia utilizar a tecnologia em mãos. As duas situações a seguir nos foram contadas pela **Família A** e se somam aos exemplos que mostram a diferença geracional bastante marcante na maior naturalidade que os jovens demonstram no manejo das TIC.

Nas duas situações, os pais de Thay recorreram a ela por acreditarem ser a única capaz de solucionar um problema tecnológico que estava além da capacidade de resolução de ambos:

**Elisa:** Tem vezes que tem que fazer alguma coisa, eu falo: “Thay, vem aqui, como é que faz isso aqui?” (risos).

**Pesquisador:** E normalmente você precisa bastante dela pra fazer as coisas?

**Elisa:** Não. Às vezes, pra apagar, ou pra pesquisar...tem vez que o pai dela precisa, tipo, quando foi pra ele fazer a entrevista pra entrar lá [na empresa Special Dog], estava na pandemia, aí foi tudo pelo celular, né?, aí foi ela que arrumou pra ele no dia da entrevista, todas as coisas mesmo, porque teve que fazer tudo pelo telefone...

**Pesquisador:** Ah, porque foi durante a pandemia, então precisou, né? Foi pelo Meet ou no Zoom?

**Thay:** Não lembro.

**Elisa:** Teve que baixar um negócio.

**Thay:** Aí baixei no celular.

**Elisa:** Mandaram os lugares que era pra entrar lá, e foi ela que conseguiu. Até no dia da entrevista mesmo, a gente nem estava aqui, né?, aí nós tinha ido em Santa Cruz, e ele ligando pra ela pra saber como entrar no negócio.Ele falou: “Vai dar a hora da entrevista, e eu não consigo mexer com isso aqui.” Mas aí deu certo.

**Pesquisador:** Olha só. E teve alguma outra situação assim em que a Thay teve que ajudar vocês?

**Elisa:** A vó dela pede direto, né? Quando não é aquela ali [Kaylani] é essa aqui que minha mãe diz: “Tem uma das meninas à toa aí, manda vir aqui, que esse telefone aqui já enguiçou.” (Risos).

### 9.3 O ACESSO A POLÍTICAS PÚBLICAS COM AUXÍLIO DE TIC

Quando perguntados a respeito das políticas públicas de que fazem uso ou já fizeram, apenas a **Família C** declarou nunca ter sido beneficiário de alguma política para o agricultor familiar. Já no caso particular das outras famílias, as seguintes políticas públicas foram citadas:

- Devido à maior extensão de terra que soma a parte do casal Mendonça e de sua filha Elisa, a **Família A** pôde fazer uso do Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp);
- A **Família D** comercializou sua produção em São Pedro do Turvo através do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA);
- A **Família E** conseguiu financiar a construção da estufa hidropônica pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf);
- Já a **Família F** tem uma relação com políticas que remonta à própria origem da Gleba, quando fez parte da associação de pequenos agricultores que adquiriu a terra por meio de verba disponibilizada pelo Banco da Terra. No momento mais presente, a Declaração de Aptidão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (DAP) possibilitou a nova configuração das famílias como agricultores familiares.

Dentro do nosso interesse particular de pesquisa, a **Família B** relatou duas situações em que as TIC permitiram a mediação entre a necessidade familiar e a obtenção do serviço público.

Interessante notar que a primeira situação se trata de um novo tipo de atendimento médico promovido pela prefeitura que utiliza do Skype para conectar o paciente com médicos que, às vezes, estão localizados em outros municípios:

**Elisa:** Em São Pedro uma coisa que tem que usar a internet e que é muito bom é o atendimento virtual de médico, a partir das 10 horas da noite.  
**Tha:** Eu já fui atendida várias vezes.  
**Pesquisador:** Atendimento virtual?  
**Tha:** É, telemedicina.  
**Elisa:** É, daí fica uma enfermeira lá e o médico na casa dele, daí o paciente chega, eles fazem uma ligação...  
**Tha:** Pelo Skype?...  
**Elisa:** Pelo Skype, e o médico avalia...  
**Tha:** É, ele vê o raio X...  
**Joaquim:** E mais o tar do véio, se não for na beira do rio, não fica bem, viu?  
**Pesquisador:** Mas vocês usam isso, já usaram?  
**Tha:** Eu já fui atendida 2 vezes.  
**Elisa:** O dia que meu pai passou mal também.  
**Joaquim:** Fiquei lá um dia e meio na UPA, eu caí da cama.  
**Elisa:** Chegamos lá, e daí o médico deu só um acompanhamento para a UPA, passou pelo WhatsApp lá, no caso, né?, porque a receita e tudo mais foi uma médica de Marília que mandou imprimir em São Pedro. É bem interessante.  
**Joaquim:** Tanto que ela fez tanto exame que eu fiquei até besta, fiquei lá uma noite e um dia.  
**Elisa:** É porque tinha quebrado, né?, pai.  
**Joaquim:** Porque cê sabe que exame véio tem que fazer, eu era para fazer exame duas vezes por ano por causa do coração, às vezes eu faço, às vezes não.

**Pesquisador:** Porque você infartou uma vez, né?

**Tha:** Sim, isso já faz mais de 15 anos, porque eu vou fazer 17 e eu não era nascida quando o senhor infartou.

**Joaquim:** Não era?...Era, sim.

Por fim, a família também faz referência à política de distribuição do chip promovida pela SEUDC-SP durante a pandemia. O leitor lembrará que, na introdução da dissertação, abordamos brevemente qual seria o objetivo dessa política. Aqui temos um relato de seu funcionamento na realidade de uma família de renda reduzida, dona de uma propriedade rural que não contém a estrutura necessária para uma melhor adequação às exigências do ensino remoto, mas que, em aparente contradição, é também uma das famílias que fazem o uso mais qualificado das TIC, inclusive se diferenciando por apresentar maior criticidade sobre os conteúdos que “hypam<sup>37</sup>” na internet – como já foi argumentado anteriormente.

**Pesquisador:** Certo. E você recebeu aquele chip da Claro da Escola?

**Tha:** Recebi, não serviu pra muita coisa, porque não funcionava lá muito bem, a internet funcionava quando queria, mas me ajudou um pouco.

**RN:** Ajudou porque daí ele consta que eu...daí, de vez em quando, vem 100 reais no bolsa, naquele auxílio jovem ou auxílio estudante do Estado de São Paulo, porque, pra quem tem aquele chip e de vez em quando entra no aplicativo, a cada dois meses o Estado dá 100 reais de ajuda, mas...

**Tha:** É, naquele aplicativo da SED [Secretaria Escolar Digital]. O chip em si não ajudou muito, não.

Para fins de concluir esse capítulo, voltamo-nos novamente à questão geracional, mas agora retomando as respostas sobre perguntas que versaram sobre perspectiva de formação e perspectiva profissional.

#### 9.4 PERSPECTIVAS GERACIONAIS: EDUCAÇÃO E PROFISSÃO

Como já foi dito, a **Família B** apresenta a particularidade de ter sido uma das duas famílias que relataram não terem se adequadamente às exigências do ensino remoto durante a pandemia, mas, ao mesmo tempo, relatou um interesse genuíno e um uso qualificado dos recursos tecnológicos. Observamos, também, que, apesar do núcleo familiar mais jovem estar numa posição de “agregado” e, logo, de futuro herdeiro, a pouca estrutura tecnológica presente no “sítio” e a sua localização distante do perímetro urbano fazem com que os mais jovens vivenciem dificuldades reais de acesso à rede telefônica. Portanto, a condição do “sítio” faz dele um capital de pouco valor no que diz respeito à “conectividade”.

---

<sup>37</sup>Hypar é uma gíria popularmente utilizada na internet, principalmente nas redes sociais, como forma de expressar entusiasmo, animação ou empolgação com algo. É uma palavra derivada do inglês “hype”, que significa “excitação” ou “expectativa”.

Tendo isso em vista, entender o interesse demonstrado por Tha pelo mundo digital passa necessariamente pela compreensão do papel que sua mãe cumpre como promotora deste tipo de capital cultural (ou “capital digital”).

A passagem a seguir traz as respostas de mãe e filha a respeito de perguntas que giraram em torno do interesse pela formação tecnológica. Fica claro que mãe e filha não se encontram em lados opostos a respeito de tal assunto, pelo contrário, **RN** passou por uma formação técnica na área, enquanto Tha deslumbra a possibilidade de uma formação universitária em Engenharia de Software:

**Pesquisador:** E alguém aqui fez algum curso para mexer com tecnologia?  
**Elisa:** É, eu fiz administração, né? Ai tinha informática inclusa no curso.  
**Pesquisador:** Você é graduada ou curso técnico?  
**Elisa:** Curso técnico em administração, eu fiz no Cebrac.  
**Pesquisador:** E lá tinha disciplina a respeito de?...  
**Elisa:** Tinha de humanas, um negócio lá que tinha um monte de matemática, que era com o Tarcísio, e o Willian que era computação.  
**Pesquisador:** Aquele no prédio novo em Ourinhos?  
**Elisa:** Cebrac é lá perto do Bradesco, perto do estacionamento do Bradesco, fiz 3 anos de curso lá.  
**Pesquisador:** E você tem algum curso relacionado à tecnologia.  
**Tha:** Pretendo fazer, mas ainda não fiz.  
**Pesquisador:** Mas você se interessa?  
**Tha:** Eu gosto bastante.  
**Pesquisador:** Você apresentou um trabalho na escola a respeito da engenharia da programação...  
**Tha:** É, mais ou menos isso, é engenharia de hardware.  
**Elisa:** É, ela edita vídeos super bem já.  
**Tha:** É, eu entendo meio que por conta, às vezes eu quero aprender alguma coisa, eu pesquiso e dou um jeito de aprender.  
**Pesquisador:** Certo.  
**Tha:** É, eu tenho vontade de...não sei se engenharia de Hardware de modo geral, mas pelo menos um tipo básico eu tenho vontade de fazer.  
**Pesquisador:** E a mãe incentiva?  
**Elisa:** Sim, eu digo, tudo que ela quiser fazer... Como que diz?Ela é inteligente em todas as áreas, então ela tem que fazer o que ela gosta mais, né?  
**Tha:** Eu acho que, assim, se eu for pra área de tecnologia, tem chances de eu ir pra área de tecnologias, seria mais considerando os empregos que estão surgindo e que vão acabar dando mais dinheiro no futuro do que algo que é um sonho de criança, quem aquelas pessoas que falam que quer ser médico desde criança, não é, mas é uma coisa que vai me trazer gratificação financeira.

A outra família que relatou não ter tido sucesso em acompanhar o ensino remoto durante o período de isolamento social foi a **Família F**. A respeito do tema geracional, duas passagens da fala de Valdemar são bastante reveladoras ao abordar o dilema dos mais jovens da Gleba que, ao contrário dos familiares mais antigos, que viam na obtenção do “sítio” um meio seguro para alcançar a autonomia financeira, buscam na cidade oportunidades financeiras que acreditam não ser mais possíveis no “sítio” da família:

**Pesquisador:** A ideia daqui era pra ser uma comunidade então?

**Valdemar:** É, pra você ver, então a gente continua trabalhando, só que vai ficando velho, né? Porque os filhos vão saindo, vão indo embora, porque a gente não tem, sozinho, aí você não tem aquela ajuda do outro, sozinho fica mais difícil, então vai ficando mais difícil. Se fosse daquele modo [em associação], às vezes até podia ser.

**Pesquisador:** E é difícil os filhos ficarem?

**Valdemar:** Ah, é difícil porque eles não... Pra gente ganhar o suficiente, eles acham que o salário eles ganham na cidade, lá eles ganham mais. Aqui, pra tirar o salário, não tira, não consegue tirar, né? Porque começou mal, começou errado, então aí você não consegue pagar a parcela e comer. É difícil.

A não permanência dos mais jovens encontra justificativa semelhante no relato de Padilha, da **Família C**.

A penosidade do trabalho no “sítio” é igualmente vista como fator que afasta os filhos da propriedade, que permanece sendo duramente cultivada pelos mais velhos. As palavras de Padilha ao tecer opinião sobre a trajetória escolhida pelo seu filho são bastante interessantes, diz ele que: falta no filho algo como um “dom” para trabalhar na roça, nele é ausente aquela vontade que arde como “febre” igual à que o pai sentia na infância, isso faz com que o filho seja daqueles que não quer um trabalho que não tem hora para começar e nem hora para terminar, em que tudo depende do tempo do abrochar do plantio:

**Padilha:** Quinem, eu tenho um filho, só um, é casado já, tem 32 anos, mas ele não gosta de roça, ele não tem dom pra essas coisas. Ele estudou, trabalha lá em Santa Cruz, em um escritório.

**Pesquisador:** Ele estudou o quê?

**Padilha:** Fez Ciências Contábeis, né? Contador, ele trabalha lá no Marciel, em Santa Cruz, conhece lá, né?

**Pesquisador:** Acho que sei onde é, sim. Ele não gosta de roça?

**Padilha:** Não, ele não, às vezes eu preciso dele e ele até que ajuda, mas dizer que tem aquela... quinem eu quando era moleque e via um trator trabalhando, eu ficava o dia inteiro em volta pra ver se o cara deixava eu dar uma dirigidinha. Agora ele não tem aquela febre de...né?, às vezes na safra, às vezes no fim de semana, às vezes que eu vou plantar e o caminhão tem que estar puxando, às vezes ele vai lá com o caminhão e puxa pra mim, mas não é aquela coisa que fala “nossa, eu quero fazer isso”, não.

**Pesquisador:** Você acha que ele não volta, então?

**Padilha:** Ah, ele até tem hora que ele fala: “Tenho vontade de arrumar umas terras, pai, e arrendar e plantar, pra ficar igual ao senhor, mais tranquilo.” Mas eu falei: “É, mas isso aqui é diferente, não é igual lá, não.” Porque o cara que trabalha de empregado entra às 7h e sai às 17h e cabô, fim de semana tranquilo, agora a roça tem vezes que você fica à toa, não faz nada de dia e de noite, e tem vezes que você tem que trabalhar de dia e de noite, porque tudo tem a hora, né? Chega na hora de você fazer uma planta, não importa que seja sábado ou domingo. “Ah, hoje é domingo, não vou plantar.” Não, se a terra tá molhada e tá no ponto, tem que plantar. Na época de plantio, tem que fazer, né?, por isso que eu falo, a pessoa tem que gostar, né? Essas coisas tem que gostar pra fazer, pra dar certo, mas eu gosto, eu não ligo, se precisar pegar um trator e plantar, gradear, o que tiver que fazer, a noite inteira, pra mim é...não faz diferença, né?... Agora

tem gente que prefere diferente, gosta de horário... Mas o serviço da roça não tem hora, o serviço da roça é quem eu falo, às vezes você fica, tem época que as plantas estão formando e o negócio tá tranquilo, mas chega em uma hora de colheita, essas coisas não tem domingo, não tem sábado, colheita mesmo, quando tá na soja, tem gente que toca até meia-noite, 1 hora, 2 horas da manhã, depende do tempo como que tá, né? Se tá um vento que não cai orvalho, que dá pra colher, né?, tem que aproveitar, tem que tirar da roça, não pode deixar, né? Então principalmente soja, o milho ainda espera, se você não colhe hoje, você colhe semana que vem, agora a soja você começa a perder, né? Soja é uma coisa que, começa a chover, começa a querer nascer no pé, então tem que aproveitar, né?, trabalhar. Agora tem gente que não gosta de trabalhar nesse sistema, né? Quer mais um horário. "Ah, hoje é feriado, hoje eu não vou." A roça não tem essas coisas, não, roça deu a hora tem que fazer, não tem, então você tem que trabalhar, né?, porque muitas vezes, quando tem muito serviço, às vezes o cara já fala pra você: "Hoje eu vou trabalhar dia e noite, sem parar." Ele trabalha, ué, às vezes está preparando uma terra, uma coisa né... Às vezes: "Opa, eu tenho que trabalhar isso aqui porque tá com previsão de chuva." Aí chove e não dá mais pra fazer ou plantar, que seja, então você tem que aproveitar o tempo, né?, não pode ficar bombeando.

A sobrinha de Padilha, Clara, essa, sim, residente do "sítio", conta que, apesar de estar tão próxima das atividades diárias executadas por seu tio-avô, mesmo assim não costuma participar das principais atividades do "sítio", preferindo permanecer em casa.

Logo, Clara representa um membro familiar incapaz de reproduzir as atividades produtivas mais fundamentais empregadas na propriedade, cabendo a ela apenas a responsabilidade de trabalhos simples que parecem ocorrer esporadicamente e que pouco têm impacto na geração da renda da propriedade:

**Pesquisador:** E aqui na roça você sabe fazer alguma coisa?

**Clara:** Olha, sor, eu vou ser sincera, quando eu era pequena eu ia até colher com o tio, agora cresci. Eu tô saindo aqui fora porque você está aqui, porque eu fico dentro de casa, eu não saio de casa tanto.

**Padilha:** Tratar um porco de vez em quando, digamos, aí, né? (risos)

**Clara:** É, tratar um porco ali embaixo ou tratar a horta aqui, mas não sei fazer muita coisa, não.

Por outro lado, duas das famílias apresentam casos em que os mais jovens desejam permanecer no "sítio". Isso se dá pela projeção de uma formação profissional que está alinhada aos interesses do pequeno agricultor.

Uma formação em Agronomia ou Agropecuária, por exemplo, seja no nível universitário ou técnico, desperta maior interesse de João, da **Família D**, do que uma formação ligada às novas tecnologias.

**Pesquisador:** Alguém da família tem interesse em fazer uma formação nessa área da tecnologia?

**João:** Acho que não.

**Pesquisador:** O que você pensa em fazer, João, quando sair da escola?

**João:** Ah, tô pensando ainda.

**Pesquisador:** Pensa em fazer faculdade, alguma coisa, ou?...

**João:** Sim.

**PT:** Faculdade ou concurso técnico.  
**Pesquisador:** E você tem alguma área já, que você se interessa?  
**João:** Ah, na área de agronomia, agropecuária.  
**Pesquisador:** Na área de tecnologia?..  
**João:** Não.

Distante de um interesse perspicaz – algo que poderíamos afirmar a respeito de Tha da **Família B** –, João parece reproduzir um comodismo em relação ao uso de TIC, uma postura que se enquadra no que conjecturamos ser o *habitus* das famílias, naquilo que seu pai, PT, bem ilustra com a frase “o básico já é o suficiente”:

**Pesquisador:** Você teria algum ponto... a mãe, né?, os pais agora, vocês veriam algum ponto negativo em relação ao modo que o João usa a internet, usa demais?..  
**PT:** Hehe, não... normal, né?  
**Pesquisador:** Tá dentro da normalidade de hoje em dia?  
**PT:** É, hoje em dia acho que tá dentro do..  
**Pesquisador:** Vocês acham que é necessário usar, é, ter um conhecimento profundo de internet hoje, ou o básico já é o suficiente, o que cêis acham, você acha que é necessário se atualizar em relação a uso de tecnologia, ou?..  
**PT:** Ah, sempre é bom ter mais tecnologia, mas acho que cê ter o básico já tá bom, né?  
**Pesquisador:** Não precisa saber muito pra fazer o que vocês fazem, então?  
**PT:** É, saber o necessário já tá bom, que é ter como pra mandar mensagem, acho que já é o suficiente pra nossa função.

A **Família E** representa outro exemplo do desejo de permanência pelo integrante mais novo, no caso, o ainda estudante do ensino básico, Cadu. Semelhante a João, Cadu projeta seu futuro profissional em uma função que o permita permanecer vivendo perto de sua família e, explicitamente, no “sítio”. Com a experiência de terem morado na cidade, seus pais não deixam de reconhecer que o filho se sente encaixado em uma vida rural e que vem vivendo uma pré-adolescência típica de quem cresce no “sítio” – em que o celular não inibe as brincadeiras com os primos no terreiro:

**Rô:** Cadu é criança...  
**Vá:** A madrinha Paula, né?, que é minha irmã, não gosta que as crianças fiquem no celular, então ele nem pega.  
**Rô:** Brinca no terreiro, que eles falam, gente no sítio vamos pro terreiro.  
**Vá:** Vamos no terreiro brincar, que é brincar no quintal, aí, né?  
**Rô:** Joga vôlei, brinca assim, as meninas sentam debaixo da sombra, ali, pega minhas caixas de verdura, vai fazer comidinha.  
**Vá:** É, eles têm uma vida bem de sítio assim ainda, gostoso... Ano passado tava gostoso, tinha um monte de criança brincando.  
**Pesquisador:** E vocês acham que ainda vão continuar por aqui, pelo que ele fala.  
**Vá:** Eu... eu acho que vai.  
**Rô:** Pelo que fala, eu acho que vai, acho que ele não vai embora, não, ele é muito grudado com a Vá, muito, muito, muito... A Maria Helena comigo, mas o Cadu é com a mãe dele.

**Vá:** Ele fala que vai fazer uma casinha aqui... Eu falei: “Pertinho de mim não, pode ir pra mais longe. Tem tanto espaço nesse sítio, vai grudar em mim porquê?” (Risos).

**Rô:** Eu acho que ele não vai embora mais. Não sabe, né? Tem 15 anos, vai fazer 15 agora.

Logo abaixo, o trecho traz o ponto de vista de Vá e Rô a respeito da vontade demonstrada por Cadu pela formação na área de veterinária:

**Rô:** É, eu falo pra ele, ele fala assim: “Vou fazer uma veterinária.” Porque acho que ele ajuda o vô dele e é com o gado, então ele começou a pegar gosto, gosta de tratar, aí ele vai lá, vai dirigindo, já pega o trator sozinho, vai lá tocar no cocho pra tratar, então acabou gostando, né? Ele pôs na cabeça que é veterinária, né?, Vanessa, então eu falei pra ele: “Na FIO faz a veterinária... Monta um pet shop em Santa Cruz, Ourinhos.” Falei, mas vai pra Santa Cruz que é melhor, monta um pet shop pra dar banho em cachorro... Mexe com criação grande não.

**Vá:** Ele quer que seja alguma coisa daqui da área de onde ele gosta.

**Rô:** Eu falo pra mexer com o gado não. Falei pra ele: “Então você faz, abre um pet shop, que hoje dar banho em cachorro e gato dá dinheiro, né? É bom, e fazer uma cirurgiuzinha num gato ou num cachorro é negócio de porte pequeno, abre um negocinho lá em Santa Cruz, então... aí você pode mexer com sítio também.” Mas ele não quer ir embora daqui, ele não fala assim, tipo: “Vou fazer uma veterinária e vou pro Belém do Pará, pra mexer com fazenda.” Não, ele não quer.

Antes de nos encaminharmos para o capítulo de conclusão, vale lembrar da finalidade da Parte III nessa dissertação. Todas as situações apresentadas nessa parte prestaram ao objetivo de ilustrar, com relatos, aquilo que diz respeito à maneira de utilização das TIC, com vistas a contribuir para uma interpretação do *habitus* das famílias estudadas.

Cada subcapítulo que compõe os dois capítulos da Parte III, portanto, pode ser entendido como uma variável, um recorte em que as diferentes vivências se juntam para formar um prisma capaz de ampliar a compreensão através da apresentação sistemática dos dados qualitativos alcançados por meio de entrevistas semiestruturadas.

## CONCLUSÃO

Na primeira semana do mês de fevereiro de 2024, em período de planejamento escolar, retorno como professor contratado de Sociologia na E. E. Professor Homero Calvoso. O reencontro da equipe ficou marcado pela surpresa causada pela recepção preparada pelo grêmio da escola. Placas com frases afetivas desejavam boa sorte aos professores, um tapete vermelho estendido na porta de entrada mostrava o caminho que conduzia a dois alunos que esperavam no fim do trajeto com um mimo nas mãos, um presente singelo que, ao recebê-lo, cada professor era fotografado em um registro que seria posteriormente “postado” pelos próprios estudantes nas páginas oficiais da escola, no Facebook e no Instagram.

O registro fotográfico deste especial reencontro ficou sob responsabilidade da estudante Thay (A). No dia, Demonstrou grande desenvoltura, se manteve atenta aos momentos que lhe poderiam render boas imagens, não deixou escapar o registro de nenhum dos professores que, chegando à escola, se demonstravam surpresos com os adornos preparados pelo grêmio.

Em momento mais calmo, me aproximei de um grupo de professores que conversavam com a estudante fotógrafa e, me juntando a eles, escutei a explicação de Thay sobre a caixinha preta que trazia na mão, sua nova aquisição, ela explicou, para sanar nossa curiosidade: um conjunto de lentes de zoom que são próprias para serem acopladas ao aparelho celular, dando à pequena câmera do aparelho novas possibilidades de captura de imagem.

Naquele mesmo dia, a reunião de planejamento escolar que marcou o início do ano letivo também trouxe novidades, especialmente para os professores que prefeririam adiar as atualizações do processo de digitalização da educação pública. Em sincronia no argumento, coordenadores e representantes da Diretoria de Ensino de Ourinhos (DERO) reforçavam a obrigatoriedade da implementação das plataformas oficiais na prática pedagógica do professor, entretanto, sem que entrassem com mais profundidade na consideração das dificuldades práticas do dia a dia escolar.

As interrupções dos professores repetiam comentários sobre as defasagens que compõem o quadro preocupante da realidade atual de enfrentamento daquela instituição, repetia-se que: havia um baixo conhecimento dos professores sobre a utilização de ferramentas básicas de softwares e aplicativos, exigindo uma

formação prévia de boa parte do contingente dos professores, a precariedade do sinal de Wi-Fi da escola, a lentidão dos equipamentos disponibilizados pelo governo à unidade escolar, a baixa proporção de estudantes e profissionais que, naquele momento, deveriam dominar noções mínimas para que a escola pudesse apresentar um resultado satisfatório no uso das plataformas oficiais da SEDUC-SP.

Mas o distanciamento da realidade escolar dos representantes da DERO e o voluntarismo da equipe gestora fez com que a reunião voltasse naturalmente para o núcleo da proposta oficial: o objetivo do planejamento era orientar os professores sobre a utilização das plataformas oficiais.

Assim, disseram-nos que o portal BI Educação agora passava a centralizar todos os resultados obtidos nas plataformas digitais que atualmente avaliam o desempenho do estudante. Com um painel minimalista, o portal BI serviria como porta de acesso para as informações sobre o Prepara - SP, Aluno Presente, Prova Paulista, Redação Paulista, Khan Academy e Alura, todas plataformas de avaliação totalmente digitalizadas e acessíveis pelo Centro de Mídias São Paulo (CMSP).

Apesar de nosso foco ter sido a área da Sociologia Rural, acreditamos que o objetivo geral proposto na pesquisa acabou por permitir abordar indiretamente essas problemáticas geradas pela digitalização do trabalho professoral e do espaço escolar, que foram fortemente influenciadas pelo advento da pandemia de Covid-19.

Realizada no âmbito do Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual de Londrina, os resultados obtidos na pesquisa permitem um olhar mais cauteloso a respeito das políticas promovidas pela SEDUC, que nos últimos anos visaram promover a digitalização do espaço escolar independentemente da particularidade da situação de cada unidade de ensino. E a respeito de uma real consideração da importância do estudo de casos particulares, acreditamos ainda que os resultados da análise encaminham para uma leitura mais correta do contexto em que se desdobram experiências de um público específico destas políticas: a vivência dos agricultores familiares que estudam na E. E. Professor Homero Calvoso, instituição localizada no município de São Pedro do Turvo.

Considerando a vivência pessoal no espaço escolar, não seria inapropriado apontar que as ações adotadas pela SEDUC criaram um ambiente de maior controle das diversas práticas que entrelaçam o trabalho do educador e o engajamento do educando ao colocar intermediários tecnológicos nesta delicada interação já tão

debatida. E não seria exagero dizer que a condução da Secretária nos últimos anos fez avançar no ambiente escolar instrumentos de maior controle e, conseqüentemente, de maior potencial de intimidação do trabalho docente em referência direta à celebre descrição do poder disciplinador descrito por Michael Foucault em sua celebre obra *Vigiar e Punir* (2014). No caso particular que estudamos, tal paralelo com a obra de Foucault faz ressoar algumas suspeitas críticas: o contínuo investimento na digitalização das escolas estaduais promovido pela SEDUC estaria resultando em um aperfeiçoamento do Estado em sua capacidade de aplicar um poder-saber que é essencialmente definidor das condutas dos diferentes agentes em âmbito escolar? Declaradamente defendida pela atual gestão da Secretaria, a digitalização seria um investimento lucrativo do ponto de vista do operador do poder, já que plataformas e aplicativos subtraem as chances de que a compaixão ou a empatia possam manifestar-se na relação interpessoal que inevitavelmente preenchem o dia a dia e pluralizam as possibilidades de decisão tomadas no trabalho docente?

Certamente tratam-se de questões intelectualmente instigantes. Porém, tais reflexões críticas surgiram somente no final da pesquisa, e por esta razão nosso interesse acabou girando principalmente em torno do modo de utilização das TIC por agricultores familiares em suas propriedades, nos “sítios”, como foi conveniente chamar neste trabalho.

Portanto, alguém interessado neste tema pode conferir na Parte I do texto uma retomada de obras clássicas sobre o campesinato, tendo como foco o instigante tema das transformações no mundo rural sob a perspectiva deste ator social tradicional da agricultura brasileira.

Nesta primeira etapa, particularmente mais teórica, a questão do que é *rompido* e o que *permanece* no modo de vida camponês frente à relação disruptiva do avanço da racionalidade capitalista em espaços onde imperam relações tradicionais foi, acreditamos, uma questão suficientemente abordada.

O objeto da pesquisa ganhou maior relevo na Parte II. Nesta etapa o leitor teve acesso a dados qualitativos e quantitativos das famílias e do município. Uma perspectiva mais geral sobre o processo de digitalização do mundo rural brasileiro também é apresentada através de dados secundários retirados do IBGE, Anatel e CGI.br.

Na apuração desses dados, realizamos uma comparação entre as duas escalas da realidade social: o nível micro, com os dados do município e das famílias que formam o *corpus empírico* da pesquisa; e o nível macro, utilizando dados das pesquisas PNAD Contínua e TIC Domicílios.

Como resultado alcançamos um modesto avanço no que diz respeito ao processo de digitalização no Brasil, pois realçamos a existência de uma compatibilidade no perfil de utilização de TIC no nível nacional e no caso específico de São Pedro do Turvo, nas duas escalas encontramos o mesmo resultado, em primeiro lugar, o aparelho celular, e em segundo lugar, aSmarTV, como os dois principais aparelhos utilizados para conexão à internet.

Por outro lado, o leitor pode ter notado que não foram apresentadas informações a respeito dos fatores de “raça” e “gênero”, marcadores essenciais para compreender os diferentes níveis de desigualdade no acesso a TIC no Brasil e no caso específico da nossa amostra formada por 6 famílias são-pedrenses.

Sem a intenção de querer diminuir a responsabilidade que é, sim, totalmente do pesquisador, vale dizer apenas que ao notar a ausência destas informações já no andamento da pesquisa, o próprio não se sentiu à vontade em acrescentá-las sem o consentimento das famílias e não encontrou oportunidade de retornar até elas para obter tardiamente a informação por autodeclaração. Infelizmente não conseguimos preencher tal lacuna em tempo hábil.

Finalmente, na Parte III, assumimos o desafio de lançar mão do conceito de *habitus*, do sociólogo francês Pierre Bourdieu, para analisar o conteúdo qualitativo dos dados, ou seja, o relato de cada família da agricultura familiar vinculada desde 2021 à E.E. Prof. Homero Calvoso.

Os capítulos que formam a Parte III versam sobre a importância do capital econômico e cultural, considerando a condição em que estes capitais foram transmitidos, como herança ou não.

Notamos que, apesar da felicidade de termos estudados situações bastante representativas das situações vividas pelas famílias, o formulário de questões norteadoras utilizado (ver **ANEXO II**) não se mostrou totalmente alinhado a uma análise que se pretendia bourdieusiana. Faltou, admitimos, a formulação de questões mais direcionadas a captar informações sobre os dois tipos de capital fundamentais para a teoria.

No que diz respeito ao capital econômico, faltaram especialmente questões referentes à renda *per capita* e à renda total familiar. Já no que se refere ao capital cultural, a considerável homogeneidade da situação das famílias não permitiu identificar grande diferença no nível da formação educacional dos pais, avós e até dos próprios jovens estudantes. No caso dos jovens, todos compartilhavam de uma trajetória bastante semelhante, sendo que majoritariamente passaram pelas mesmas instituições de ensino no município. A solução, talvez, fosse empregar uma análise do rendimento acadêmico, investimento que acabaria por desconfigurar o recorte proposto pela pesquisa.

Por fim, declaramos sentir profundo sentimento de alegria por concluirmos essa pesquisa com a sensação de termos contribuído com a missão de produzir ciência na universidade pública e, mesmo com as limitações já citadas, estamos igualmente satisfeitos em apresentar um trabalho que considera a situação dos agricultores familiares de um município do interior de São Paulo, o que, na nossa opinião, fortalece o caráter democrático das instituições públicas que produzem pesquisa em âmbito acadêmico no Brasil.

## ANEXO I

### *Festas da Bandeira*

A Festa de São João, também chamada pelos participantes apenas como Festa da Bandeira, ocorre todo ano no dia 24 de julho, segundo o calendário oficial brasileiro. No dia 29 de junho outro santo é festejado, agora é a vez de São Pedro, em uma festa igualmente referida pelos participantes como Festa da Bandeira.

Juntas, as duas festas da bandeira colocam em relação colaborativa três bairros de São Pedro do Turvo, são eles, o bairro do Palmital, Tarumã e Saltinho. De modo complementar e de maneira tal que coloca em interação a maior quantidade de famílias na devoção religiosa dos santos, as festas seguem direções opostas, fazendo circular funções e responsabilidades em uma lógica de retribuição.

São apenas duas as funções a serem cumpridas. O integrante de uma família pode ser escolhido como capitão da festa, responsável por confeccionar a bandeira adornada com a imagem do santo e que deverá ser levada até o outro bairro. Também é de responsabilidade do capitão organizar em seu “sítio” o terço que dará início à festa, assim como oferecer aos participantes o banquete que precede a caminhada.

Os caminhantes levam a bandeira até o “sítio” do festeiro, responsável por recepcionar o objeto que é passado à mão pelo capitão acompanhado dos fiéis. É também de responsabilidade do festeiro a organização do terço que marca a chegada da imagem ao destino esperado. Chegado ao fim da liturgia, dá-se início a uma grande festa que apresenta os elementos da cultura popular brasileira.

**Pesquisador:** Faz tempo que tem essa festa?

**Fá:** Ah, mais de trinta anos, pelo que eles falam.

**PT:** A de São João nem tanto, né? A de São Pedro é mais antiga.

**Fá:** É porque... eu faz vinte... vai fazer vinte e cinco anos que eu tô aqui, e já tinha.

**PT:** São João, na época ela era só lá no Saltinho, aí, pra ficar mais populoso, um dia tinha um rapaz daqui que estava lá...eles preferiram pônhar um capitão daqui, pra juntar as duas comunidades, pra ficar mais...

**PT:** Mais, mais gente, né?... maior participação.

Uma lógica retributiva organiza a distribuição das funções que são as mesmas nos dois bairros, mas seguem sentidos opostos a depender do santo em comemoração. Assim, se a Festa de São João terá sempre seu festeiro escolhido nos bairros do Tarumã ou Saltinho, o capitão será necessariamente escolhido no bairro do Palmital. Em sentido contrário e complementar, na festa que deverá ocorrer uma semana depois, a de São Pedro, o festeiro deverá pertencer a umas das

famílias do bairro Palmital, enquanto o capitão será sempre escolhido entre os moradores do bairro Tarumã ou Saltinho.

**João:** O capitão é uma pessoa solteira que passa para outra, e vai passando, né?

**PT:** Que nem, esse ano, no dia da festa, o João Pedro nomeia uma pessoa que ele pretende que seja no ano que vem.

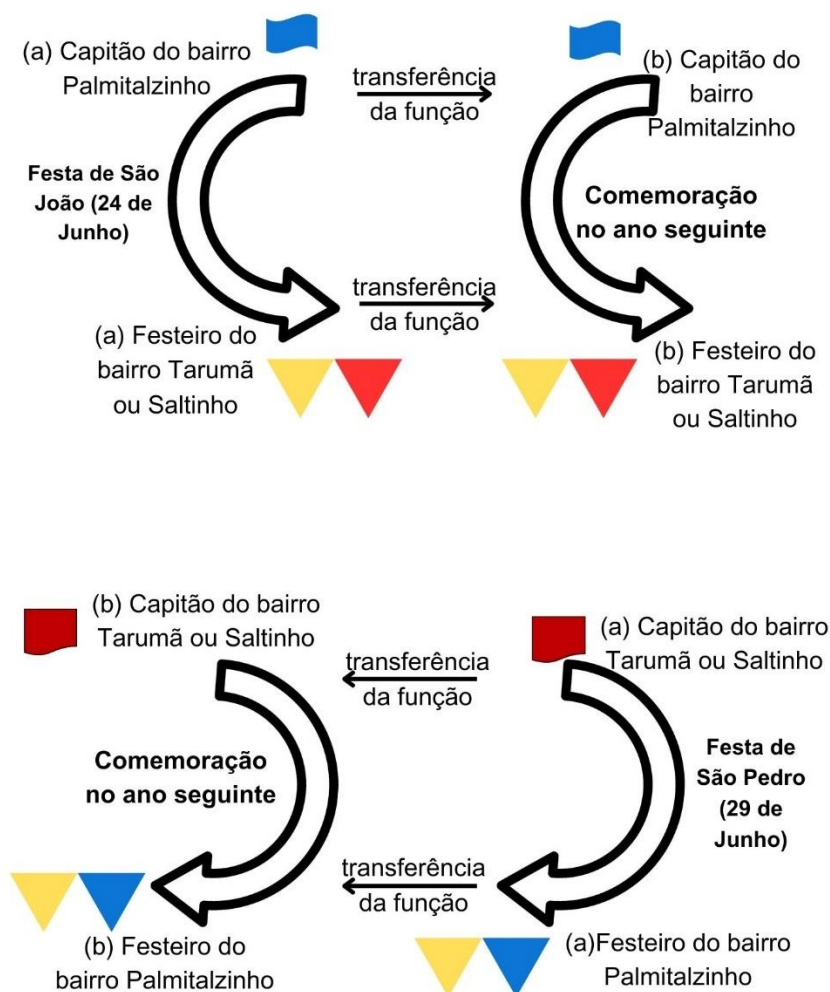
**João:** Aí essa pessoa que...

**PT:** E essa pessoa vai ser responsável no próximo ano, de ser a mesma coisa da Vá, né?, vai nomear outro festeiro...

**João:** Para o festeiro do próximo ano, aí é outra festa, e é a mesma coisa, só que daí o capitão é de lá e o festeiro é daqui [se referindo à festa do São Pedro].

Desta maneira, a bandeira de São João sempre será recepcionada pela comunidade de Tarumã ou Saltinho, enquanto a bandeira de São Pedro será sempre recebida por uma família da comunidade do Palmital, como demonstrado no gráfico abaixo:

**Gráfico 5 - Dinâmica complementar das festas de São João e São Pedro**



Fonte: o autor, 2023

De modo geral, podemos dizer que as duas festas criam uma dinâmica que conecta afetivamente as famílias vizinhas, já que os capitães e festeiros são escolhidos dentro do mesmo bairro: No fim da liturgia e momentos antes de se dar início à festa, o capitão e o festeiro vão ao público para anunciar quem serão as famílias que irão cumprir as funções no próximo ano.

As festas também ajudam a fortalecer os laços de integração entre os bairros que participam, pois estende para além da vizinhança a relação de “dar e receber”.

Dessa maneira, a necessidade moral da retribuição e a consideração pública de ter sido um bom anfitrião são bastante valorizadas pelas famílias

protagonistas e, como pude observar, faz com que os escolhidos para qualquer uma das funções importantes aceitem de bom grado e sintam-se honrados pela oportunidade.

### *Observação participante da Festa da Bandeira de São João*

24 de junho de 2023

A oportunidade da observação participante surgiu como um inesperado convite feito pela família Mendonça (**A**) que vive no bairro Palmital. Tendo aceitado o convite, me apressei para realizar a entrevista com a outra família que seria parte importante na realização da festa, pois João, filho de PT (**D**), também do bairro Palmital, havia sido escolhido para cumprir a função de capitão da festa de São João.

Portanto, na ocasião da entrevista com a **Família D** (17 de junho de 2023), aproveitei para confirmar se de fato poderia participar da festa com este objetivo incomum de ser um participante interessado no registro do evento. Tentei logo explicar à família sobre a importância que tal registro poderia ter para minha pesquisa, pois se trataria de um evento de grande valor simbólico para o trabalho que estava desenvolvendo. Sem maiores ressalvas, a família concordou, PT se colocou à disposição para sanar qualquer dúvida que eu pudesse ter no dia da festa e, antes de fecharmos o assunto, fez um convite acolhedor: “Traz também sua esposa.”

No sábado, uma semana depois da entrevista, voltei até o “sítio” da **Família D** para acompanhar a festa que estava prestes a começar, às 15:00 horas.

No saguão do Centro Comunitário, algumas pessoas se acomodavam em cadeiras de plástico enquanto outras permaneciam em pé ao redor, todas direcionando o olhar para o pequeno altar à frente, onde se encontrava a bandeira com a imagem do santo.

O barracão estava decorado com faixas e flores e, enquanto esperava, do lado de fora, o início da festa, aproveitava o distanciamento para observar o local que, como vim a saber na entrevista da semana anterior, foi construído através da doação de material e do trabalho em mutirão das famílias da comunidade do Palmital.

**Figura 7 - Abertura da festa no Centro Comunitário do Palmital 2**



Fonte: o autor, 2023.

A capela, outra obra que compõem o Centro Comunitária, também foi construída sob igual colaboração coletiva. Uma construção bastante singela, de pequenas proporções, mas fundamental como referência organizacional e religiosa para as famílias que moram no bairro do Palmital. Pelo menos uma vez por mês, a capela recebe o padre da paróquia “São Pedro do Turvo” para uma missa que reúne novamente toda a comunidade.

**Figura 8 - Capela do Centro Comunitário**



Fonte: o autor, 2023

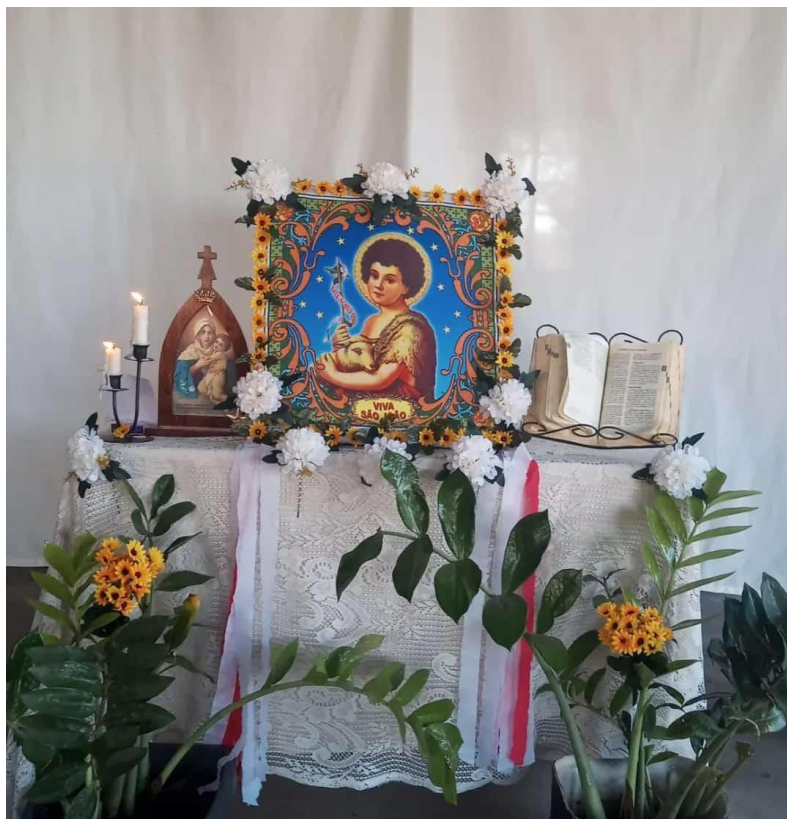
No horário marcado, teve início a reza do terço<sup>38</sup> que imprimia a repetição de ave-marias e pai-nossos a todos que estavam diante do altar. Fá era quem iniciava cada reza e, por isso, ditava o ritmo, exclamando em alto som as frases que orientavam a todos. Assim, intercalavam-se a voz feminina de Fá e as vozes masculinas de PT e João, enquanto, ao fundo e com menos força, repercutia a voz do público, prolongando-se por exatamente uma hora a atmosfera litúrgica da cerimônia que marcava o primeiro ato da festa.

Em alguns momentos, apenas ecoavam as vozes da família do capitão, enquanto o público permanecia em silêncio, mas sem abdicar da postura complacente, em aparente estado meditativo presente mesmo entre aqueles que permaneciam em pé.

---

<sup>38</sup> O terço leva este nome por ser uma parte do rosário, que é três vezes mais longo do que o terço.

**Figura 9 - Altar do capitão**

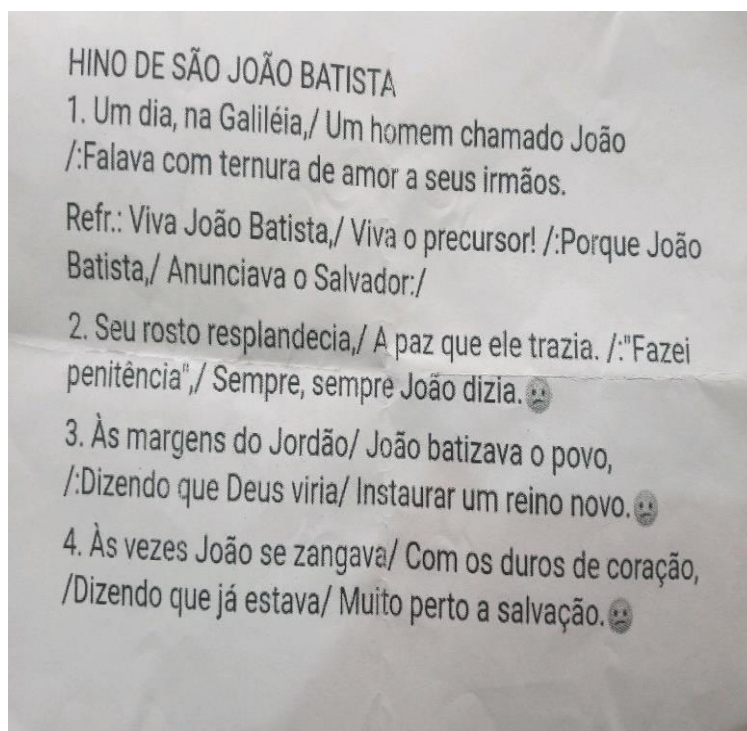


Fonte: o autor, 2023

A presença do digital na tradicional festa se fez notar no panfleto disponibilizado para indicar a postura que o devoto deveria ter durante a declamação do Hino de São João Batista. Com uma iniciativa bastante didática, a disposição emocional esperada foi indicada utilizando emoticons que enfatizavam o teor devocional exigido na proclamação de cada frase.

Chegado o fim da reza do terço, a família então serve o banquete. Em uma grande mesa, são colocadas à disposição de todos as receitas caseiras e compradas. Apesar dessa primeira refeição ser de responsabilidade da família do capitão, nota-se que a mesa é montada com a contribuição das outras famílias da comunidade e, no momento em que servem-se os bolos, biscoitos e refrigerantes, são as mulheres da vizinhança que se colocam proativamente à disposição de organizar e servir a todos, deixando claro o caráter colaborativo da festa.

**Figura 10 - Panfleto ilustrado com Emoticon**



Fonte: o autor, 2023

**Figura 11 - Banquete**



Fonte: o autor, 2023.

No passado, quando a bandeira do santo era levada em uma longa caminhada e cavalgada até o bairro com a missão de recebê-la e tocar a grande festa, a refeição servida pela família do capitão possuía um valor vital bastante importante, visto a necessidade de manter motivados os fiéis. Porém, já faz um tempo que o percurso passou a ser realizado com automóveis, escurecendo o

objetivo mais tradicional da farta refeição servida na primeira etapa da festa. Entretanto, garantir uma boa recepção aos participantes continua sendo uma responsabilidade da qual não se pode abrir mão, mesmo que hoje a razão do banquete pertença um tanto mais ao campo do simbólico do que já foi no passado, no tempo em que a refeição que precedia a caminhada era absolutamente imprescindível para o sucesso da empreitada.

**Figura 12 - Recepção da bandeira pelo casal festeiro**



Fonte: Thayane Mendonça (Thay), 2023.

Por isso, é uma carreta que segue ao “sítio” da **Família E** no bairro do Saltinho. Acompanho a fila de carros que atravessam o município de São Pedro, alguns vão disparando rojões pelo caminho, avisando que está de passagem a bandeira de São João. Ao chegar no “sítio” do festeiro, os carros são deixados no gramado logo na entrada da propriedade e a multidão se coloca em pé guiada pelo capitão que se coloca à frente com a bandeira. Na direção contrária, surge rapidamente a família responsável pela recepção da bandeira, Vá, Rô e Cadu, acompanhados pela multidão formada pelos moradores dos bairros do Saltinho e do Tarumã.

A recepção da bandeira é uma transmissão direta de responsabilidade. A partir daí, a festa passa à direção da família do festeiro. Rojões soam. A Festa agora é a de São João.

**Figura 13 - Vá e Rô com a bandeira de São João**



Fonte: Thayane Mendonça (Thay), 2023

**Figura 14 - Altar do festeiro**



Fonte: Thayane Mendonça (Thay), 2023.

**Figura 15 - Terço**



Fonte: Thayane Mendonça (Thay), 2023.

Provavelmente mais de 100 pessoas estavam ali presentes no “sítio” do casal Andrade. Espalhadas, algumas conseguiram ficar perto do altar montado no quintal da casa de Vá e Rô. Outros tentaram ficar próximos da imagem o máximo possível. Mas alguns homens preferiam ficar relativamente distantes em companhia

de outros sitiantes, formando pequenos grupos ao redor do quintal, e teciam comentários sobre a situação de colegas agricultores, safras e investimentos desejados. Finalmente as famílias dos três bairros se encontravam.

Não demorou muito para que tivesse início o terço que dessa vez ocorria sob os cuidados do festeiro. Com auxílio de uma orientadora mais experiente, Vá e Rô tocavam o ritmo das palavras e seguiam a sequência correta dos procedimentos, vencendo o nervosismo de estarem participando ativamente pela primeira vez da tradicional festa.

Com o fim da cerimônia, o casal festeiro e João, o capitão, se direcionam ao público pedindo a palavra, é hora de escolher as famílias que irão cumprir as funções de capitão e festeiro no ano seguinte.

**Figura 16 - Música litúrgica no violão**



Fonte: Thayane Mendonça (Thay), 2023.

No último ato que precede a comemoração, a bandeira do Santo é estada em um longo pau, rojões soam, galinhas que se escondiam atrás da folhagem de uma árvore correm assustadas com o barulho repentino. A fogueira é acesa e as crianças se juntam para brincar no terreiro: Tem início a festa de São João!

**Figura 17 - Hasteamento da bandeira de São João**



Fonte: o autor, 2023.

**Figura 18 - Registros e rojões, inicia-se mais uma festa de São João**



Fonte: o autor, 2023

## **ANEXO II**

### Formulário de Questões Norteadoras

#### Geral:

- Nome
- Quem são os integrantes da família que vivem na propriedade
- Idade de todos os integrantes da família
- Nível de Escolaridade de todos
- Alguém trabalha em outra ocupação que não seja a de produção familiar? No quê?
- Renda média familiar
- Vivem há quanto tempo na propriedade?
- O que é produzido em sua propriedade rural?

#### Condição tecnológica familiar:

- Contando todos os integrantes que vivem na sua casa, qual o número de aparelhos tecnológicos que possuem? (Ex.: Computador, desktop, notebook, tablets, video game, celular e/ou televisão)
- Saberia dizer em qual ano a família adquiriu cada um destes aparelhos?
- Saberia apontar a razão que motivou a família a adquirir cada um dos aparelhos?
- Por quais meios se faz uso da internet na propriedade, Wi-Fi, banda larga ou rede de telefonia móvel (3G ou 4G)?
- Em qual ano foi adquirido o acesso à internet?
- De todos os aparelhos tecnológicos, quais têm conexão com a internet?
- Saberia contar a principal razão para a aquisição dos pacotes de internet que a família faz uso?
- Na família, quem contribui com o pagamento do serviço de internet contratado?

#### Produtividade doméstica:

- Faz uso de alguma tecnologia em uma das etapas de produção?
- Os aparelhos utilizados na produção precisam estar conectados à internet?
- Utiliza a internet para vender alguns dos produtos que são cultivados aqui? Como isso é feito?
- Costuma utilizar a internet para consultar preço de insumos, ferramentas, maquinários, ou qualquer produto que contribuirá para sua produção agrícola?

### Consumo na internet:

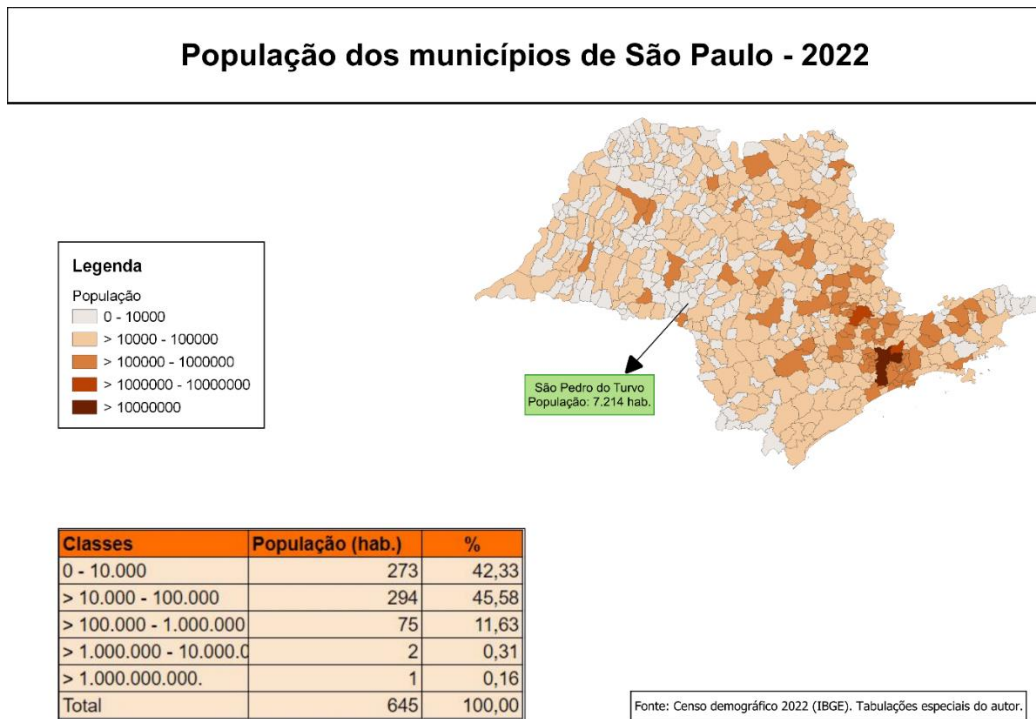
- Saberia descrever quais suas principais atividades diárias navegando na internet? Exemplos.
- Na família, existe alguma conta ativa em plataforma de streaming, como Netflix, Disney Plus etc.? Se sim, o que vocês costumam assistir?
- Quais os aplicativos mais utilizados por você e sua família?
- Você ou alguém da sua família costuma fazer download de algum arquivo da internet? (Como música, livros em pdf, filmes, séries, imagens, gifs etc.)
- Possui conta ativa em alguma rede social? Qual sua preferida? Poderia descrever um pouco do seu uso na rede social?
- Costuma fazer compras na internet? Se sim, em quais sites?
- Já vendeu alguma coisa utilizando a internet?

### Educação e perspectiva geracional:

- Quem da sua família você diria saber melhor utilizar os aparelhos tecnológicos?
- Você ou alguém da sua família já fez algum curso para aprender as funções dos aparelhos que possuem?
- Você considera seu conhecimento tecnológico como sendo alto, médio ou baixo?
- Você diria que seu filho(a) que está matriculado na E. E. Professor Homero Calvoso precisa da internet para cumprir com as tarefas escolares?
- Você ou alguém da sua família possui algum interesse em ter uma formação na área de tecnologia? Você enxerga tal formação como uma possibilidade promissora para seu filho(a)?
- Você teria algum ponto negativo para apontar no que se refere ao modo que seu filho(a) utiliza a internet? Vê pontos positivos também, quais?
- Possui alguma expectativa referente à educação tecnológica do seu filho(a) ? Você estaria disposto(a) a investir numa formação que visa este aprimoramento?
- Acredita que seu filho(a) continuará vivendo e cuidando da propriedade familiar ou possui alguma outra expectativa em relação ao seu futuro?

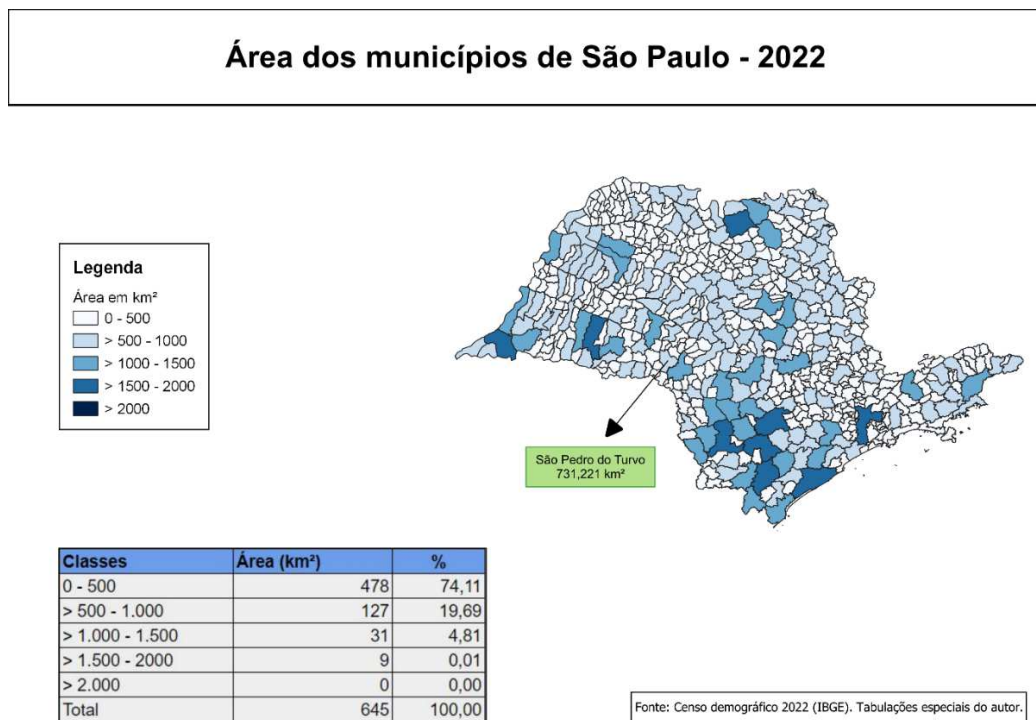
## ANEXO III

Mapa 4 - População dos municípios de São Paulo – 2022



Fonte: Censo demográfico 2022 (IBGE). Tabulações especiais do autor.

Mapa 5 - Área dos municípios de São Paulo – 2022



Fonte: Censo demográfico 2022 (IBGE). Tabulações especiais do autor.

## BIBLIOGRAFIA

ALONSO, Gustavo. Jeca Total: a invenção do sertanejo urbanizado na academia paulista. In. SANGLARD, Gisele; ARAÚJO, Carlos E. M.; SIQUEIRA, José Jorge (org.). História Urbana: memória, cultura e sociedade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. p. 337-362.

ANATEL. Dados da Anatel sobre São Pedro do Turvo. <https://informacoes.anatel.gov.br/paineis/meu-municipio/>. Acesso em: 04/09/2023.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Caipiras de São Paulo**. Ed. Brasiliense. 1983.

BRANDENBURG, Alfio. A colonização do mundo rural e a emergência de novos atores. *Ruris (Campinas)*, v. 4, p. 167-194, 2012.

BRANDENBURG, Alfio. Do rural tradicional ao rural socioambiental. *Ambiente e Sociedade (Campinas)*, v. XIII, p. 417-428, 2010.

BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna. Tradução de: Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 2012.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Perspectiva, 8 ed, São Paulo-SP, 2015.

BOURDIEU, P. **A Distinção**: crítica social do julgamento. Zouk, 2 ed. Porto Alegre-RS, 2011.

BOURDIEU, P. O Camponês e seu corpo. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, **26**, p. 83-92, jun. 2006.

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: \_\_\_\_ **ASociologia de Pierre Bourdieu**. Org. Renato Ortiz. Olho d' Água, 2003.

BOURDIEU, P. Espaço social e espaço simbólico. In: \_\_\_\_\_. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. São Paulo:Papirus, 1996.p. 13-28.

BOURDIEU, P; PASSERON, CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **A Profissão de Sociólogo**: preliminares epistemológicas. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 1999.

CANDIDO, Antônio. Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e as transformações dos seus meios de vida. São Paulo: Ed. 34, 2001. (Coleção Espírito Crítico).

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede: A era da informação: economia, sociedade e cultura. Tradução de Roneide Venâncio Majer; atualização para 6ª edição: Jussara Simões. São Paulo: Paz e Terra, v.1, 1999.

CASTELLS, Manuel. A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução de: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 2003.

DOURADO, C. P. Simone; et al. Geração, Família e Juventude na era virtual. Psicologia em revista (Belo Horizonte), v. 24, n.2, p.424-441, 2018.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D.; FELLIPI Ângela Cristina Trevisan. Ruralidade e tecnologias de informação e comunicação: os novos modos de viver de famílias agricultoras. **Cuadernosdel CLAEH**, Segunda série, ano 36, n.o 106, 2017-2.

FERNANDES, Maurício. Tecnologia e ruralidade: considerações a partir da tese da colonização de Jürgen Habermas. Vozes, pretéritos & devir. V. XI, nº 11, p. 291-306, 2020.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhete. 42, ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2014.

GIDDENS, Antony. Consequências da modernidade. São Paulo: Unesp, 1991.

LEFF, Enrique. Racionalidade Ambiental: a reapropriação da natureza. Tradução de: Luiz Carlos Cabral, 2º ed. Rio de Janeiro – RJ: Civilização Brasileira, 2014.

MANNHEIM, Karl. “O significado do conservantismo”. In: FORACCHI, Marialice M. (Org.). Mannheim: sociologia. São Paulo: Ática, 1982, p. 107-136.

PNAD CONTÍNUA. Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2019. file:///C:/Users/Sala%20dos%20Professores/Downloads/liv101794\_informativo.pdf.

POLANYI, K. O moinho satânico. In: POLANYI, K. A grande transformação: as origens de nossa época. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

PIRES, A. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: POUPART, Jean et al. (org) **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, J et al. (org) **A pesquisa qualitativa. Enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. In: THOMPSON, E. P. Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. [Cap. 6: p. 267-304]

TOENNIES, Ferdinand. “As tipologias clássicas: comunidade e sociedade”. In: CHAZEL, F.; BIRNBAUM, P. Teoria sociológica. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1977, p. 106-114;

WANDERLEY, M. N. B. A ruralidade no Brasil moderno; por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: Norma Giarracca. (Org.). ¿Una nueva ruralidad en América Latina? Buenos Aires: CLACSO, 2001, v., p. 31-44.

WANDERLEY, M. N. B. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. 2004. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).

WANDERLEY, M. N. B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. 1997. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas. Estudos sociedade e agricultura, 2013.

WEBER, Max. Formas características da ação social. In: Conceitos básicos de sociologia. São Paulo: Centauro, 2002, p.41-44.

WOORTMANN, Klass. Migração, família e campesinato. Revista Brasileira de Estudos de População. v.7. n. 1, jan./jun. 1990.

WOORTMAN, Klass. “Com parente não se neguceia”. Anuário Antropológico. Editora Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro. V.12. p. 11-73. 1990.